HERPETOLOGIA BRASILEIRA

ISSN: 2316-4670

Volume 7 - Número 1 - Fevereiro de 2018



SBH
SOCIEDADE BRASILEIRA DE HERPETOLOGIA

HERPETOLOGIA BRASILEIRA

Uma Publicação da Sociedade Brasileira de Herpetologia

INFORMAÇÕES GERAIS

A revista eletrônica *Herpetologia Brasileira* é quadrimestral (com números em março, julho e novembro) e publica textos sobre assuntos de interesse para a comunidade herpetológica brasileira. Ela é disponibilizada apenas online, na página da Sociedade Brasileira de Herpetologia; ou seja, não há versão impressa em gráfica. Entretanto, qualquer associado pode imprimir este arquivo.

SEÇÕES

Notícias da Sociedade Brasileira de Herpetologia: Esta seção apresenta informações diversas sobre a SBH e é de responsabilidade da diretoria da Sociedade.

Notícias Herpetológicas Gerais: Esta seção apresenta informações e avisos sobre os eventos, cursos, concursos, fontes de financiamento, bolsas, projetos, etc., de interesse para nossa comunidade.

Notícias de Conservação: Esta seção apresenta informações e avisos sobre a conservação da herpetofauna brasileira ou de fatos de interesse para nossa comunidade.

Dissertações & Teses: Esta seção apresenta as informações sobre as dissertações e teses sobre qualquer aspecto da herpetologia brasileira defendidas no período.

Resenhas: Esta seção apresenta textos que resumem e avaliam o conteúdo de livros de interesse para nossa comunidade.

Trabalhos Recentes: Esta seção apresenta resumos breves de trabalhos publicados recentemente sobre espécies brasileiras, ou sobre outros assuntos de interesse para a nossa comunidade, preferencialmente em revistas de outras áreas.

Mudanças Taxonômicas: Esta seção apresenta uma lista descritiva das mudanças na taxonomia da herpetofauna brasileira, incluindo novas espécies e táxons maiores, novos sinônimos, novas combinações e rearranjos maiores.

Métodos em Herpetologia: Esta seção apresenta descrições e estudos empíricos relacionados aos diversos métodos de coleta e análise de dados, representando a multidisciplinaridade da herpetologia moderna.

Ensaios & Opiniões: Esta seção apresenta ensaios históricos e biográficos, opiniões sobre assuntos de interesse em herpetologia, descrições de instituições, grupos de pesquisa, programas de pós-graduação, etc.

Notas de História Natural: Esta seção apresenta artigos curtos que, preferencialmente, resultam de observações de campo, de natureza fortuita, realizadas no Brasil ou sobre espécies que ocorrem no país. Os artigos não devem versar sobre **(1)** novos registros ou extensões de área de distribuição, **(2)** observações realizadas em cativeiro ou **(3)** aberrações morfológicas.

Obituários: Esta seção apresenta artigos avisando sobre o falecimento recente de um membro da comunidade herpetológica brasileira ou internacional, contendo uma descrição de sua contribuição para a herpetologia.

Editores Gerais:	Marcio Martins Magno Segalla Délio Baêta Bianca Von Muller Berneck
Notícias da SBH:	Giovanna G. Montingelli Fausto Erritto Barbo
Notícias Herpetológicas Gerais:	Cinthia Aguirre Brasileiro Paulo Bernarde
Notícias de Conservação:	Luis Fernando Marin Débora Silvano Yeda Bataus
Dissertações & Teses:	Giovanna G. Montingelli
Resenhas:	José P. Pombal Jr. *(anfíbios)* Renato Bérnils *(répteis)*
Trabalhos Recentes:	Ermelinda Oliveira Rafael dos Santos Henrique Rachel Montesinos
Mudanças Taxonômicas:	José A. Langone *(anfíbios)* Paulo C. A. Garcia *(anfíbios)*
Métodos em Herpetologia:	Camila Both Denis Andrade Felipe Grazziotin Felipe Toledo
Ensaios & Opiniões:	Julio C. Moura-Leite Luciana Nascimento Teresa Cristina Ávila-Pires
Notas de História Natural:	Cynthia Prado Marcelo Menin Marcio Borges-Martins Mirco Solé Paula Valdujo Ricardo Sawaya
Obituários:	Francisco L. Franco Marinus Hoogmoed
Contato para Publicidade:	Magno Segalla

Sociedade Brasileira de Herpetologia

www.sbherpetologia.org.br

Presidente:	Marcio Martins
1º Secretário:	Bianca Von Muller Berneck
2º Secretário:	Gabriella Leal
1º Tesoureiro:	Rafael dos Santos Henrique
2º Tesoureiro:	Rachel Montesinos
Conselho:	Taran Grant, José P. Pombal Jr., Magno V. Segalla, Ulisses Caramaschi, Teresa C. Ávila-Pires, Marcelo Napoli, Márcio Borges Martins, Diego J. Santana e Julián Faivovich.

© Sociedade Brasileira de Herpetologia

Diagramação:	Airton de Almeida Cruz
Foto da Capa:	*Aplastodiscus* gr. *albosignatus,* Piraquara, PR. Foto: Magno Segalla.

HERPETOLOGIA BRASILEIRA

Uma Publicação da Sociedade Brasileira de Herpetologia

ÍNDICE

Notícias Herpetológicas Gerais 01

Notícias de Conservação 04

Resenhas 07

Trabalhos Recentes 09

Mudanças Taxonômicas 11

Obituários 58



Boana albomarginata, Morretes PR. Foto: Magno Segalla.

EXTINÇÃO DA FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RIO GRANDE DO SUL REPRESENTARÁ UM RETROCESSO CIENTÍFICO, AMBIENTAL E CULTURAL SEM PRECEDENTES NA HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

Roberto Baptista de Oliveira
Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul
Márcio Borges Martins
Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Luís Fernando Marin da Fonte
IUCN SSC Grupo de Especialistas em Anfíbios do Brasil (ASG Brasil)

A Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZBRS) é uma instituição pública estadual criada oficialmente em 1972, para agregar os já existentes Museu Riograndense de Ciências Naturais (fundado em 1955; renomeado para Museu de Ciências Naturais), Jardim Botânico de Porto Alegre (fundado em 1958) e Parque Zoológico do Rio Grande do Sul (fundado em 1962). Atualmente a FZBRS é ligada à Secretaria do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEMA), sendo um dos mais antigos, importantes e respeitados centros de pesquisa, educação ambiental e conservação da natureza da região sul do Brasil. Dentre as inúmeras atribuições da FZBRS estão, por exemplo, a elaboração das listas de espécies da fauna e flora ameaçadas de extinção no Estado do Rio Grande do Sul, bem como a manutenção de coleções científicas e a editoração de tradicionais periódicos especializados, como a Iheringia, séries Zoologia e Botânica. Graças à alta qualificação de seu corpo técnico, formado por pesquisadores e técnicos especialistas em diversos grupos da fauna e flora, e de suas importantes bases de dados, a FZBRS é essencial para a pesquisa, a gestão e a conservação da biodiversidade do extremo sul do Brasil.

Dentre as inúmeras atribuições da FZBRS, sem sombra de dúvidas, uma de suas mais relevantes e insubstituíveis funções é a manutenção de grandes acervos com amostras da biodiversidade, atual e fóssil. O Museu de Ciências Naturais (MCN) é um dos maiores e mais importantes museus do Brasil e da América Latina. Com um acervo de mais de 600.000 lotes/espécimes, organizados em 58 coleções científicas, inclui exemplares coletados desde o final do século XIX e cerca de 2.900 espécimes-tipo. O acervo do MCN possui a mais representativa amostra da biodiversidade do Bioma Pampa brasileiro. De interesse especial para a herpetologia, o MCN possui importantes coleções científicas de anfíbios e répteis. As coleções de répteis, hoje como mais de 17.000 exemplares, e de anfíbios, com mais de 14.000 exemplares, tiveram seu início junto à criação do Museu Rio-Grandense de Ciências Naturais (MRCN), com a doação, em 1955, da coleção particular do Prof. Dr. Thales de Lema, um de seus fundadores. Além do acervo museológico, a FZBRS também possui uma importante coleção "in vivo" de interesse herpetológico. O serpentário do Núcleo Regional de Ofiologia de Porto Alegre (NOPA), criado pelo Ministério da Saúde na década de 1980 como parte de uma rede nacional de Núcleos de Ofiologia, cumpre papel insubstituível no Rio Grande do Sul, recebendo serpentes de todo o território gaúcho para identificação e destinação. Estas serpentes são mantidas em um biotério e têm viabilizado estudos para a melhoria na qualidade do soro antiofídico brasileiro, com destacada importância para a produção de veneno da cobra-coral *Micrurus altirostris*. Não há outra instituição no RS que mantenha acervos "in vivo" com a abrangência e magnitude das existentes na FZBRS.

Surpreendentemente, apesar da reconhecida importância da FZBRS, o grupo político que atualmente governa o Estado do Rio Grande do Sul avança a passos largos em um plano de extinguir a instituição. Já em 2015, no seu primeiro ano de mandato, o governador José Ivo Sartori (MDB) e a secretária do meio-ambiente Sra. Ana Pellini fizeram seu primeiro ataque à FZBRS, através do encaminhamento, em caráter de urgência, de projeto de lei ao Legislativo solicitando autorização para sua extinção, alegando necessidade de "significativa economia" frente à grave crise econômica do RS. A repercussão e mobilizações contrárias foram grandes e obrigaram o governo a recuar, retirando o regime de urgência para apreciação do projeto de lei pelo Legislativo. No final do ano seguinte, contudo, o governo voltou à carga, desta vez encaminhando ao Legislativo novo projeto de lei autorizando a extinção da FZBRS e de outras cinco fundações públicas de direito privado, incluindo a demissão de todos os servidores. A repercussão e manifestações foram ainda maiores, mas, utilizando de manobras e articulações políticas com o Legislativo, o governado conseguiu a aprovação do projeto na madrugada do dia 20 de dezembro 2015, em uma sessão marcada pela restrição do acesso de manifestantes ao plenário e pelo forte aparato policial isolando a Assembleia Legislativa.

Apesar do êxito obtido junto ao Legislativo, os planos do governo de concluir a extinção da FZBRS foram dificultados pela exigência de que a Secretaria do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Rio Grande do Sul (SEMA) assumisse suas atribuições, o que é inviável sem os técnicos da FZBRS, conforme manifestado formalmente pelos próprios servidores da SEMA, e pela consideração do Jardim Botânico e do acervo do Museu de Ciências Naturais como patrimônios do Estado do Rio Grande do Sul, conforme previsto na própria lei que autorizou sua extinção, além de outras complexas questões trabalhistas. Já em janeiro de 2017, quando o governo dava os primeiros indicativos de iniciar os desligamentos de servidores e esvaziamento das instituições, os sindicatos representando as categorias envolvidas obtiveram junto ao Tribunal Regional do Trabalho liminares impedindo as demissões sem processo de negociação coletiva. Paralelamente, o Ministério Público Estadual (MPE), através da Promotoria de Justiça de Defesa do Meio Ambiente de Porto Alegre, ajuizou ação buscando garantir a continuidade das atividades executadas pela FZBRS. Em outubro de 2017, em meio às negociações coletivas mediadas pela justiça do trabalho, o governo obteve, junto ao Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Gilmar Mendes, liminar retirando a exigência de negociação coletiva para promover as demissões dos servidores das fundações em processo de extinção e retomou as movimentações para este objetivo. Os sindicatos novamente recorreram à Justiça do Trabalho, que proferiu liminares garantindo estabilidade aos servidores que que ingressaram por concurso público e já possuíssem três anos de estágio probatório. O Governo do Estado apelou novamente ao STF, buscando a cassação da liminar, mas o Ministro Gilmar Mendes transferiu a decisão para

o Plenário do STF, sem previsão de apreciação até o momento. Adicionalmente à liminar impedindo provisoriamente a demissão dos servidores da FZBRS, a ação ajuizada pelo MPE resultou em outra liminar, expedida em janeiro de 2018, determinando que o governo apresente plano detalhado de absorção das atividades da FZBRS pela SEMA, garanta a manutenção da categoria "A" do Jardim Botânico, e não interrompa as pesquisas em andamento.

Até o momento, o governo gaúcho não apresentou ao Judiciário o plano de absorção das atividades da FZBRS pela SEMA, e, embora não possa no momento demitir a maioria dos servidores, o que pulveriza a falaciosa e frágil justificativa de economia, prossegue executando o processo de sua extinção, marcado para ser concluído até 17 de abril de 2018, conforme projeções do próprio governo. Como é obrigado a manter as funções da FZBRS, o governador criou através de decreto o Departamento de Projetos e Pesquisa na estrutura da SEMA, e a quase totalidade de servidores da FZBRS já foi transferida provisoriamente para esta Secretaria. A criação do Departamento de Projetos e Pesquisa aparentemente consiste apenas em um artifício administrativo para cumprir em teoria a exigência de continuidade das atividades da FZBRS prevista na Lei que autorizou sua extinção, mas muitas questões permanecem ainda sem respostas. Como uma instituição de pesquisa, dependente de recursos oriundos de órgãos de fomento, pode funcionar na estrutura de um órgão da administração direta, sem poder acessá-los? Irá a SEMA investir recursos do seu já limitado orçamento em pesquisa? Poderá ser continuado o programa de concessão de bolsas de iniciação científicas, ou simplesmente o importante papel de formação de jovens pesquisadores deixará de existir? Quem será responsável pela curadoria das preciosas coleções científicas caso o governo consiga demitir os pesquisadores da FZBRS? E mesmo que a estabilidade dos pesquisadores seja reconhecida pelo STF, como se dará a continuidade da curadoria após sua aposentadoria, já que ocuparão cargos em extinção? Como será garantido o acesso ao acervo científico a pesquisadores de outras instituições? Estas e muitas outras questões permanecem sem resposta e evidenciam o total descaso do atual Governo do Estado do Rio Grande do Sul com a pesquisa e conservação da biodiversidade.

Quaisquer que sejam as justificativas deste governo, representantes de diversos setores da sociedade são contrários à extinção da FZBRS e têm respondido inequivocamente a estas questões (ver exemplos em "Sartori e os Elefantes" e "Carta ao Governador"). Em um documento eminentemente técnico, especialistas de diversas áreas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul emitiram em 2017 parecer em carta aberta ao presidente e conselheiros do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul e à toda comunidade gaúcha, onde consideram "inaceitável qualquer medida no sentido de extinguir, desmembrar ou alienar o enorme e inestimável acervo da FZBRS, bem como de demitir seu quadro de técnicos, especialmente dos curadores e técnicos de apoio, pois estes são a única garantia de perpetuação dos acervos". O parecer alerta ainda que a extinção da FZBRS "fere de morte a ética científica e a confiança depositada por pesquisadores, coletores, colaboradores, patrocinadores e instituições de fomento que contribuíram para a criação e manutenção desses acervos". Por fim, sentenciam que "caso concretizada, a extinção da FZBRS representará o maior retrocesso científico, ambiental e cultural da história do Rio Grande do Sul".

Esperamos que nosso relato alerte a sociedade de herpetólogos brasileiros para os riscos que não só nossas espécies correm, mas também as instituições necessárias para seu estudo e conservação. Nós, como herpetólogos, colegas, colaboradores e usuários dos acervos e serviços, bem como cidadãos preocupados com o estudo e a conservação da nossa biodiversidade, estamos estarrecidos com a possibilidade de extinção iminente da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Contudo, apesar da determinação do governo estadual, ainda não podemos acreditar que a sociedade brasileira possa aceitar esse grau de retrocesso institucional, que não sejamos capazes de encontrar os meios políticos e jurídicos para impedir a execução deste projeto governamental indefensável e destrutivo. Não será por falta de alertas, de pareceres técnicos e de clamor por mais razão e bom senso que o governo do Rio Grande do Sul poderá levar a cabo a extinção da FZBRS. Será por um profundo descaso com a cultura, a ciência e o meio-ambiente.

9TH WORLD CONGRESS OF HERPETOLOGY



O 9th World Congresso f Herpetology será realizado entre 05 e 10 de janeiro de 2020, na cidade de Dunedin, Nova Zelândia. Mais informações sobre o evento através do seguinte link.

BIOLOGY OF LIZARDS CONFERENCE, 2018

Entre 23 e 26 de maio de 2018, será realizado o Biology of Lizards, 2018, no Chiricahua Desert Museum & Geronimo Event Center, na cidade de Rodeo, New Mexico, Estados Unidos. Mais informações sobre esta conferência na página do evento.



XIII CONGRESO INTERNACIONAL DE MANEJO DE FAUNA SILVESTRE EN LA AMAZONÍA Y LATINOAMÉRICA



A Comunidad de Manejo de Fauna Silvestre en América Latina, (COMFAUNA), convida a todos para participarem do XIII Congreso Internacional de Manejo de Fauna Silvestre en la Amazonía y Latinoamérica, que será realizado na cidade de Ciudad del Este, Paraguay, entre 07 e 11 de maio de 2018. Os valores para inscrição e outras informações podem ser encontrados na página da COMFAUNA.

XIX CONGRESO ARGENTINO DE HERPETOLOGÍA



Será realizado entre os dias 02 e 05 de outubro de 2018, na Universidad Nacional de La Plata, cidade de La Plata, Argentina o XIX Congreso Argentino de Herpetología, Maiores informações serão logo divulgadas futuramente pela organização do evento ou através do e-mail xixcah@gmail.com.

I CONGRESO BOLIVIANO DE HERPETOLOGÍA



A área de herpetologia da Coléccion Boliviana de Fauna (CBF), o Museo Nacional de História Natural (MNHN), e o Instituto de Ecologia (EI) convidam a participar do I Congreso Boliviano de Herpetología que será realizado na cidade de La Paz, Bolívia, entre os dias 30 de outubro e 01 de novembro de 2018. Maiores informações pelo e-mail informacionicbh@gmail.com.

South American Journal of HERPETOLOGY

GRUPO DE ESPECIALISTAS EM ANFÍBIOS DO BRASIL (ASG BRASIL): HISTÓRICO, REESTRUTURAÇÃO E ATIVIDADES ATUAIS

***Luis Fernando Marin da Fonte*[1,2]**
***Cybele Sabino Lisboa*[1,3]**
***Iberê Farina Machado*[1,4]**
***Lucas Ferrante*[1,4,5]**
***Débora Leite Silvano*[1,6]**

[1] *IUCN SSC Grupo de Especialistas em Anfíbios do Brasil.*
[2] *Universität Trier, Alemanha.*
[3] *Fundação Parque Zoológico de São Paulo.*
[4] *Instituto Boitatá de Etnobiologia e Conservação da Fauna.*
[5] *Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.*
[6] *Instituto Federal de Brasília.*



Arte: Luís Fernando Marin da Fonte.

O Brasil é o país com a maior riqueza de anfíbios do planeta, contando atualmente com mais de 1.000 espécies (1). Como um dos mercados emergentes do mundo, nossa recente aceleração econômica foi acompanhada por um aumento expressivo na exploração dos recursos naturais. No último processo nacional de avaliação de espécies ameaçadas, que aconteceu em 2014, foram identificadas 41 espécies inseridas em alguma categoria de ameaça (2). Porém, este número tende a aumentar, já que muitas espécies foram consideradas como Dados Insuficientes (DD), o que não permite a avaliação adequada de sua categoria de ameaça. Além do mais, alguns biomas que contribuem massivamente para a biodiversidade brasileira, tais como Cerrado e Mata Atlântica, estão altamente ameaçados. Com uma fauna amplamente desconhecida e ainda pouco estudada, a conservação de anfíbios no Brasil é um desafio enorme.

O Grupo de Especialistas em Anfíbios do Brasil (*Amphibian Specialis Group Brasil,* ASG Brasil) é o braço brasileiro do *Amphibian Specialist Group* (ASG) da Comissão para Sobrevivência das Espécies (*Species Survival Comission,* SSC) da União Internacional para a Conservação da Natureza (*International Union Conservation Nature,* IUCN). O objetivo do ASG Brasil é formar uma rede nacional de especialistas voluntários que doam seu tempo e conhecimento para criar uma comunidade onde a conservação prática de anfíbios avance com uma base científica sólida.

Mais especificamente, o ASG Brasil pretende estimular, desenvolver e realizar pesquisas científicas que resultem na conservação de anfíbios e de seus hábitats em todo o território nacional, apoiar as avaliações das categorias de conservação da biodiversidade de anfíbios e informar a comunidade brasileira sobre prioridades e questões relacionadas à conservação das espécies nacionais. Isto deve ser realizado através do apoio e da mobilização de membros para desenvolver capacidades, melhorando a coordenação e a integração, de modo a alcançar os objetivos estratégicos compartilhados na conservação de anfíbios.

O ASG Brasil foi oficialmente estabelecido em 2006, e sua primeira reunião oficial foi realizada em julho de 2007, durante o III Congresso Brasileiro de Herpetologia (CBH) realizado em Belém (PA). Em agosto de 2008, durante o VI Congresso Mundial de Herpetologia, realizado em Manaus (AM), o Grupo participou do *Amphibian Conservation Symposium,* apresentando suas atividades até o momento. A reunião seguinte foi realizada apenas em julho de 2013, durante o VI CBH, realizado em Salvador (BA).

Ao longo desses anos, o ASG Brasil contribuiu para o desenvolvimento do *Plano de Ação Nacional para a Conservação de Anfíbios do Brasil* (*Brazilian Amphibian Conservation Action Plan,* BACAP) (3) e ajudou nas avaliações nacionais do estado de conservação das espécies de anfíbios brasileiros (2). Além disso, mais recentemente, organizou os simpósios *Experiências regionais de conservação de anfíbios no Brasil* e *O papel do ASG Brasil (IUCN) na conservação dos anfíbios: ações em andamento e novos rumos,* durante os VII e VIII CBH, respectivamente, realizados em Gramado (RS), em setembro de 2015, e em Campo Grande (MS), em agosto de 2017.

A partir de 2014, novos membros se juntaram à equipe do ASG Brasil, e um processo de reestruturação foi realizado no início de 2016. Atualmente, o secretariado regional é composto por duas co-presidentas regionais e três oficiais de programas. Desde maio de 2016, são realizadas reuniões regulares on-line para discutir questões importantes e para decidir os próximos passos para o desenvolvimento do ASG Brasil e suas atividades futuras.

Para liderar a execução do BACAP, acreditamos que é muito importante conectar as partes envolvidas na conservação de anfíbios no Brasil. No entanto, considerando-se as dimensões continentais do país, esta não é uma tarefa tão simples como parece. Com o objetivo de contatar pesquisadores e pessoas interessadas na conservação de anfíbios, o primeiro resultado de nosso processo de reestruturação foi o desenvolvimento e lançamento do site oficial do ASG Brasil, e-mail e mídias sociais.

O passo seguinte foi a realização de uma revisão maciça das ações de conservação envolvendo anfíbios que atualmente estão sendo realizadas no Brasil. Para este fim, desenvolvemos um questionário on-line para descobrir *Quem, Onde, Como* e *Com Que Espécies* essas atividades vêm sendo realizadas.

A partir da análise desta revisão (ainda em andamento), conseguimos identificar quase 400 pessoas que, de uma forma ou outra, encontram-se envolvidas com conservação de anfíbios no Brasil. Além disso, conseguimos ter uma melhor noção das atividades realizadas e identificamos as lacunas de conhecimento e atuação. Com base nisso, nosso próximo passo é realizar um evento com o objetivo de reunir essas pessoas.

O *Anfíbios em Foco* (ANFoCO) será um espaço de conexão, envolvendo a apresentação das principais pesquisas, ações e programas de conservação de anfíbios no Brasil. Também pretendemos que seja um espaço aberto para a apresentação de experiências bem sucedidas que possam ser replicadas e, sobretudo, uma oportunidade para a discussão e proposição de novas ideias. Acreditamos que trabalhar coletivamente é a melhor maneira de realizar tarefas difíceis, e esperamos que este evento seja um passo importante para unir os envolvidos com a conservação de anfíbios no Brasil.

REFERÊNCIAS

1. M.V. Segalla *et al.*, *Herpetologia Brasileira* 5, 34-46 (2016)
2. Y. Bataus, L.F.M. Fonte, *FrogLog* 115, 22-23 (2015)
3. V.K. Verdade *et al.*, *Alytes* 29, 27-42 (2012)

I ANFÍBIOS EM FOCO (ANFOCO): SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CONSERVAÇÃO DE ANFÍBIOS

04 e 05 agosto 2018 – Fundação Parque Zoológico de São Paulo, SP

***Luis Fernando Marin da Fonte*[1,2]**
***Cybele Sabino Lisboa*[1,3]**
***Iberê Farina Machado*[1,4]**
***Lucas Ferrante*[1,4,5]**
***Débora Leite Silvano*[1,6]**

[1] *IUCN SSC Grupo de Especialistas em Anfíbios do Brasil.*
[2] *Universität Trier, Alemanha.*
[3] *Fundação Parque Zoológico de São Paulo.*
[4] *Instituto Boitatá de Etnobiologia e Conservação da Fauna.*
[5] *Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.*
[6] *Instituto Federal de Brasília.*



Arte: Luís Fernando Marin da Fonte.

Recentemente, o Grupo de Especialistas em Anfíbios do Brasil (ASG Brasil) realizou o *Diagnóstico de Ações de Conservação com Anfíbios no Brasil* (dados não-publicados). O principal objetivo deste diagnóstico foi conhecer o trabalho das pessoas envolvidas com o tema no país e identificar as lacunas de atuação, com o intuito de traçar estratégias adequadas para a conservação dos anfíbios brasileiros, possibilitando a conexão de atores e permitindo um melhor direcionamento das ações.

A partir da análise deste diagnóstico, surgiu a ideia de realizar eventos que promovam debates, gerem contatos e que tenham como resultado a tomada de ações que *efetivamente* contribuam para a conservação de anfíbios em nosso país. Assim nasceu o *Anfíbios em Foco* (ANFoCO), nome que utilizaremos para todos os eventos organizados pelo ASG Brasil daqui em diante. Nesta primeira edição, será organizado no formato de simpósio, mas eventos futuros poderão ser organizados na estrutura de cursos, oficinas e workshops.

O *I ANFoCO: Simpósio Brasileiro de Conservação de Anfíbios* será realizado nos dias 04 e 05 de agosto de 2018 na Fundação Parque Zoológico de São Paulo, cidade de São Paulo, SP, com o intuito de ser um evento *propositivo,* e não meramente *expositivo.* Pretendemos que seja um espaço para a exposição de ideias que deram certo, de forma que possam ser replicadas em outros locais, com outras espécies e em outros contextos. Pretendemos que seja um espaço para a discussão das dificuldades enfrentadas, com a consequente proposição de ações práticas que visem superar os problemas e corrigir as falhas apontadas. Pretendemos que seja um espaço inclusivo, estimulando a participação de pessoas que normalmente encontram-se à margem dos mundos científico e acadêmico brasileiros. Pretendemos que seja um espaço inovador, estimulando a quebra de paradigmas e um novo pensar no modo de se fazer conservação. São princípios do ANFoCO:

Unir: acreditamos que a união e o trabalho coletivo são fundamentais para avançar e consolidar as ações de conservação com anfíbios no Brasil. Por isso, pretendemos criar um ambiente que facilite e favoreça o convívio e a troca de ideias entre os participantes. Assim, nosso evento será

estruturado de modo que todas as pessoas possam assistir todos os trabalhos e que passem a maior parte do tempo juntas, sem palestras concomitantes e com a existência de espaços de convívio e atividades que facilitem a aproximação e o contato entre os participantes.

Propor: palestras meramente *expositivas,* apesar de importantes para apresentar resultados de trabalhos, muito raramente estimulam mudanças e a tomada de ações. Consideramos que atualmente já existem outros eventos no calendário herpetológico para a exposição de trabalhos; por isso, pretendemos estruturar nosso simpósio de uma forma em que os trabalhos apresentados sejam todos *propositivos,* de modo a influenciar o pensamento dos presentes, gerando reflexão e o ímpeto de colocar em prática as ideias propostas.

Incluir e Estimular: Em nosso diagnóstico, identificamos alguns grupos que, infelizmente, ainda se encontram à margem dos meios científico e acadêmico e, consequentemente, dos processos de tomada de decisões e execuções de atividades de conservação. Os grupos em questão são: mulheres, jovens, estudantes de iniciação científica e pessoas das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil. Em nosso evento, pretendemos abrir espaço para a participação dessas pessoas, estimulando seu engajamento através do oferecimento de cotas, bolsas e premiações em reconhecimento ao trabalho que realizam com a conservação de anfíbios no Brasil.

Inovar: pretendemos que o evento seja inovador não apenas em seu formato inclusivo e propositivo, mas também que ideias inovadoras sejam apresentadas. Pretendemos discutir novos conceitos e concepções de conservação; apresentar novas tecnologias que possam substituir técnicas científicas ultrapassadas; propor e estimular a aplicação de abordagens conservacionistas que funcionam muito bem em outros países, mas que no Brasil são pouco exploradas; e, principalmente, abrir espaço para novos nomes apresentarem e discutirem suas ideias.

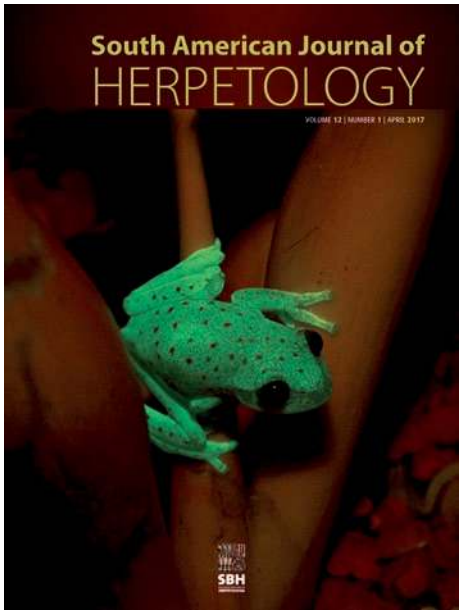
Produzir: pretendemos que, ao fim do evento, materiais sejam produzidos e divulgados, tornando os resultados do evento acessíveis a todos os interessados no tema. Para tanto, estimularemos a criação e publicação de produtos (artigos, reportagens, listas, mapas, vídeos, etc.) no período posterior ao evento.

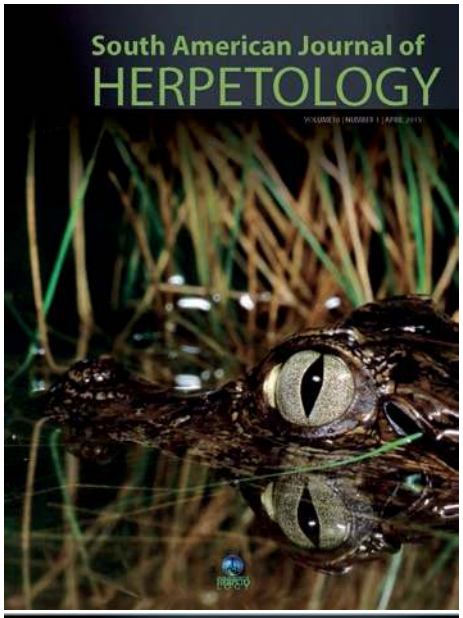
O público alvo do I ANFoCO são todas as pessoas interessadas na conservação de anfíbios no Brasil, incluindo membros dos meios acadêmico e científico, de organizações governamentais e não-governamentais e da sociedade civil. Informações complementares (palestrantes, programação, local, inscrições, etc.) serão disponibilizadas na página oficial do evento e nas mídias sociais.

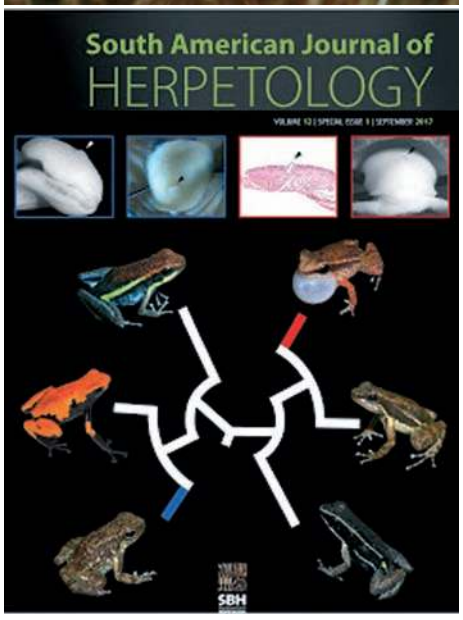
O I ANFoCO é um evento idealizado pelo ASG Brasil e coorganizado em parceria com a Fundação Parque Zoológico de São Paulo (FPZSP), onde será sediado, e a Sociedade Brasileira de Herpetologia (SBH). O simpósio ocorrerá no Espaço Dom Pedro da FPZSP, composto por um salão de 300 m² e área externa com varandas construídas e decoradas em estilo colonial. Está inserido no Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, portanto conta com um *background* de Mata Atlântica, propiciando aconchego e inspiração aos participantes.

Aproveitando a oportunidade, no dia anterior ao ANFoCO será realizado um pré-evento de capacitação de profissionais visando à manutenção adequada de anfíbios em cativeiro para estudos de conservação, pesquisa e/ou educação ambiental. O curso *Manejo de Anfíbios em Cativeiro* será organizado e ministrado por membros do corpo técnico da FPZSP, terá um número limitado de vagas e contará com parte teórica, prática-demonstrativa e visita às instalações da exposição "O Pulo do Sapo" nas interdependências da FPZSP.

Ao final do I ANFoCO, esperamos que as experiências de sucesso apresentadas no evento possam ser replicadas em outros locais, que contatos feitos durante o simpósio sejam refletidos em futuras parcerias de trabalho, que novas ideias surjam e sejam colocadas em prática e que pessoas que normalmente não têm voz sejam ouvidas e valorizadas. Pretendemos que nosso evento seja o catalisador que faltava para organizar, conectar e impulsionar as ações de conservação de anfíbios no Brasil inteiro.

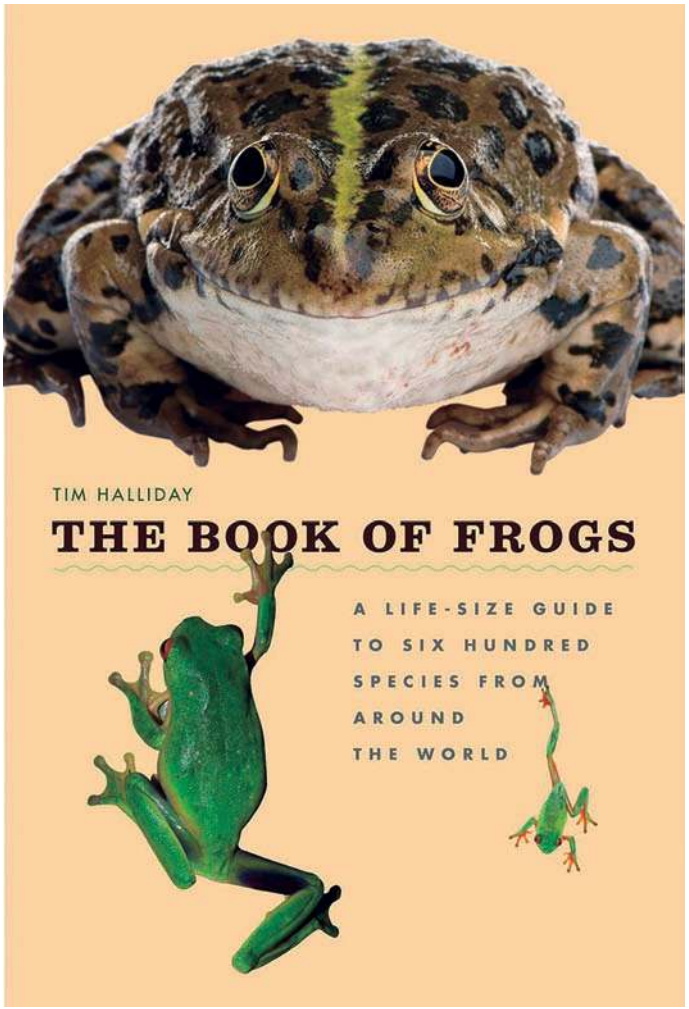






Halliday, Tim. 2016. The Book of Frogs: A Life-Size Guide to Six Hundred Species from Around the World. The University of Chicago Press. Capa dura, $44.00 dólares (www.amazon.com)

José P. Pombal Jr.
Departamento de Vertebrados,
Museu Nacional,
Universidade Federal do Rio de Janeiro
pombal@acd.ufrj.br



Tim Halliday é professor da Open University (Reino Unido) e foi Diretor da IUCN Declining Amphibian Populations Task Force. Alguns de seus estudos com reprodução de salamandras e sapos podem ser considerados clássicos e, portanto, continuam sendo referência para estudos de reprodução e seleção sexual (*e.g.,* Halliday, 1974, 1976; Davies & Halliday, 1977, 1978), além da edição de livro científico sobre comportamento e evolução (*e.g.,* Slater & Halliday, 1994). Este não é seu primeiro livro de divulgação. Na verdade, tem sido um importante autor ou editor de livros de divulgação em herpetologia (Halliday & Adler, 1987; O'Shea & Halliday, 2001) e comportamento animal (Halliday, 1994). Com estas credenciais a publicação de *The Book of Frogs* despertou meu interesse imediato.

Este livro chama a atenção pela beleza das fotografias e abrangência das espécies de anuros tratadas. A impressão, encadernação e fonte utilizadas são ótimas. Há uma pequena parte introdutória (pp. 6-37) onde os seguintes tópicos são brevemente considerados: (a) o que é uma rã?; (b) ciclo de vida complexo; (c) um mundo acústico; (d) rãs, sapos e pessoas; (e) declínios de populações; (f) doenças de anfíbios; (g) distribuição e classificação e; (h) porque o número de anuros está aumentando. Os apêndices (pp. 642-656) contêm um glossário, recursos, uma pequena nota sobre nomenclatura, índice de nomes comuns, científicos, de famílias e agradecimentos. O item acima chamado "recursos", lista oito websites, 11 livros textos, cinco guias de identificação e três artigos em revistas científicas. Isto evidencia o púbico alvo deste livro.

A parte central e o objetivo deste livro (pp. 40-639) é retratar espécies de anuros de todas as partes do mundo e sua diversidade. Para isso, fotografias de 600 espécies, incluindo nome científico com autor e ano da descrição original, família, nome popular (em inglês), outros nomes (populares também em inglês) tamanho em vida, distribuição geográfica, ambiente ocupado pelos adultos e pelas larvas, aspectos da história natural e comportamento, status de conservação e razões para declínio são apresentados de maneira sintética. Além disso, há um mapa-múndi com a distribuição da espécie colorida e uma curta caracterização morfológica. Embora, inevitavelmente se perca em precisão, esses mapas permitem uma boa visão da região do planeta onde cada espécie vive. Cada espécie selecionada ocupa uma página inteira.

Os animais estão em fundo branco, provavelmente para fins de padronização, uma vez que nas fotos originais deveriam estar sobre diferentes substratos. Embora os adultos (apenas os adultos são ilustrados) apresentem, em geral, ótimas fotografias em tamanho ampliado e em tamanho real (mesmo que as medidas dos machos e adultos sejam fornecidas), desenhos pontilhados também são apresentados. Ainda que bonitos e bem feitos, exceto por razões estéticas, não entendi a razão de três diferentes ilustrações serem fornecidas da mesma espécie em uma única página.

Notei alguns pequenos enganos que não chegam a comprometer o interesse pelo livro. Por exemplo, na legenda da página 7, uma espécie, aparentemente de *Boana* é chamada de *Eleutherodactylus coqui;* no *species account* de *E. coqui* (p. 402), a fotografia está correta. Os autores originais de *Nasikabbatrachus sahyadrensis* Biju & Bossuyt, 2003 (p. 86) estão equivocadamente entre parênteses na apresentação desta espécie (nomes de autores das espécies entre parênteses significa que a descrição original foi em outro gênero que não o aceito atualmente). A distribuição de algumas espécies está muito maior no mapa-múndi que a correntemente aceita. Por exemplo, *Pipa pipa* (p. 54) está em boa parte da América do Sul e todo o Brasil (o que não é verdade); *Arcovomer passarelli* (p. 492) no texto é dito que vive em florestas acima de 200 m de altitude e no mapa aparentemente a distribuição vai do sul da Bahia até o Rio Grande do Sul. Na verdade esta espécie ocorre na floresta atlântica do Espírito Santo até São Paulo e também ocorre na baixada litorânea.

A ordem de apresentação das espécies segue a organização da filogenia contida no *Amphibiaweb*. O tipo de informação é

variável entre as espécies apresentadas e penso que seria difícil seguir uma padronização rígida. Para isso seria necessário levar em conta a escolha de espécies que apresentem determinadas informações disponíveis, o que limitaria a diversidade de espécies a ser apresentadas. Como não há referências bibliográficas, não sabemos de onde provêm as informações primárias que, evidentemente, não podem ser todas originais do autor. Isto é comum em livros de divulgação, mas frustra os pesquisadores porque diminui sua utilidade. Isso vale para as informações de distribuição ou história natural. Por exemplo, na p. 410 *Euparkerella brasiliensis* é reportada como espécie similar a *E. cochranae* (esta sim retrata), e segundo o autor é comum em jardins urbanos do Rio de Janeiro. Infelizmente, nada mais distante da realidade. No item espécies similares não são apresentadas diferenças para espécies parecidas, mas são fornecidas informações sobre dados biológicos de algumas destas espécies. Ou seja, este livro não tem a pretensão em ser um guia de identificação.

Há uma incorreção que merece ser mencionada. Na página 13 é dito que o chamado "desenvolvimento direto" parece ter eliminado o estágio de girino, mas não seria este o caso. Prossegue o autor, que os girinos se desenvolvem dentro da capsula, se alimentando unicamente do vitelo fornecido pela sua mãe. Na verdade, existem sim espécies com desenvolvimento direto, sem a fase de girino; ou seja, eclodem pequenos sapinhos diretamente dos ovos sem uma fase larval (*e.g., Brachycephalus* spp.; *Iscnocnema* spp.). Também existem espécies que tem uma fase larval que estão restritas a seus ninhos e os girinos se alimentam apenas de seu vitelo, como *Adenomera marmorata* ou *Zachaenus parvulus* (existem outras diferenças entre os modos reprodutivos destas duas últimas espécies).

Considero que este livro é mais que um livro de boas fotos. Para os interessados em anuros é um prazer ver as espécies representadas e saber de suas características principais, modo de vida e parte do mundo onde vivem. Mesmo os especialistas (talvez principalmente eles) passem muito tempo examinando as espécies, se surpreendendo com as incríveis formas de corpo, cores e, às vezes, incrível semelhanças com nossas próprias espécies.

REFERÊNCIAS

Amphibiaweb AmphibiaWeb. 2018. <https://amphibiaweb.org> University of California, Berkeley, CA, USA.

Davies N.B. & Halliday, T. 1977. Optimal mate selection in the toad *Bufo bufo*. *Nature* 269:56-58.

Davies N.B. & Halliday, T. 1978. Deep croaks and fighting assessment in toads, *Bufo bufo*. *Nature* 274:683-685.

Halliday, T. 1974. Sexual behavior of the smooth newt *Triturus vulgaris* (Urodela, Salamandridae). *Journal of Herpetology* 8:277-292.

Halliday, T. (Ed.). 1994. Animal Behavior. University of Oklahoma Press, Norman.

Halliday, T. 1976. The libidinous newt. An analysis of variations in the sexual behavior of the male smooth newt, *Triturus vulgaris*. Animal Behaviour 25:39-45.

Halliday, T. & Adler, K. 1987. The encyclopedia of reptiles and amphibians. Facts on File, New York.

O'Shea, M. & Halliday, T. 2001. Smithsonian Handbooks: Reptiles and Amphibians. Dorling Kindersley Limited, New York.

Slater, P.J.B. & Halliday, T. (Eds.). 1994. Behaviour and Evolution. Cambridge University Press, Cambridge.



Brachycephalus ephippium, Terezópolis, RJ. Foto: Magno Segalla.

Godinho, M.B.C. & da Silva, F.R. 2018. The influence of riverine barriers, climate, and topography on the biogeographic regionalization of Amazonian anurans. Scientific Reports 8:3427. doi: 10.1038/s41598-018-21879-9

Foram avaliadas cinco hipóteses não mutualmente exclusivas direcionando as regiões biogeográficas das espécies de anuros na Amazônia. Mapas da extensão de ocorrência para anuros foram sobrepostos em células de 50 x 50 km para gerar uma matriz de presença-ausência. Essa matriz foi submetida a uma análise de agrupamento para identificar o padrão e número de regiões biogeográficas para o conjunto de dados. A partir destes resultados, foram utilizados modelos de regressão logística multinomial e particionamento de desvio para explorar a importância relativa de variáveis climáticas contemporâneas e históricas, complexidade topográfica, barreias fluviais e estrutura vegetacional para explicar as regiões biogeográficas identificadas. O resultado final encontra sete regiões biogeográficas para anuros na Amazônia. Os principais rios na Amazônia fizeram a maior contribuição para explicar a variabilidade nas regiões biogeográficas de anuros, seguidos de variáveis climáticas e topografia. O efeito de barreira parece ser forte para alguns rios, como o Amazonas e Madeira, mas outros rios amazônicos parecem não ser barreiras efetivas. Além disso, variáveis climáticas e topográficas fornecem um gradiente ambiental direcionando a riqueza de espécies e extensão do tamanho da distribuição de anuros. Portanto, os resultados fornecem uma estrutura espacialmente explicita que poderia ser usada para abordar a conservação e questões de manejo da diversidade de anuros para a maior floresta tropical do mundo. *Editor: R. Henrique.*

Mesquita, A.F.C.; Lambertini, C.; Lyra, M.; Malagoli, L.R.; James, T.Y.; Toledo, L.F.; Haddad, C.F.B. & Becker, C.G. 2017. Low resistance to chytridiomycosis in direct-developing amphibians. *Scientific Reports* 7 (16605):1-7. doi: 10.1038/s41598-017-16425-y

Patógenos hospedeiro-generalistas esporadicamente infectam hospedeiros que nunca haviam sido infectados previamente, potencialmente desencadeando epizootias. O fungo transmitido pela água, *Batrachochytrium dendrobatidis* (*Bd*), está relacionado ao declínio de centenas de espécies de anfíbios com larva aquática. Apesar de vários declínios populacionais e extinções atribuídas ao *Bd* terem sido reportadas entre espécies crípticas que possuem desenvolvimento direto sem presença de água, estudos epidemiológicos focados nesses sapos terrestres são ausentes. Dados de campo suportam que hospedeiros terrestres de desenvolvimento direto são menos expostos ao *Bd* durante sua ontogenia do que espécies com larvas aquáticas e, com isso, eles não possuem respostas adaptativas contra os quitrídios transportados pela água. Usando experimentos controlados em laboratório, espécies de anfíbios capturadas na natureza com histórias de vida terrestres e aquáticas foram expostas ao *Bd,* sendo encontrado que estas espécies com desenvolvimento direto mostram um aumento mais rápido da carga de infecção e experimentam maiores taxas de mortalidade que espécies com larvas aquáticas. Os resultados propõem informações inéditas sobre a resposta do hospedeiro à patógenos generalistas e especificamente mostra que as espécies com desenvolvimento direto expostas ao *Bd* possuem baixa resistência às infecções. Os resultados também destacam o *Bd* como risco potencial para espécies de desenvolvimento direto, espécies muitas vezes ignoradas simplesmente por estarem menos expostas ao *Bd* na natureza. Deste modo, planos futuros para conservação de anfíbios devem incluir esforços para proteger centenas de espécies de anfíbios com desenvolvimento direto ao redor do planeta. *Editora: R. Montesinos.*

Sabbag, A.F.; Lyra, M.L.; Zamudio, K.R.; Haddad, C.F.B.; Feio, R.N.; Leite, F.S.F.; Gasparini, J.L. & Brasileiro, C.A. 2018. Molecular phylogeny of Neotropical rock frogs reveals a long history of vicariant diversification in the Atlantic forest. *Molecular Phylogenetics and Evolution* 122:142-156. doi: 10.1016/j.ympev.2018.01.017

No Brasil, a Mata Atlântica costeira é um dos domínios morfoclimáticos mais heterogêneos do planeta e, com isso, é uma excelente região para examinar o papel que a heterogeneidade de hábitat desempenha na formação da diversificação das linhagens e espécies. Os autores apresentam uma filogenia molecular das rãs-das-pedras do gênero *Thoropa* Cope, 1865, nativo da Mata Atlântica que se estende para campos rupestres adjacentes no Brasil. O objetivo deste estudo foi reconstruir a história evolutiva do gênero usando uma análise filogenética molecular multilocus. A topologia encontrada revela 12 linhagens altamente suportadas entre as quatros espécies nominais incluídas no estudo. As espécies *T. saxatilis* e *T. megatympanum* são monofiléticas. *Thoropa taophora* também é monofilética, mas está inserida dentro de *T. miliaris,* tornando esta espécie parafilética. As populações de *T. miliaris* se agrupam em cinco linhagens geograficamente distintas, com baixo suporte para as relações entre elas. Embora todas as 12 linhagens sejam estruturadas geograficamente, algumas linhagens de *T. miliaris* tem distribuição sintópica com outras, provavelmente refletindo uma segunda zona de contato entre linhagens divergentes. O cenário biogeográfico que melhor explica a ordem das divergências e a distribuição das espécies na Mata Atlântica e áreas adjacentes foi discutido, e descritas as implicações dos resultados para a taxonomia de *Thoropa*. *Editora: R. Montesinos.*

Salinas, A.S.; Costa, R.N.; Orrico, V.G.D. & Solé, M. 2018. Tadpoles of the bromeliad-dwelling frog *Phyllodytes luteolus* are able to prey on mosquito larvae. Ethology Ecology & Evolution. doi: 10.1080/03949370.2018.1438518

Doenças transmitidas por mosquitos tem se espalhado rapidamente. Embora acredita-se que espécies do gênero

Aedes sp. preferem habitats artificiais para reprodução, suas larvas também podem ser encontradas em bromélias em ambientes antropizados. Populações de mosquitos podem ser controladas pela predação, nos quais os tamanhos relativos do predador e da presa são importantes para entendermos essa interação. Girinos de *Phyllodytes luteolus* vivem nas axilas de bromélias e são potenciais predadores de larvas de mosquitos. O objetivo do trabalho foi avaliar se esses girinos são capazes de predar larvas de mosquitos e se a taxa de predação difere de acordo com o tamanho do predados e da presa. Girinos de *P. luteolus* e larvas de mosquitos da família Culicidae foram coletados em bromélias da restinga (banco de areia). O comprimento total de girinos e das larvas de mosquitos foi mensurado, e ambos separados em três categorias de tamanho (grande, médio e pequeno). Como unidade experimental, foram selecionados tubos de centrífuga de 50 mL com 35 mL de água desclorada, sem substrato e sem comida. Nove tratamentos compostos pela combinação das categorias de tamanho de girino e pelas categorias de tamanho de larvas de mosquitos foram definidos. Em cada unidade, foi adicionado um girino e cinco larvas de mosquitos para avaliar a taxa de predação total após 4 dias. Girinos de *P. luteolus* de qualquer tamanho foram capazes de predar larvas de mosquitos, sendo que girinos grandes predaram um maior número de larvas de mosquitos que categorias de tamanhos menores. Os resultados podem contribuir para avaliarmos a importância de girinos na estrutura trófica de ambientes aquáticos, especialmente em fitotelmatas. *Editor: R. Henrique.*

ERRATA

No último volume da Herpetologia Brasileira publicado em 2017 (Herpetologia Brasileira, 2017, volume 6(3): p. 39) as seguintes resenhas publicadas na seção Trabalhos Recentes são de autoria da editora Dra. Ermelinda Oliveira.

Pedimos desculpas pelo equívoco ocorrido.

(1) **The global distribution of tetrapods reveals a need for targeted reptile conservation.** Roll, U.; Feldman, A.; Novosolov, M.; Allison, A.; Bauer, A.M.; Bernard, R.; Böhm, M; Castro-Herrera, F.; Chirio, L.; Collen, B.; Colli, G.R.; Dabool, L; Das, I; Doan, T.M.; Grismer, L.L.; Hoogmoed, M.; Itescu, Y.; Kraus, F.; LeBreton, M.; Lewin, A; Martins, M.; Maza, E.; Meirte, D; Nagy, Z.T.; Nogueira, C.C.; Pauwels, O.S.G.; Pincheira-Donoso, D.; Powney, G.D.; Sindaco, R.; Tallowin, O.J.S.; Torres-Carvajal, O.; Trape, J.; Vidan, E.; Uetz, P; Wagner, P.; Wang, Y.; Orme, C.D.L.; Grenyer, R.; Meiri. S. *Nature Ecology & Evolution,* vol. 1, 1677-1682. 2017. *Editora: Ermelinda Oliveira.*

(2) **Pet snakes illegally marketed in Brazil: climatic viability and establishment risk.** Fonseca, E; Sole, M.; Rödder, D.; de Marco, Jr., P *Plos One.* http://doi.org/10.1371/journal.pone.0183143. *Editora: Ermelinda Oliveira*.

(3) **Perspectives on invasive amphibians in Brazil.** Forti, L.R.; Becker, C.G.; Tacioli, L.; Pereira, V.R.A.; Santos, C.F.A.; Oliveira, I.; Haddad, C.F.B.; Toledo, L.F. *Plos One.* http://doi.org/10.1371/journal.pone.0184703. *Editora: Ermelinda Oliveira.*



Gastrotheca microdiscus, Piraquara, PR. Foto: Magno Segalla.

Répteis do Brasil e suas Unidades Federativas: Lista de espécies

Henrique Caldeira Costa[1] & Renato Silveira Bérnils[2]

[1] *Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Ciências Biológicas, Departamento de Zoologia, Programa de Pós-Graduação em Zoologia. CEP 31270-901. Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: ccostah@gmail.com*

[2] *Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo, Departamento de Ciências Agrárias e Biológicas. CEP 29932-540, São Mateus, ES, Brasil. E-mail: renatobernils@gmail.com*

Abstract: We present an updated checklist of Brazilian reptile species and, for the first time, its confirmed presence in federation units (26 states and the Federal District). Brazil has the third richest reptile fauna in the world, with 795 species: 36 Testudines, 6 Crocodylia, and 753 Squamata (72 amphisbaenians, 276 "lizards", and 405 snakes). If subspecies are counted, these numbers increase to 842 taxa. Almost half (47%) of the Brazilian reptiles are endemic to the country, mainly amphisbaenians (76%), followed by lizards (54%), snakes (40%), and chelonians (16%). Nomenclatural changes and taxa included or excluded since the last checklist are discussed, as well as dubious or invalid state records.

São reconhecidas atualmente mais de 10.700 espécies de répteis no mundo (Uetz & Hošek 2018). O Brasil conta atualmente com 795 espécies (presente estudo), sendo 36 Testudines, 6 Crocodylia e 753 Squamata (72 anfisbenas, 276 "lagartos" e 405 serpentes). Considerando subespécies, são 6 Crocodylia, 37 Testudines e 799 Squamata no Brasil (75 anfisbenas, 282 "lagartos" e 442 serpentes), totalizando 842 espécies e subespécies de répteis no país. Com isso, seguimos no 3º lugar em riqueza de espécies de répteis do mundo, atrás da Austrália (1.057) e do México (942) (Uetz & Hošek 2018).

Um total de 395 espécies + subespécies de répteis ocorrentes no Brasil (47%) são endêmicos do território nacional, mas essa porcentagem varia bastante entre os grandes grupos. Nenhum crocodiliano e apenas seis espécies de quelônios (16%) são endêmicos do país. Por outro lado, 40% das serpentes aqui registradas são endêmicas do Brasil (179 táxons, entre espécies + subespécies), e porcentagens ainda maiores são observadas para os lagartos (54%; 153 táxons) e anfisbenas (76%; 57 táxons).

Dezessete novas espécies foram descritas para o Brasil entre 2016 (11 spp.), 2017 (4 spp.) e fevereiro de 2018 (2 spp.). Além disso, a lista nacional recebeu acréscimos de táxons que: (i) permaneciam ausentes em versões anteriores por lapso nosso; (ii) foram registrados para o país pela primeira vez desde a última revisão desta lista; ou (iii) foram revalidadas (veja "Táxons incluídos nesta edição" para detalhes). Nove táxons (seis serpentes e três lagartos) foram retirados da Lista por serem considerados sinônimos juniores ou por ter-se chegado à conclusão de que não há registro confiável de sua presença no país (veja "Táxons excluídos nesta edição"). Considerando as inclusões e exclusões, a lista brasileira de répteis cresceu em 22 espécies e uma subespécie desde a última revisão (Costa & Bérnils 2015). Houve uma redução no número de espécies de Amphisbaenia, causada pela nossa mudança de opinião quanto à taxonomia de *Amphisbaena amazonica*, *A. varia* e *A. wiedi*, que passaram a ser consideradas subespécies de *A. fuliginosa* (veja "Notas Nomenclaturais"). Contudo, o número de táxons totais de Amphisbaenia ocorrentes no Brasil aumentou desde a última edição, com a descrição de duas novas espécies.

Neste ano apresentamos ao leitor uma novidade, resultado de extenso levantamento de dados: informações quanto às unidades federativas de ocorrência de cada espécie e subespécie. As informações foram obtidas após análise de mais de mil estudos, paticularmente descrições e revisões taxonômicas, inventários e notas de distribuição geográfica. Algumas publicações em particular exerceram grande influência por trazerem informações de dezenas ou centenas de espécies para determinado bioma, região, estado ou o mesmo do país inteiro (*e.g.,* Lema 1994; Avila-Pires 1995; Campbell & Lamar 2004; Moura *et al.* 2011; Zaher *et al.* 2011; Bernarde *et al.* 2012; Hamdan & Lira-da-Silva 2012; Guedes *et al.* 2014; TTWG 2017; Ribeiro-Júnior 2015a, b; Ribeiro-Júnior & Amaral 2016, 2017; Colli *et al.* 2016; Roberto & Loebmann 2016; Silva Jr. *et al.* 2016). Também foi fundamental a consulta a dissertações e teses disponibilizadas *on-line* pelos portais de instituições como PUC-RS, UNESP, UFPA/MPEG, UFPB, UFRJ/MNRJ, UnB e USP. No futuro, esperamos disponibilizar ao leitor uma lista completa de todas as fontes consultadas.

Um levantamento deste porte, contudo, não passa incólume. Certamente deixamos de incluir registros por desconhecimento da publicação que fez o relato, lapso ou até por erro tipográfico. Da mesma maneira, podemos ter marcado erroneamente a presença de certos táxons para algumas Unidades Federativas (UF). Por conta disso, solicitamos aos leitores que nos alertem caso notem inconsistências nas informações apresentadas. Há situações particulares em que o "registro" de uma ou de várias espécies para determinada UF foi descartado ou reconsiderado mais de uma vez (*e.g.,* Abegg *et al.* 2016; Di-Bernardo *et al.* 2004; Santos *et al.* 2013). Acompanhar tais casos não é tarefa simples e citar todos não se mostrou viável, especialmente por nem sempre a correção ser explícita nas referências.

Apesar da possibilidade de incorreções em nosso levantamento, acreditamos que serão pontuais e não afetarão expressivamente o panorama atual de distribuição da riqueza de répteis nas UF brasileiras. O maior erro existente ainda será aquele gerado pela lacuna de conhecimento, fruto da escassez de inventários em muitas regiões ou a falta de publicação de dados já coletados, particularmente oriundos de estudos de impacto ambiental e resgate de fauna. À medida que o conhecimento avançar, os resultados serão apresentados em atualizações desta Lista.

Nosso levantamento de dados até 01 de março de 2018 mostra que a região Norte é a mais rica em espécies e subespécies (doravante "táxons") de répteis (453), de Squamata (423), serpentes (243), lagartos (152), quelônios (25) e jacarés (5) – este último grupo em igualdade com a região centro-oeste. A região Nordeste é a segunda mais rica para esses grupos, exceto jacarés e serpentes, e é a região com mais táxons de Amphisbaenia (35), enquanto a menor riqueza para todos os grupos encontra-se na região Sul (Tabela 1). A disparidade entre as regiões Norte e Sul reflete claramente o esperado, principalmente pela discrepância de tamanho de cada uma (a região Norte cobre mais de 45% da área total do Brasil, enquanto a região Sul ocupa menos de 7%) e por suas respectivas posições no continente (o Norte equatorial e tropical e o Sul essencialmente subtropical).

Dentre as UF brasileiras (Tabelas 2 e 3), o estado do Mato Grosso apresenta a maior riqueza de táxons de répteis (298), de Squamata (281), serpentes (169) e anfisbenas (23). Este resultado pode ser explicado for fatores diversos. Mato Grosso é o 3º estado do país em extensão territorial e apresenta grandes áreas cobertas por Amazônia, Cerrado e Pantanal. Soma-se a isso a publicação, nos últimos anos, de diversos

Tabela 1: Riqueza de espécies + subespécies de répteis nas cinco regiões políticas brasileiras. Valores entre parênteses excluem tartarugas marinhas. O maior valor para cada grupo é indicado em negrito.

	Testudines	Crocodylia	"Lagartos"	Amphisbaenia	Serpentes	Squamata	Répteis
Norte	**25 (20)**	5	**152**	28	**243**	**423**	**453**
Nordeste	20 (15)	4	132	**35**	210	377	401
Centro-Oeste	15	5	102	28	215	345	365
Sudeste	17 (12)	3	92	23	202	317	337
Sul	11 (6)	1	33	11	135	179	191

Tabela 2: Riqueza de espécies + subespécies de répteis das unidades federativas brasileiras. Valores entre parênteses excluem tartarugas marinhas. O maior valor para cada grupo é indicado em negrito.

	Testudines	Crocodylia	"Lagartos"	Amphisbaenia	Serpentes	Squamata	Répteis
RR	16	4	40	2	76	118	138
AP	14 (11)	4	48	3	92	143	161 (158)
AC	11	4	54	2	82	138	153
RO	12	**5**	70	9	125	204	221
AM	16	4	90	7	133	230	250
PA	**23 (18)**	4	82	16	153	251	278 (273)
TO	10	3	52	13	99	164	177
MT	13	4	89	**23**	**169**	**281**	**298**
MS	6	3	42	16	124	182	191
GO	10	4	49	14	108	171	185
DF	5	2	28	6	76	110	117
MA	17 (12)	3	47	10	103	160	180 (175)
PI	11 (6)	2	43	5	54	102	115 (110)
CE	10 (5)	2	44	6	69	119	131 (126)
RN	10 (5)	2	33	6	43	82	94 (89)
PB	9 (4)	2	36	5	63	104	115 (110)
PE	9 (4)	2	51	11	77	139	150 (145)
AL	10 (5)	2	39	6	78	123	135 (130)
SE	10 (5)	2	39	5	45	89	101 (96)
BA	13 (8)	2	**98**	22	143	263	278 (273)
ES	12 (7)	1	31	7	79	119	130 (125)
MG	11	2	72	16	159	247	260
RJ	13 (8)	1	34	8	92	134	148 (143)
SP	10 (5)	3	47	10	156	213	226 (221)
PR	9 (4)	1	23	7	114	144	154 (149)
SC	11 (6)	1	20	10	83	113	125 (120)
RS	11 (6)	1	21	6	90	117	129 (124)

Tabela 3: Relação dos táxons de répteis do Brasil e cada uma de suas 27 unidades federativas. Para autoria de cada táxon e informações sobre registros duvidosos (**?**) e registros invalidados (**!**), vide texto. **End:** endêmico do Brasil; **RR:** Roraima; **AP:** Amapá; **AC:** Acre; **RO:** Rondônia; **AM:** Amazonas; **PA:** Pará; **TO:** Tocantins; **MT:** Mato Grosso; **MS:** Mato Grosso do Sul; **GO:** Goiás; **DF:** Distrito Federal; **MA:** Maranhão; **PI:** Piauí; **CE:** Ceará; **RN:** Rio Grande do Norte; **PB:** Paraíba; **PE:** Pernambuco; **AL:** Alagoas; **SE:** Sergipe; **BA:** Bahia; **ES:** Espírito Santo; **MG:** Minas Gerais; **RJ:** Rio de Janeiro; **SP:** São Paulo; **PR:** Paraná; **SC:** Santa Catarina; **RS:** Rio Grande do Sul.

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
TESTUDINES	não																											
CRYPTODIRA	não																											
Chelonioidea	não																											
Cheloniidae	não																											
Carettinae	não																											
Caretta caretta	não	RR	?	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Eretmochelys imbricata	não	RR	?	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Lepidochelys olivacea	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Cheloniinae	não																											
Chelonia mydas	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dermochelyidae	não																											
Dermochelys coriacea	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Kinosternoidea	não																											
Kinosternidae	não																											
Kinosterninae	não																											
Kinosternon s. scorpioides	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Testudinoidea	não																											
Emydidae	não																											
Deirochelyinae	não																											
Trachemys adiutrix	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Trachemys dorbigni	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Geoemydidae	não																											
Rhinoclemmydinae	não																											
Rhinoclemmys p. punctularia	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	?	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Testudinidae	não																											
Chelonoidis carbonarius	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Chelonoidis denticulatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
PLEURODIRA	não																											
Chelidae	não																											
Chelinae	não																											
Acanthochelys macrocephala	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Acanthochelys radiolata	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	?	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	!	PR	SC	RS
Acanthochelys spixii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	?	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Chelus fimbriata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Mesoclemmys gibba	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Mesoclemmys heliostemma	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Mesoclemmys hogei	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	?	PR	SC	RS
Mesoclemmys nasuta	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Mesoclemmys perplexa	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Mesoclemmys raniceps	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Mesoclemmys tuberculata	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Mesoclemmys vanderhaegei	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phrynops geoffroanus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phrynops hilarii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	!	PR	SC	RS
Phrynops tuberosus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	!	RN	!	!	AL	SE	!	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phrynops williamsi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Platemys p. platycephala	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Platemys p. melanonota	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Rhinemys rufipes	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Hydromedusinae	não																											
Hydromedusa maximiliani	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	!	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Hydromedusa tectifera	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Podocnemididae	não																											
Peltocephalus dumerilianus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Podocnemis erythrocephala	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Podocnemis expansa	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Podocnemis sextuberculata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Podocnemis unifilis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
CROCODYLIA	não																											
Alligatoroidea	não																											
Alligatoridae	não																											
Caimaninae	não																											
Caiman c. crocodilus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Caiman latirostris	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Caiman yacare	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Melanosuchus niger	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Paleosuchus palpebrosus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Paleosuchus trigonatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
SQUAMATA	não																											
"Lagartos"	não																											
GEKKOTA	não																											
Gekkonidae	não																											
Hemidactylus agrius	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Hemidactylus brasilianus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Hemidactylus mabouia	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Hemidactylus palaichthus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Lygodactylus klugei	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Lygodactylus wetzeli	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phyllodactylidae	não																											
Gymnodactylus amarali	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Gymnodactylus darwinii	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Gymnodactylus geckoides	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Gymnodactylus guttulatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Gymnodactylus vanzolinii	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Homonota uruguayensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phyllopezus lutzae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phyllopezus periosus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phyllopezus pollicaris	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phyllopezus przewalskii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Thecadactylus rapicauda	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Thecadactylus solimoensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Sphaerodactylidae	não																											
Chatogekko amazonicus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Coleodactylus brachystoma	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Coleodactylus elizae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Coleodactylus meridionalis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	?	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Coleodactylus natalensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Coleodactylus septentrionalis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Gonatodes annularis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Gonatodes eladioi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Gonatodes hasemani	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	?	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Gonatodes humeralis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Gonatodes nascimentoi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Gonatodes tapajonicus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Lepidoblepharis heyerorum	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Lepidoblepharis hoogmoedi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Pseudogonatodes gasconi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Pseudogonatodes guianensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
SCINCIFORMATA	não																											
Lygosomoidea	não																											
Mabuyidae	não																											
Mabuyinae	não																											
Aspronema dorsivittatum	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Brasiliscincus agilis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Brasiliscincus caissara	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Brasiliscincus heathi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Copeoglossum arajara	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Copeoglossum nigropunctatum	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	?	MG	?	SP	PR	SC	RS
Exila nigropalmata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Manciola guaporicola	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Notomabuya frenata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	?	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Panopa carvalhoi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Psychosaura agmosticha	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Psychosaura macrorhyncha	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Varzea altamazonica	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Varzea bistriata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Trachylepidinae	não																											
Trachylepis atlantica	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
IGUANIA	não																											
PLEURODONTA	não																											
Dactyloidae	não																											
Dactyloa dissimilis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dactyloa nasofrontalis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dactyloa phyllorhina	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dactyloa pseudotigrina	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dactyloa punctata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dactyloa transversalis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Norops auratus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Norops bombiceps	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Norops brasiliensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	?	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Norops chrysolepis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Norops fuscoauratus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Norops meridionalis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Norops ortonii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Norops planiceps	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Norops scypheus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Norops tandai	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	!	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Norops trachyderma	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Norops williamsii	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Hoplocercidae	não																											
Enyalioides laticeps	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Enyalioides palpebralis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Hoplocercus spinosus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Iguanidae	não																											
Iguana i. iguana	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leiosauridae	não																											
Enyaliinae	não																											
Anisolepis grilli	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Anisolepis longicauda	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Anisolepis undulatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Enyalius bibronii	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Enyalius bilineatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Enyalius boulengeri	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Enyalius brasiliensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	?	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	?	RS

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Enyalius catenatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	?	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Enyalius erythroceneus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Enyalius iheringii	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Enyalius leechii	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Enyalius perditus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Enyalius pictus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Urostrophus vautieri	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Liolaemidae	não																											
Liolaemus arambarensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Liolaemus lutzae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Liolaemus occipitalis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Polychrotidae	não																											
Polychrus acutirostris	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Polychrus liogaster	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Polychrus marmoratus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropiduridae	não																											
Eurolophosaurus amathites	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Eurolophosaurus divaricatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Eurolophosaurus nanuzae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Plica plica	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	!	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Plica u. umbra	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Plica u. ochrocollaris	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Stenocercus albolineatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Stenocercus azureus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Stenocercus caducus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Stenocercus dumerilii	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Stenocercus fimbriatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Stenocercus quinarius	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Stenocercus roseiventris	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Stenocercus sinesaccus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Stenocercus squarrosus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Stenocercus tricristatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Strobilurus torquatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus callathelys	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus catalanensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus cocorobensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus chromatops	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus erythrocephalus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus etheridgei	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus helenae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus hispidus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus hygomi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus imbituba	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus insulanus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus itambere	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus jaguaribanus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus lagunablanca	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus montanus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus mucujensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus oreadicus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus pinima	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus psammonastes	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus semitaeniatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus sertanejo	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus spinulosus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidurus torquatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Uracentron a. azureum	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	?	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Uracentron a. guentheri	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Uracentron a. werneri	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Uracentron flaviceps	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Uranoscodon superciliosus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
ANGUIMORPHA	não																											
Anguidae	não																											
Diploglossinae	não																											
Diploglossus fasciatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Diploglossus lessonae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ophiodes fragilis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ophiodes enso	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ophiodes striatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ophiodes yacupoi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
LACERTIFORMES	não																											
Gymnophthalmoidea	não																											
Alopoglossidae	não																											
Alopoglossus angulatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Alopoglossus atriventris	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Alopoglossus buckleyi	não	RR	AP	AC	RO	AM	!	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ptychoglossus brevifrontalis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Gymnophthalmidae	não																											
Gymnophthalminae	não																											
Gymnophthalmini	não																											
Calyptommatus confusionibus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Calyptommatus leiolepis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Calyptommatus nicterus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Calyptommatus sinebrachiatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Gymnophthalmus leucomystax	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Gymnophthalmus underwoodi	não	RR	AP	AC	RO	AM	?	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Gymnophthalmus vanzoi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrablepharus atticolus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrablepharus maximiliani	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Nothobachia ablephara	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Procellosaurinus erythrocercus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Procellosaurinus tetradactylus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Psilops mucugensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Psilops paeminosus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Psilops seductus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Scriptosaura catimbau	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tretioscincus agilis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tretioscincus oriximinensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Vanzosaura multiscutata	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Vanzosaura rubricauda	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Vanzosaura savanicola	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Heterodactylini	sim																											
Caparaonia itaiquara	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Colobodactylus dalcyanus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Colobodactylus taunayi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Heterodactylus imbricatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Heterodactylus lundii	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Heterodactylus septentrionalis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Iphisini Gray, 1851	não																											
Acratosaura mentalis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Acratosaura spinosa	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Alexandresaurus camacan	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Colobosaura modesta	não	RR	?	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Iphisa e. elegans	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Iphisa e. soinii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Rondonops biscutatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Rondonops xanthomystax	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Stenolepis ridleyi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Cercosaurinae	não																											
Cercosaurini	não																											
Cercosaura argulus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Cercosaura bassleri	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Cercosaura eigenmanni	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Cercosaura o. ocellata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Cercosaura o. petersi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Cercosaura oshaughnessyi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Cercosaura parkeri	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Cercosaura quadrilineata	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Cercosaura s. schreibersii	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Cercosaura s. albostrigata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Neusticurus bicarinatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Neusticurus racenisi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Neusticurus rudis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Placosoma cipoense	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Placosoma c. cordylinum	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Placosoma c. champsonotus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Placosoma glabellum	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	?	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Placosoma limaverdorum	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Potamites ecpleopus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Potamites juruazensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bachiini	não																											
Bachia bresslaui	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bachia cacerensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bachia didactyla	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bachia dorbignyi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bachia flavescens	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bachia geralista	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bachia micromela	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bachia oxyrhina	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bachia panoplia	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bachia peruana	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bachia psamophila	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bachia pyburni	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bachia remota	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bachia scaea	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bachia scolecoides	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bachia trisanale	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ecpleopodini	não																											
Amapasaurus tetradactylus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Anotosaura collaris	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Anotosaura vanzolinia	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Arthrosaura kockii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Arthrosaura reticulata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Colobosauroides carvalhoi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Colobosauroides cearensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	?	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dryadosaura nordestina	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ecpleopus gaudichaudii	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	?	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leposoma annectans	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leposoma baturitensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leposoma nanodactylus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leposoma puk	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leposoma scincoides	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leposoma sinepollex	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Loxopholis ferreirai	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Loxopholis guianense	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Loxopholis osvaldoi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Loxopholis percarinatum	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Loxopholis snethlageae	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Marinussaurus curupira	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Rhachisaurinae	sim																											
Rhachisaurus brachylepis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Teiidae	não																											
Teiinae	não																											
Ameiva a. ameiva	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	!	!
Ameiva jacuba	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ameiva parecis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ameivula cipoensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ameivula confusioniba	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ameivula jalapensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ameivula mumbuca	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ameivula nativo	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ameivula nigrigula	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ameivula ocellifera	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ameivula pyrrhogularis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ameivula xacriaba	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Cnemidophorus cryptus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Cnemidphorus gramivagus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Cnemidophorus l. lemniscatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Contomastix lacertoides	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Contomastix vacariensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Glaucomastix abaetensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Glaucomastix cyanura	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Glaucomastix littoralis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Glaucomastix venetacauda	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Kentropyx altamazonica	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Kentropyx calcarata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Kentropyx paulensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Kentropyx pelviceps	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Kentropyx striata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	?	AL	SE	?	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Kentropyx vanzoi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Kentropyx viridistriga	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Teius oculatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Teius teyou	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tupinambinae	não																											
Crocodilurus amazonicus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dracaena guianensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dracaena paraguayensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Salvator duseni	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Salvator merianae	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tupinambis cryptus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tupinambis cuzcoensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tupinambis longilineus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	!	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tupinambis matipu	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tupinambis palustris	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tupinambis quadrilineatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tupinambis teguixin	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
AMPHISBAENIA	não																											
Amphisbaenidae	não																											
Amphisbaeninae	não																											
Amphisbaena absaberi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena acrobeles	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena alba	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena anaemariae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena anomala	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena arda	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena arenaria	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena bahiana	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena bedai	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena bilabialata	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena brasiliana	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena brevis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena caiari	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena camura	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena carli	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena carvalhoi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena crisae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena cuiabana	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena cunhai	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena darwinii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena dubia	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena filiformis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena frontalis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena f. fuliginosa	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena f. amazonica	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena f. varia	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena f. wiedi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena hastata	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena heathi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena hogei	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena ibijara	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena ignatiana	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena kingii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena kraoh	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena leeseri	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena leucocephala	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena littoralis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena lumbricalis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena maranhensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena mensae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena metallurga	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena mertensii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena miringoera	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena mitchelli	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena munoai	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena neglecta	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	?	MT	MS	!	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena nigricauda	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena persephone	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena pretrei	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena prunicolor	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	?	?	?	PR	SC	RS
Amphisbaena ridleyi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena roberti	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena sanctaeritae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena saxosa	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena silvestrii	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena slevini	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena steindachneri	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	!	PR	SC	RS
Amphisbaena supernumeraria	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena talisiae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena trachura	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena tragorrhectes	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena uroxena	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena vanzolinii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amphisbaena vermicularis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leposternon cerradensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leposternon infraorbitale	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leposternon kisteumacheri	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leposternon maximus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leposternon microcephalum	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leposternon mineiro	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leposternon octostegum	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leposternon polystegum	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leposternon scutigerum	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leposternon wuchereri	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Mesobaena rhachicephala	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
SERPENTES	não																											
"SCOLECOPHIDIA"	não																											
Anomalepididae	não																											
Liotyphlops beui	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Liotyphlops caissara	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Liotyphlops schubarti	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Liotyphlops ternetzii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Liotyphlops trefauti	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Liotyphlops wilderi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Typhlophis squamosus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Typhlopidae	não																											
Typhlopinae	não																											
Amerotyphlops amoipira	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amerotyphlops arenensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amerotyphlops brongersmianus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amerotyphlops minuisquamus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amerotyphlops paucisquamus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amerotyphlops reticulatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Amerotyphlops yonenagae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leptotyphlopidae	não																											
Epictinae	não																											
Epictini	não																											
Epictia albifrons	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Epictia australis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Epictia borapeliotes	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Epictia clinorostris	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Epictia munoai	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Epictia striatula	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Epictia tenella	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Epictia vellardi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Siagonodon acutirostris	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Siagonodon cupinensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Siagonodon septemstriatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Trilepida brasiliensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Trilepida dimidiata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Trilepida fuliginosa	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Trilepida jani	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Trilepida koppesi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Trilepida macrolepis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Trilepida salgueiroi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
ALETHINOPHIDIA	não																											
Amerophidia	não																											
Aniliidae	não																											
Anilius scytale	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidophiidae	não																											
Tropidophis grapiuna	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidophis paucisquamis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidophis preciosus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Afrophidia	não																											
Henophidia	não																											
Booidea																												
Boidae	não																											
Boa c. constrictor	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Boa c. amarali	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Corallus batesii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Corallus caninus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Corallus cropanii	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Corallus hortulanus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	!	!	RS
Epicrates assisi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Epicrates cenchria	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Epicrates crassus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Epicrates maurus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Eunectes deschauenseei	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Eunectes murinus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Eunectes notaeus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Caenophidia	não																											
Colubridae	não																											
Chironius bicarinatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Chironius brazili	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Chironius carinatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Chironius diamantina	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Chironius exoletus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Chironius flavolineatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Chironius foveatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Chironius fuscus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Chironius laevicollis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Chironius laurenti	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Chironius maculoventris	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Chironius multiventris	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Chironius quadricarinatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Chironius scurrulus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Chironius septentrionalis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dendrophidion atlantica	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dendrophidion dendrophis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Drymarchon corais	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Drymobius rhombifer	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Drymoluber brazili	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Drymoluber dichrous	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leptophis a. ahaetulla	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leptophis a. liocercus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leptophis a. marginatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leptophis a. nigromarginatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Mastigodryas bifossatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Mastigodryas b. boddaerti	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Mastigodryas moratoi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Mastigodryas pleei	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Oxybelis aeneus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Oxybelis fulgidus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phrynonax polylepis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Rhinobothryum lentiginosum	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Simophis rhinostoma	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Spilotes p. pullatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Spilotes s. sulphureus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	!	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	!	PR	SC	RS
Spilotes s. poecilostoma	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tantilla boipiranga	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tantilla melanocephala	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dipsadidae	não																											
Dipsadinae	não																											
Dipsadini	não																											
Atractus albuquerquei	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus alphonsehogei	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus altagratiae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus badius	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus boimirim	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus caete	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus caxiuana	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus edioi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus elaps	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus flammigerus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus francoi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus guentheri	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus hoogmoedi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus insipidus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus latifrons	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus maculatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus major	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus natans	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus occipitoalbus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus pantostictus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus paraguayensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus poeppigi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus potschi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus reticulatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus riveroi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus ronnie	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus schach	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus serranus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus snethlageae	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus spinalis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus surucucu	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus taeniatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus tartarus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus thalesdelemai	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus torquatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus trihedrurus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	!
Atractus trilineatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus zebrinus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	!	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Atractus zidoki	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dipsas albifrons	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dipsas alternans	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dipsas b. bucephala	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dipsas catesbyi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	!	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dipsas incerta	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dipsas i. indica	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dipsas i. petersi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dipsas pavonina	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dipsas sazimai	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dipsas variegata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ninia hudsoni	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Sibon nebulatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Sibynomorphus lavillai	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Sibynomorphus m. mikanii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Sibynomorphus m. septentrionalis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Sibynomorphus neuwiedi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Sibynomorphus turgidus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Sibynomorphus ventrimaculatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Imantodini	não																											
Imantodes cenchoa	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Imantodes lentiferus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leptodeira a. annulata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leptodeira a. pulchriceps	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Xenodontinae	não																											
Amnesteophiini	sim																											
Amnesteophis melanauchen	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Caaeteboiini	sim																											
Caaeteboia amarali	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Echinantherini	não																											
Echinanthera amoena	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Echinanthera cephalomaculata	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Echinanthera cephalostriata	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Echinanthera cyanopleura	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Echinanthera melanostigma	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Echinanthera undulata	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Taeniophallus affinis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Taeniophallus bilineatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Taeniophallus brevirostris	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Taeniophallus nicagus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Taeniophallus occipitalis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Taeniophallus persimilis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Taeniophallus poecilopogon	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Taeniophallus quadriocellatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Sordellina punctata	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	!	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	?	SP	PR	SC	RS
Elapomorphini	não																											
Apostolepis albicollaris	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis ambiniger	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	?	PR	SC	RS
Apostolepis ammodites	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	!	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis arenaria	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis assimilis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	!	RS
Apostolepis barrioi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis borellii	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis cearensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis cerradoensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis christineae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	?	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis dimidiata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	!	SP	PR	SC	RS
Apostolepis flavotorquata	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis gaboi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis goiasensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis intermedia	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis lineata	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis longicaudata	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	?	PE	AL	SE	BA	?	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis mariae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis nelsonjorgei	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis nigrolineata	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis nigroterminata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis phillipsae	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis polylepis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis quinquelineata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis quirogai	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis roncadori	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis rondoni	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis serrana	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis striata	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis tertulianobeui	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis thalesdelemai	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Apostolepis vittata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Coronelaps lepidus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Elapomorphus quinquelineatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	!
Elapomorphus wuchereri	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phalotris concolor	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phalotris labiomaculatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phalotris lativittatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phalotris lemniscatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phalotris matogrossensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phalotris mertensi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phalotris multipunctatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phalotris nasutus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phalotris reticulatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phalotris tricolor	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Hydrodynastini	não																											
Hydrodynastes bicinctus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Hydrodynastes gigas	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Hydrodynastes melanogigas	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Hydropsini	não																											
Helicops angulatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Helicops apiaka	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Helicops carinicaudus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	!	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Helicops gomesi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Helicops hagmanni	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Helicops infrataeniatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Helicops leopardinus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Helicops modestus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Helicops nentur	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Helicops polylepis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Helicops tapajonicus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Helicops trivittatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Helicops yacu	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Hydrops caesurus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Hydrops martii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Hydrops triangularis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Pseudoeryx p. plicatilis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Pseudoeryx p. mimeticus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Philodryadini	não																											
Ditaxodon taeniatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Philodryas aestiva	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Philodryas agassizii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Philodryas argentea	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Philodryas arnaldoi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Philodryas georgeboulengeri	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Philodryas laticeps	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Philodryas livida	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Philodryas mattogrossensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Philodryas nattereri	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Philodryas olfersii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Philodryas patagoniensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Philodryas psammophidea	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Philodryas viridissima	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Pseudoboini	não																											
Boiruna maculata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Boiruna sertaneja	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Clelia clelia	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Clelia hussami	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Clelia plumbea	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Drepanoides anomalus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Mussurana bicolor	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Mussurana montana	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Mussurana quimi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Oxyrhopus clathratus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Oxyrhopus formosus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Oxyrhopus guibei	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Oxyrhopus m. melanogenys	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Oxyrhopus m. orientalis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Oxyrhopus occipitalis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Oxyrhopus petolarius digitalis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Oxyrhopus r. rhombifer	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Oxyrhopus r. inaequifasciatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Oxyrhopus r. septentrionalis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Oxyrhopus trigeminus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Oxyrhopus vanidicus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Paraphimophis rusticus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phimophis guerini	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Phimophis guianensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Pseudoboa coronata	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Pseudoboa haasi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Pseudoboa martinsi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Pseudoboa neuwiedii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Pseudoboa nigra	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Pseudoboa serrana	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Rhachidelus brazili	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Rodriguesophis chui	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Rodriguesophis iglesiasi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Rodriguesophis scriptorcibatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Siphlophis cervinus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Siphlophis compressus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Siphlophis leucocephalus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Siphlophis longicaudatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Siphlophis pulcher	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Siphlophis worontzowi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	?	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Psomophini	não																											
Psomophis genimaculatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Psomophis joberti	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Psomophis obtusus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tachymenini	não																											
Calamodontophis paucidens	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Calamodontophis ronaldoi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Gomesophis brasiliensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Ptychophis flavovirgatus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Thamnodynastes almae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Thamnodynastes chaquensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Thamnodynastes hypoconia	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Thamnodynastes lanei	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Thamnodynastes longicaudus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Thamnodynastes nattereri	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Thamnodynastes pallidus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Thamnodynastes phoenix	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Thamnodynastes ramonriveroi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Thamnodynastes rutilus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Thamnodynastes sertanejo	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Thamnodynastes strigatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tomodon dorsatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tomodon ocellatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidodryadini	sim																											
Tropidodryas serra	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Tropidodryas striaticeps	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Xenodontini	não																											
Erythrolamprus a. aesculapii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus a. venustissimus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus almadensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus atraventer	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus breviceps	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus carajasensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus cobella	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	!	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus dorsocorallinus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus frenatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus j. jaegeri	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus j. coralliventris	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus maryellenae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus m. miliaris	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus m. amazonicus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus m. chrysostomus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus m. merremii	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus m. orinus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus mossoroensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus oligolepis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus p. poecilogyrus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus p. caesius	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus p. schotti	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus p. sublineatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus pygmaeus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus reginae macrosoma	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus r. semilineatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus semiaureus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus taeniogaster	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	!	PR	SC	RS
Erythropamprus trebbaui	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus t. typhlus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus t. brachyurus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus t. elaeoides	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus v. viridis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Erythrolamprus v. praesinus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Lygophis anomalus	não	RR	AP	AC	RO	AM	!	TO	MT	MS	GO	!	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	!	!	!	PR	!	RS
Lygophis dilepis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Lygophis flavifrenatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Lygophis lineatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Lygophis meridionalis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Lygophis paucidens	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Xenodon dorbignyi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Xenodon guentheri	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Xenodon histricus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Xenodon matogrossensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Xenodon merremii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Xenodon nattereri	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Xenodon neuwiedii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Xenodon pulcher	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Xenodon r. rabdocephalus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Xenodon severus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Xenodon werneri	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Xenodontinae *Incertae sedis*	não																											
Xenopholis scalaris	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Xenopholis undulatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Xenopholis werdingorum	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dipsadidae *Incertae sedis*	não																											
Cercophis auratus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Lioheterophis iheringi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Uromacerina ricardinii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Elapidae	não																											
Elapinae	não																											
Leptomicrurus c. collaris	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leptomicrurus narduccii melanotus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Leptomicrurus scutiventris	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus albicinctus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus altirostris	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus a. annellatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus a. bolivianus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus averyi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus brasiliensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus corallinus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus decoratus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	?	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	?
Micrurus diana	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus diutius	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	!	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus filiformis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus frontalis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus h. hemprichii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus h. ortoni	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus ibiboboca	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus isozonus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus langsdorffi	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus l. lemniscatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	?	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus l. carvalhoi	não	RR	AP	AC	RO	AM	!	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus l. helleri	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus mipartitus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus nattereri	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus pacaraimae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus paraensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus potyguara	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus psyches	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus putumayensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus pyrrhocryptus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus remotus	não	RR	AP	!	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus silviae	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus s. spixii	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus s. martiusi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus s. obscurus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus surinamensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus tikuna	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Micrurus tricolor	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Viperidae	não																											
Crotalinae	não																											
Bothrocophias hyoprora	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrocophias microphthalmus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops alcatraz	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops alternatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops atrox	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops b. bilineatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops b. smaragdinus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops brazili	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops cotiara	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops diporus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops erythromelas	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops fonsecai	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops insularis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops itapetiningae	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops jararaca	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops jararacussu	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops leucurus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops lutzi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	?	PR	SC	RS
Bothrops marajoensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops marmoratus	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops mattogrossensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops moojeni	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops muriciensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops neuwiedi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops otavioi	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops pauloensis	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops pirajai	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops pubescens	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops sazimai	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Bothrops taeniatus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Crotalus d. durissus	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Crotalus d. cascavella	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Crotalus d. collilineatus	não	RR	AP	AC	RO	?	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Crotalus d. marajoensis	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Crotalus d. ruruima	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Crotalus d. terrificus	não	RR	AP	AC	?	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Lachesis muta	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS

estudos que ampliaram o conhecimento sobre a fauna reptiliana matogrossense.

Os maiores estados do país, Pará e Amazonas, figuram em 2º e 5º lugar em riqueza de répteis, com 278 (273 considerando apenas as espécies continentais) e 250 táxons, respectivamente, ressaltando a diversidade presente na região amazônica. O Pará é também o detentor da maior riqueza de quelônios do país, com 23 táxons (18 deles continentais), ou seja, 62% dos Testudines já registrados no Brasil. Levando-se em conta que a região amazônica ainda possui importantes áreas carentes de levantamentos, e muitas espécies em vias de revisão taxonômica, é de se esperar um relevante aumento da riqueza desses estados no futuro próximo.

A posição de Bahia e Minas Gerais como detentores, respectivamente, da 2ª (junto com o Pará) e 4ª maiores riquezas de répteis do Brasil (278 e 260 táxons, respectivamente) segue padrão semelhante ao observado para o Mato Grosso – grande extensão territorial, heterogeneidade de ambientes, neste caso graças à presença de Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga, e o aumento na publicação de dados nos últimos anos. A Bahia ainda se destaca por ser a UF com maior número de táxons de lagartos (98), o que pode estar relacionado especialmente às muitas espécies endêmicas da Mata Atlântica do sudeste baiano e da Chapada Diamantina, em sua maioria descritas nas últimas décadas.

Embora seja apenas o 7º estado mais rico em répteis, Rondônia possui a maior diversidade de crocodilianos, pois das seis espécies presentes no país, cinco são encontradas em território rondoniense.

Lacunas de conhecimento são uma realidade para todo o país, mas se mostram mais aparentes em algumas UF. Roraima, Piauí e Ceará possuem riqueza conhecida próxima à do Distrito Federal, a despeito da área entre 29 e 43 vezes maior, e da grande diversidade de ambientes que apresentam.

Comparativamente, a riqueza observada nos estados da região Nordeste (exceto a Bahia) é baixa. Embora o território da maioria desses estados não seja extenso para os padrões nacionais e grande parte da cobertura vegetal original tenha sido perdida, os estudos com a diversidade reptiliana eram há alguns anos concentrados em poucas localidades. Esse panorama tem mudado, especialmente com a fixação de novos profissionais herpetólogos como pesquisadores em universidades da região.

Mesmo as regiões Sudeste e Sul, nas quais reside a maior parte dos herpetólogos brasileiros, também possuem lacunas de conhecimento mais aparentes na riqueza de répteis, com destaque negativo para Espírito Santo e Santa Catarina.

As UF mais estudadas quanto à composição de sua fauna de répteis são Distrito Federal, Pará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. Todas são pólos de formação de herpetólogos e abrigam algumas das mais importantes coleções de répteis da América Latina. No caso do Distrito Federal, a pequena área territorial também facilita um levantamento mais completo da riqueza de répteis, enquanto que o clima predominantemente subtropical deve ser parcialmente responsável pelo número relativamente baixo de espécies no Rio Grande do Sul. O Pará, embora ainda apresente amplas áreas insuficientemente amostradas, possui há décadas um grupo de pesquisa local, ao contrário de muitas UF para as quais o conhecimento foi, até pouco tempo atrás, gerado essencialmente por pesquisadores de outras regiões.

Este é o primeiro panorama amplo da riqueza de espécies e subespécies de répteis nas UF brasileiras. Enquanto algumas possuem listas possivelmente próximas da riqueza real que apresentam (Distrito Federal, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul), na maioria ainda há muito o que se descobrir. Assim, é provável que nos próximos anos vejamos mudanças importantes nesse quadro, com aumento significativo no número de táxons conhecidos em muitos estados, talvez até alterando o *ranking* de UF mais ricas em répteis.

Notas Nomenclaturais

O arranjo taxonômico acima do nível de gênero (tribo, subfamília, família etc.) segue diferentes fontes. Adotamos a proposta do TTWG (2017) para Testudines e Brochu (2003) e Savage (2017) para Crocodylia. Para Squamata, seguimos Pyron *et al.* (2013) (em partes; veja Costa & Bérnils 2015:76-77), Hedges (2014), Goicoechea *et al.* (2016) (em partes, veja detalhes abaixo) e Zheng & Wiens (2016) (em partes; para o uso de Lacertiformes ao invés de Lacertoidea, veja Costa & Bérnils (2015:76). Nem todos os nomes acima do nível de família atualmente em uso na literatura foram apresentados (*e.g.,* Amphisbaeniformes, Colubroides, Colubroidea, Endoglyptodonta, Scincomorpha, Toxicofera), por optarmos pela simplificação. No caso específico das Serpentes, utilizamos a nomenclatura proposta por Vidal *et al.* (2007), Adalsteinsson *et al.* (2009), Zaher *et al.* (2009), Grazziotin *et al.* (2012), Hedges *et al.* (2014) e Pyron *et al.* (2014) – para o uso de "Scolecophidia", veja Costa & Bérnils (2015:78).

Informações detalhadas sobre alterações ocorridas no arranjo nomenclatural nesta versão frente à anterior (Costa & Bérnils 2015) são apresentadas abaixo. Os táxons citados estão indicados por um asterisco (*) na lista de espécies.

Crocodylia

Crocodylia e Alligatoridae: Savage (2017) disserta sobre a confusão a respeito da autoria dos nomes relativos a crocodilianos. Sua conclusão é que os nomes + autorias corretos são Crocodylia Deraniyagala, 1939 e Alligatoridae Gray, 1844 (por consequência, Alligatoroidea passaria também a ser atribuído ao mesmo autor). Uma vez que o Princípio de Prioridade do Código Internacional de Nomenclatura Zoológica não rege nomes acima do grupo-família, preferimos por ora manter o nome Crocodylia Deraniyagala, 1939 em detrimento dos sinônimos sêniores Loricata Merrem, 1820 ou Crocodilia Wagler, 1830.

Squamata

"Lagartos"

Alopoglossidae: Em recente revisão sistemática de Gymnophthalmidae e Teiidae, Goicoechea *et al.* (2016) encontraram

Alopoglossus + *Ptychoglossus* como grupo-irmão de um clado formado por Teiidae e os demais Gymnophthalmidae. Dessa forma, os autores propõem a alocação desses dois gêneros em nova família, Alopoglossidae. Goicoechea *et al.* (2016) ainda ressaltam que o nome Alopoglossinae, proposto por Pellegrino *et al.* (2001) e seguido por Colli *et al.* (2015), é inválido (*nomen nudum*) defido à falta de descrição de caracteres diagnósticos para o táxon.

Bachiini: Goicoechea *et al.* (2016) classificaram Bachinae *sensu* Colli *et al.* (2015) – adotado na última versão da Lista Brasileira de Répteis – como uma tribo dentro de Cercosaurinae.

Cercosaura argulus: O nome específico *argulus* é um substantivo. Portanto, mesmo *Cercosaura* sendo um gênero feminino, a forma *C. argula,* como aplicada na última versão da Lista, é incorreta. Além disso, o ano de descrição do táxon é 1862, não 1863, como vínhamos informando (Sturaro *et al.* 2017).

Cercosaura quadrilineta: Goicoechea *et al.* (2016) não encontraram *Cercosaura* monofilético devido ao posicionamento de *C. quadrilineata*. Os autores aplicaram provisoriamente *Pantodactylus* Duméril & Bibron, 1839 a *C. quadrilineata* e *C. schreibersii* (sinônimo-sênior de *P. d'Orbignyi,* espécie-tipo de *Pantodactylus*). O problema (apontado pelos próprios autores, mas ignorado) é que *C. schreibersii* encontra-se em um clado com os demais *Cercosaura*. Aplicar o nome *Pantodactylus* a *C. quadrilineata* e *C. schreibersii* deixaria tanto *Pantodactylus* quanto *Cercosaura* (*sensu* Goicoechea *et al.* 2016) não monofiléticos. Nenhuma filogenia recente encolvendo *Cercosaura* (Torres-Caravajal *et al.* 2015, 2016; Sturaro *et al.* 2017) encontra *C. quadrilineata* e *C. schreibersii* proximamente relacionados. Se outro nome genérico deve ser aplicado a *C. quadrilineata, Pantodactylus* não seria opção – provavelmente um novo nome, como comentado por Goicoechea *et al.* (2016). Uma vez que o nome genérico atribuído a *C. quadrilineata* deve ser debatido em breve por novos estudos, preferimos neste momento não adotar nenhuma mudança nomenclatural, como sugerido por Sturaro *et al.* (2017).

Ecpleopodini: Goicoechea *et al.* (2016) classificaram Ecpleopodinae *sensu* Colli *et al.* (2015) – adotado na última versão da Lista – como uma tribo dentro de Cercosaurinae.

Glaucomastix: Harvey *et al.* (2012) apontaram o parafiletismo de *Cnemidophorus,* o que resultou na criação de três novos gêneros, *Ameivula, Aurivela* e *Contomastix*. Análises filogenéticas baseadas em sequências de fragmentos gênicos mitocondriais e nucleares (Goicoechea *et al.* 2016) apontaram o parafiletismo de *Ameivula,* com *A. abaetensis* formando um clado com *Cnemidophorus* + *Kentropyx*. Para resolver esta questão, os autores criaram o nome *Glaucomastix* para os *Ameivula* do "grupo *littoralis*", agora identificados como *G. abaetensis, G. cyanura, G. littoralis* e *G. venetecauda*. Contudo, análises filogenômicas utilizando sequenciamento de nova geração (Tucker *et al.* 2016) sugerem que *Ameivula, Aurivela, Contomastix* e *Glaucomastix* formam um grupo monofilético com alto suporte, ao contrário dos resultados obtidos anteriormente (Harvey *et al.* 2012; Goicoechea *et al.* 2016). Isso levou a questionamentos quanto à necessidade do uso de todos esses nomes genéricos, embora nenhuma alteração nomenclatural tenha sido sugerida (Tucker *et al.* 2016).

Gymnophthalmoidea: Na última edição da Lista (Costa & Bérnils 2015) adiantamos informações presentes em Costa *et al.* (2016a) (na época em revisão), sobre a autoria de Gymnophthalmidae, Teiinae e Tupinambinae (de forma independente, Goicoechea *et al.* 2016 também trouxeram esta informação). Falhamos, contudo, em substituir o nome de superfamília Teioidea Gray, 1827 por Gymnophthalmoidea Fitzinger, 1826, que possui prioridade.

Heterodactylini: Goicoechea *et al.* (2016) argumentaram que Chirocolidae Gray, 1838 não é um nome válido, pois foi baseado em um gênero à época considerado sinônimo. Dessa forma, a tribo formada por *Caparaonia, Colobodactylus* e *Heterodactylus,* tratada como Chirocolini por Colli *et al.* (2015) – forma adotada na última Lista – deve receber outro nome. Uma vez que Heterodactylini Pellegrino, Rodrigues, Yonenaga-Yassuda e Sites, 2001 é um *nomen nudum* (Colli *et al.* 2015; Goicoechea *et al.* 2016), foi proposto o nome Heterodactylini Goicoechea, Frost, De la Riva, Pellegrino, Sites, Rodrigues & Padial, 2016.

Loxopholis: Os resultados de Goicoechea *et al.* (2016) reforçaram estudos anteriores que apontavam para a não monofilia de *Leposoma* Spix, 1825. Dessa forma, os autores propõem revalidar o nome *Loxopholis* Cope, 1869 para o grupo de *Leposoma parietale,* que no Brasil inclui *L. ferreirai, L. guianense, L. osvaldoi, L. percarinatum* e *L. snethlageae.*

Placosoma cordylinum: Borges-Nojosa *et al.* (2016) sugeriram que a recomendação de Zaher *et al.* (2011) em considerar as subespécies de *C. cordylinum* como espécies plenas foi despercebida pelo Reptile Database (Uetz & Hošek 2017). Não podemos responder pelos autores daquela base de dados, mas nós, autores desta Lista, mesmo conhecendo a proposta de Zaher *et al.* (2011), consideramos mais prudente não a adotar. Zaher *et al.* (2011) afirmaram que "No caso do gênero *Placosoma,* reconhecemos como espécies plenas as subespécies de *Placosoma cordylinum* empregadas por Uzzell (1959) pois sua ocorrência simpátrica e os caracteres que as diagnosticam apóiam este novo status". Uzzell (1959), por sua vez, apontou diferenças sutis entre as duas subespécies, como o número de escamas dorsais aumentadas entre os membros anteriores, e a linha clara lateral separada ou não do tímpano. É importante lembrar que Uzzell (1959, 1962) tinha à disposição apenas nove espécimes de *P. c. cordylinum* e cinco de *P. c. champsonotus,* e que um dos caracteres diagnósticos por ele definido (as dorsais aumentadas entre os membros anteriores) apresenta sobreposição entre os táxons. Hoje, um número bem maior de exemplares de *P. c. cordylinum* e *P. c. champsonotus* é conhecido (vide apêndice de Borges-Nojosa *et al.* 2016), e um estudo mais aprofundado sobre a sistemática de ambos seria conveniente. Enquanto isso, preferimos manter *Placosoma cordylinum* como uma espécie politípica, apresentando duas subespécies.

Potamites: Estudos recentes (*e.g.,* Goicoechea *et al.* 2016; Torres-Carvajal *et al.* 2016) têm reforçado a validade de *Potamites* Doan & Castoe, 2005, ao qual se aplicam os táxons brasileiros que vínhamos tratando como *Neusticurus ecpleopus* e *N. juruazensis* desde Bérnils & Costa (2012).

Psilops: Rodrigues *et al.* (2017) descreveram *Psilops* como substituto de *Psilophthalmus* Rodrigues, 1991, pré-ocupado por *Psilophthalmus* Szépligeti, 1902 (Hymenoptera).

Amphisbaenia

Amphisbaena fuliginosa: Pelos últimos doze anos (desde SBH 2006), esta Lista seguiu a proposta de Gans (2005), que em seu último catálogo das anfisbenas do mundo elevou todas as subespécies do grupo ao nível específico, sem avaliação crítica. No caso das formas com ocorrência no Brasil, isso significou considerar como espécies plenas as subespécies de *Amphisbaena fuliginosa*. O último estudo taxonômico envolvendo esta espécie (Vanzolini 2002) mantinha as designações subespecíficas, reconhecendo para o Brasil *A. f. amazonica* (distribuindo-se pelo baixo Amazonas, a leste da boca do rio Negro) e *A. f. wiedi* (ocorrendo ao sul do Amazonas, incluindo o Cerrado e a Mata Atlântica). Contudo, Vanzolini (2002) não chegou a uma conclusão a respeito do nome a ser atribuído aos espécimes de Roraima, Rondônia e Acre. Este problema se deve principalmente porque as diagnoses apresentam problemas e não são inambíguas, como sugerido por Vanzolini (2002:628-629). A situação do grupo *fuliginosa* no Brasil se complicou com duas publicações alegando a presença de *A. f. varia* (subespécie do Panamá e Andes) no Pará (Chalkidis 2000), e de *A. f. fuliginosa* (antes restrita à região das Guianas) em Tefé, Amazonas (Chalkidis *et al.* 2002). A realização de um novo estudo taxonômico envolvendo *A. fuliginosa* (sensu lato) é essencial para esclarecer esses problemas.

Por ora, preferimos considerar a espécie politípica, com quatro subespécies ocorrentes no Brasil (*A. f. fuliginosa, A. f. amazonica, A. f. varia* e *A. f. wiedi*), tal como feito por Colli *et al.* (2016). O registro de *A. f. varia* para Roraima é tentativo, pois Vanzolini (2002) não conseguiu atribuir um nome aos espécimes daquele estado; o número de anéis e segmentos apresentados permitem identificá-los principalmente como *A. f. fuliginosa* ou *A. f. varia* (Vanzolini 2002:638), enquanto o padrão de coloração tende a *A. f. varia* (Vanzolini 2002:631). Já os espécimes de Rondônia e Acre possuem um padrão de coloração mais próximo a *A. f. bassleri* (Vanzolini 2002:631), mas as contagens de anéis e segmentos tendem a *A. f. varia* ou *A. f. wiedi*. Tentativamente atribuímos aos espécimes de Rondônia e Acre o nome *A. f. wiedi,* por um quesito arbitrário de distribuição geográfica.

Também é tentativo o reconhecimento da subespécie presente no Ceará como *A. f. wiedi*. Vanzolini (1951) examinou três espécimes de *A. fuliginosa* do Ceará (sem localidades específicas) e não lhes atribuiu nome, mas afirmou que dois deles poderiam ser confundidos com *A. f. amazonica,* o outro com *A. f. wiedi*. Esses mesmos espécimes não foram citados em uma segunda revisão do grupo, onde é dito (Vanzolini 2002:624) que espécimes do rio Gurupi, em Canindé (Pará) e de Açailândia (Maranhão) possuem padrão de coloração típico de *A. f. wiedi* (a contagem de anéis e segmentos também se enquadra na diagnose do táxon). Uma vez que o Ceará se situa entre essas localidades e Santa Maria Eterna, Bahia (localidade-tipo de *A. f. wiedi*), optamos por atribuir este nome aos espécimes daquele estado.

Serpentes

Crotalus durissus durissus: O nome *C. d. durissus* deve ser adotado no lugar de *C. d. dryinas* (o qual vínhamos utilizando erroneamente) para as populações do norte da Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Amapá (Campbell e Lamar 2004; Savage *et al.* 2005).

Dipsas indica petersi: Este táxon foi descrito por Alphonse R. Hoge e Sylvia A.R.W.L. Romano-Hoge, e não apenas por Hoge. Além disso, embora esteja impresso o ano de 1975, a publicação foi distribuída em 1976.

Drymarchon corais: McCranie (1980) reconhecia oito subespécies para *D. corais,* sendo *D. c. corais* a presente no Brasil. Esta era a nomenclatura que vínhamos adotando na Lista. Contudo, passou-nos despercebido que Wüster *et al.* (2001), ao descreverem *D. caudomaculatus* para a Venezuela, reconheceram *D. corais couperi, D. c. margaritae* e *D. c. melanurus* como espécies plenas. Esses mesmos autores sugerem também que *D. corais erebennus, D. c. orizabensis, D. c. rubidus* e *D. c. unicolor* sejam consideradas, "provisioriamente", subespécies de *D. melanurus*. Desta maneira, *Drymarchon corais* passa a ser táxon monotípico.

Epictinae e Epictini: A autoria correta desses táxons deve ser atribuída a Hedges, Adalsteinsson & Branch *in* Adalsteinsson, Branch, Trape, Vitt & Hedges, 2009 (Adalsteinsson *et al.* 2009).

Erythrolamprus reginae macrosoma: O radical latino *-soma* ("corpo") tem origem no grego antigo σῶμα (*sôma*). Ambos os radicais formam sempre palavras masculinas, mesmo sendo terminados em "a". Sendo assim, deve-se usar a combinação *E. reginae macrosoma,* e não *E. r. macrosomus*.

Micrurus diutius: Antes subespécie de *M. lemniscatus,* foi considerada espécie plena por Silva Jr. *et al.* (2016).

Táxons incluídos nesta edição

Testudines

Platemys platycephala melanonota: Citada para o Brasil por Mendes-Pinto *et al.* (2012) com base no exemplar INPA-H 27680 (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), coletado na Floresta Nacional do Trairão, estado do Pará, e por Moraes *et al.* (2017a), com base em exemplar (*voucher* não informado) da Serra da Mocidade, estado de Roraima.

Squamata

"Lagartos"

Ameivula pyrrhogularis: Retirada da sinonímia de *A. ocellifera* por Arias *et al.* (2018) e registrada para o Brasil por meio de exemplares dos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco e Bahia.

Bachia remota: Descrita por Ribeiro-Júnior *et al.* (2016), com base no exemplar IEPA 777 (Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá), procedente do Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, no estado do Amapá. Este espécime foi anteriormente identificado como *Bachia* gr. *heteropa* por Lima (2008).

Iphisa elegans soinii: Citada para o Brasil por Ribeiro-Júnior & Amaral (2017) com base em exemplares do Amazonas e do Acre.

Ophiodes enso: Descrita por Entiauspe-Neto *et al.* (2017a) com base em espécimes da região da Lagoa dos Patos, Rio Grande do Sul.

Placosoma limaverdorum: Descrita por Borges-Nojosa *et al.* (2016a) com base em espécimes procedentes dos brejos de altitude do Ceará. Esta espécie vinha sendo chamada de *Placosoma* sp. por diversos autores nos últimos anos (*e.g.,* Borges-Nojosa & Caramaschi 2003; Freitas & Silva 2007; Roberto & Loebmann 2016).

Psilops mucugensis: Descrita por Rodrigues *et al.* (2017) com base em espécimes procedentes do estado da Bahia.

Psilops seductus: Descrita por Rodrigues *et al.* (2017) com base em espécimes procedentes dos estados da Bahia e Minas Gerais.

Tropidurus lagunablanca: Citada para o Brasil por Cacciali & Köhler (2018). Exemplares de *T. guarani* previamente identificados para os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (Carvalho 2013; Ferreira *et al.* 2017) seriam *T. lagunablanca*.

Tropidurus sertanejo: Descrita por Caravalho *et al.* (2016) com base em espécimes procedentes do estado da Bahia.

Tropidurus spinulosus: Citada para o Brasil por Ferreira *et al.* (2017) na lista de espécies de répteis do Mato Grosso do Sul, sem maiores informações.

Tupinambis cryptus: Descrita por Murphy *et al.* (2016) com base em espécimes de vários países sulamericanos, incluindo o Brasil. Após revisão que resultou na descrição de *T. maputi* (Silva *et al.* 2018), a maioria dos exemplares brasileiros identificados como *T. cryptus* por Murphy *et al.* (2016) foram reidentificados como *T. maputi, T. quadrilineatus* e *T. teguixin*.

Tupinambis cuzcoensis: Descrita por Murphy *et al.* (2016) com base em espécimes do Equador, Peru e Brasil (Acre, Amazonas e Mato Grosso).

Tupinambis matipu: Descrita por Silva *et al.* (2018) com base em dezenas de exemplares do Brasil (Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul).

Amphisbaenia

Amphisbaena filiformis: Descrita por Ribeiro *et al.* (2016) com base em espécimes procedentes da Mata dos Cocais, nos estados de Tocantins e Maranhão.

Leposternon mineiro: Descrita por Ribeiro *et al.* (2018) com base em espécimes procedentes do estado de Minas Gerais.

Serpentes

Amerotyphlops arenensis: Descrita por Graboski *et al.* (2015) com base em espécimes procedentes da Reserva Ecológica Mata do Pau Ferro, na Paraíba.

Apostolepis mariae: Descrita por Borges-Nojosa *et al.* (2016b) com base em exemplares do estado do Ceará. Exemplares deste táxon vinham sendo identificados como *A. quinquelineata* (em Nascimento & Lima-Verde 1989), *A. pymi* (em Lema & Renner 1998), *Apostolepis* gr. *nigrolineata* (em Roberto & Loebmann 2016) ou *Apostolepis* sp. (em Lema *et al.* 2017).

Apostolepis barrioi: Retirada da sinonímia de *A. dimidiata* por Cabral *et al.* (2017) e registrada para o Brasil por meio de exemplares do Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo.

Apostolepis phillipsae: Citada para o Brasil por Lema (2015) e Martins & Lema (2015) com base no espécime AMNH 87942 (American Museum of Natural History), procedente da confluência entre os rios Araguaia e Tapirapé, estado do Mato Grosso. Este espécime foi anteriormente identificado como *A. nigroterminata* por Harvey (1999) e como *A. goiasensis* por Loebmann & Lema (2012).

Apostolepis roncadori: Descrita por Lema (2016) com base no exemplar BMNH 1972.429 (British Museum of Natural History) procedente da Serra do Roncador, estado do Mato Grosso. Este mesmo exemplar foi anteriormente identificado como *A. vittata* por Lema & Renner (2004) e *A. striata* por Martins & Lema (2015).

Apostolepis rondoni: Revalidada por Lema *et al.* (2017).

Apostolepis thalesdelemai: Descrita por Borges-Nojosa *et al.* (2016b) com base em exemplares do estado do Ceará. Exemplares deste táxon vinham sendo identificados como *A. pymi* (em Lema & Renner 1998), *Apostolepis* gr. *nigrolineata* (em Roberto & Loebmann 2016) ou *Apostolepis* sp. (em Lema *et al.* 2017).

Atractus boimirim: Descrita por Passos *et al.* (2016) com base em exemplares dos estados de Rondônia e Pará. Espécimes atribuídos a *A. boimirim* vinham sendo identificados como *A.* cf. *insipidus* (em Silva Jr. 1993) ou *A. insipidus* (em Silva Jr. *et al.* 2005).

Atractus riveroi: Citada para o Brasil por Fraga *et al.* (2017) com base em seis espécimes das serras dos Surucucus, do Apiaú e da Mocidade, no estado de Roraima.

Atractus tartarus: Descrita por Passos *et al.* (2016) com base em exemplares dos estados do Pará e Maranhão. Espécimes atribuídos a *A. tartarus* vinham sendo identificados como *A. insipidus* (em Cunha & Nascimento 1983).

Bothrops sazimai: Descrita por Barbo *et al.* (2016) com base em espécimes procedentes da Ilha dos Franceses, no litoral sul do estado do Espírito Santo.

Chironius septentrionalis: Citada para o Brasil por Moraes *et al.* (2017a) com base em um exemplar (INPA-H 36499) coletado na Serra da Mocidade, estado de Roraima.

Epictia albifrons: Sob o nome *Stenostoma albifrons* Wagler *in* Spix, 1824, foi descrito um espécime procedente das imediações de Belém, estado do Pará, Brasil. Devido à descrição carente de características que diagnosticassem o táxon inequivocamente, à destruição do holótipo durante bombardeios na Segunda Guerra Mundial, e à ausência de novos registros para a localidade-tipo, a validade de *S. albifrons* foi discutida ao longo de décadas, culminando com a proposta de sua alocação como *nomen dubium* (Franco & Pinto 2009). Dessa forma, o sinônimo-júnior *Leptotyphlops tenellus* Klauber, 1939 (atualmente *Epictia tenella*), cuja localidade-tipo é Kartabo, Guiana, deveria ser validado (Franco & Pinto 2009). Vínhamos, portanto, seguindo as recomendações de Franco & Pinto (2009) ao longo das últimas edições da Lista. Recentemente, Esqueda *et al.* (2015) designaram um neótipo para *S. albifrons,* coletado no estado do Pará (sem localidade específica) durante a expedição Thayer (1865 e 1866) e depositado no Museum of Comparative Zoology, EUA (MCZ R-2885), e sugeriram que *Leptotyphlops tenellus* (= *Epictia tenella*) é sinônimo-júnior de *S. albifrons* (= *E. albifrons*). Porém, Wallach (2016) rejeita a designação de Esqueda *et al.* (2015) argumentando que esses autores contrariaram o Código Internacional de Nomenclatura Zoológica em diversos aspectos, e que tanto *E. albifrons* quanto *E. tenella* são válidos, mas o espécime MCZ R-2885 pertence a *E. tenella* (para maiores detalhes, veja Wallach 2016:325-327). Wallach (2016) também tece comentários acerca do histórico envolvendo a validade de *Stenosoma albifrons* e designa um neótipo procedente da localidade-tipo original (Belém, Pará, Brazil), depositado no Monte L. Bean Life Science Museum, Brigham Young University, EUA (BYU 11490). Outros nove topótipos estão presentes nessa coleção e foram utilizados por aquele autor para redescrever *S. albifrons*. Em suma, Wallach (2016) reconhece tanto *Epictia albifrons* e *E. tenella* como válidas, com a primeira restrita até o momento à localidade-tipo e a segunda com ampla distribuição.

Erythrolamprus trebbaui: Citada para o Brasil por Myers & Donnely (2008) com base nos espécimes MZUSP 9235 e 9236 (Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo), procedentes das proximidades de Pacaraima, no estado de Roraima.

Helicops nentur: Descrita por Costa *et al.* (2016b) com base em cinco espécimes do estado de Minas Gerais.

Micrurus annellatus bolivianus: Citada para o Brasil por Silva Jr. *et al.* (2016) com base em material procedente do Acre. Registros de *Micrurus remotus* para o Acre na verdade se referem a *M. a. bolivianus* (veja abaixo em "Registros Invalidados em Unidades Federativas").

Thamnodynastes phoenix: Descrita por Franco *et al.* (2017) com base em ampla série de espécimes das regiões Nordeste e Sudeste do Brasil. Comum na Caatinga, *T. phoenix* vinha sendo citada como *Thamnodynastes* sp. ou *Thamnodynastes* sp.2 por diversos autores (Franco *et al.* 2017).

Táxons excluídos nesta edição

Squamata

"Lagartos"

***Homonota fasciata* (Duméril & Bibron, 1836):** O registro de *H. fasciata* para o Brasil se baseia na descrição de *H. mattogrosensis* (Berg, 1895), considerada sinônimo-júnior de *H. horrida* (Burmeister, 1861), que por sua vez se tornou sinônimo de *H. fasciata* (Cacciali *et al.* 2017). O exame recente do holótipo de *H. fasciata,* depositado no Muséum National d'Histoire Naturelle, na França (MNHN 6756), indica que o mesmo não se encaixa em nenhuma população atualmente identificada sob este nome – tornando *H. fasciata* uma *species inquirenda* – o que levou à revalidação de *H. horrida* (Cacciali *et al.* 2017). A descrição breve de *H. mattogrosensis,* somada à falta de material testemunho e qualquer registro adicional de *Homonota* no Mato Grosso do Sul (*e.g.,* Ferreira *et al.* 2017) acarretou em sua classificação como *nomen dubium* (Cacciali *et al.* 2017). Desta forma, *Homonota uruguayensis,* presente no Rio Grande do Sul, é a única espécie do gênero confirmada para o Brasil.

***Leiosaurus paronae* (Peracca, 1897):** Embora *L. paronae* tenha sido descrito com base em um exemplar "del Brasile", sua distribuição geográfica não condiz com a localidade-tipo. *Leiosaurus paronae* é conhecido para o noroeste da Argentina (Morando *et al.* 2015), muito distante de qualquer localidade brasileira. A distribuição conhecida para *L. paronae* e a ausência de qualquer registro confiável da espécie no Brasil suportam o ponto de vista de Vanzolini (1977), que já havia sugerido que "é praticamente certo que essa espécie não ocorra no país". Portanto, deve ser considerada equivocada a localidade-tipo "Brasile", de *Aperopristis paronae* Peracca, 1897.

***Tropidurus guarani* Álvarez *et al.*, 1994:** A distribuição de *T. guarani* foi restringida ao Paraguai por Cacciali *et al.* (2016) e Carvalho (2016). Posteriormente, Cacciali & Köhler (2018) sinonimizaram *T. guarani* com *T. spinulosus* (Cope, 1862) e as populações previamente nomeadas como *T. guarani* no Brasil passaram a ser identificadas como *T. lagunablanca* Carvalho, 2016.

Serpentes

***Erythrolamprus aesculapii monozona* (Jan, 1863):** Curcio *et al.* (2015) afirmam que ambos, *E. a. venustissimus* (Wied, 1821) e *E. a. monozona* (Jan, 1863), são nomes aplicáveis a espécimes de *E. aesculapii* da Mata Atlântica e do Brasil central (identificados por eles como "padrão E") até que um estudo revisivo de *E. esculapii* seja publicado. Dessa forma, excluímos *E. a. monozona* da Lista, mantendo *E. a. aesculapii* para as populações amazônicas e *E. a. venustissimus* para as demais populações brasileiras.

***Erythrolamprus mimus mimus* (Cope, 1868):** Táxon reportado para Rondônia por Vanzolini (1986) com base em três exemplares coletados em área de influência da rodovia BR 364. Estes espécimes encontram-se depositados no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP 8502, 8724 e 8748) (Hussam Zaher e Daniela Gennari, *in lit.*), mas Curcio *et al.* (2015) dão esses exemplares como *E. aesculapii* em sua ampla lista de material examinado, ao mesmo tempo em que citam espécimes de *E. mimus* procedentes apenas de Honduras, Nicaragua, Costa Rica, Panamá, Colômbia, Equador e Peru.

***Micrurus hemprichii rondonianus* Roze & Silva Jr, 1990:** Considerada sinônimo de *Micrurus hemprichii ortoni* Schmidt, 1953 por Silva Jr. *et al.* (2016).

***Micrurus ornatissimus* (Jan, 1858):** Os espécimes brasileiros atribuídos a este táxon pertencem a outra espécie, *Micrurus tikuna,* segundo Feitosa *et al.* (2015).

***Spilotes pullatus anomalepis* Bocourt, 1888:** Em sua revisão de *Spilotes pullatus,* Amaral (1930) reconheceu como válidas cinco subespécies, das quais *S. p. pullatus* (Linnaeus, 1758), *S. p. anomalepis* Bocourt, 1888 e *S. p. maculatus* Amaral, 1930 ocorreriam no Brasil. Abe & Fernandes (1977) consideraram *S. p. maculatus* sinônimo de *S. p. anomalepis.* Enquanto a distribuição de *S. p. pulattus* abrangeria o norte, oeste e centro do Brasil, *S. p. anomalepis* ocorreria da Bahia ao Rio Grande do Sul (Amaral 1930). As duas subespécies se diferenciariam pela presença de escama loreal em *S. p. pullatus* (ausente em *S. p. anomalepis*) e pela coloração negra com faixas amarelas em *S. p. pullatus* e amarela com faixas negras em *S. p. anomalepis* (Amaral 1930). Contudo, o próprio Amaral (1930) identificou exemplares "aparentemente intermediários" entre os dois táxons. A grande variação de coloração (inclusive ontogenética) observada ao longo da distribuição de *S. pullatus* (Vanzolini *et al.* 1980; Savage 2002) e o registro de espécimes de *"pullatus"* sem loreal (*e.g.,* Yuki *et al.* 1997) tornam a distinção entre as subespécies brasileiras praticamente inviável. Desta forma, preferimos aqui considerar *S. p. anomalepis* um sinônimo-júnior de *S. p. pullatus,* ressaltando a necessidade de ampla revisão taxonômica desta espécie ao longo de sua distribuição.

***Tantilla marcovani* Lema, 2004:** Considerado sinônimo-júnior de *Tantilla melanocephala* por Mata-Silva & Wilson (2016).

Registros duvidosos em Unidades Federativas

Justificamos abaixo, em ordem alfabética, os registros de algumas espécies considerados duvidosos para determinadas unidades federativas brasileiras. Esses registros foram identificados com uma interrogação (?) na lista de espécies.

Testudines

***Acanthochelys radiolata* – MT:** Garbin *et al.* (2016) sugerem que o registro de *A. radiolata* para o rio Culuene, no Mato Grosso (baseado em dois espécimes do Museu Nacional), deve constituir erro durante o tombamento do material.

***Acanthochelys spixii* – BA:** O único registro citado para esta espécie na Bahia se baseia no exemplar MZUSP 85, procedente de "Rio São Francisco, Bahia", o qual foi questionado por Rhodin *et al.* (1984).

***Caretta caretta* – AP:** Com distribuição circunglobal, há registros de *C. caretta* por quase toda a costa brasileira, considerando-se locais de alimentação, nidificação e pesca acidental (Marcovaldi *et al.* 2011). O único estado banhado pelo litoral aparentemente sem registro da espécie é o Amapá. Considerando a presença de registros de *C. caretta* no litoral do Pará e da Guiana Francesa (TTWG 2017), a lacuna apresentada no litoral do Amapá deve ser apenas resultado de esforço amostral insuficiente.

***Eretmochelys imbricata* – AP:** Amplamente distribuída pelos mares tropicais, *E. imbricata* já foi registrada ao longo de quase toda a costa brasileira, considerando-se locais de alimentação, nidificação e pesca acidental (Marcovaldi *et al.* 2011). O único estado banhado pelo litoral aparentemente sem registro da espécie é o Amapá. Considerando o fato de que a espécie possui sítios de desova na Guiana Francesa (TTWG 2017), sua ausência no Amapá deve ser apenas resultado de esforço amostral insuficiente.

***Mesoclemmys hogei* – SP:** A localidade tipo de *Phrynops hogei,* "Rio Pequeno, sudeste de São Paulo" foi considerada errônea por Rhodin *et al.* (1982) e não há registros adicionais de *M. hogei* para esse estado. Assim, mantemos como questionável a presença da espécie em São Paulo.

***Rhinoclemmys punctularia* – RN:** Schmidt & Inger (1951) citaram dois espécimes coletados na Lagoa Papari, Rio Grande do Norte. A ausência de novas coletas e a distância entre

esta localidade e aquelas para onde a espécie é conhecida na Amazônia levaram a questionamentos quanto a esse registro (Pritchard & Trebbau 1984). Contudo, ressaltamos que os encontros recentes de *R. punctularia* para Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro (Siciliano *et al.* 2014; Bérnils *et al.* 2015; Valle *et al.* 2016) podem ser indícios da veracidade de sua ocorrência no Rio Grande do Norte.

Squamata

"Lagartos"

***Coleodactylus meridionalis* – MS:** Ferreira *et al.* (2017) citam *Coleodactylus* cf. *meridionalis* para o Mato Grosso do Sul, sem maiores informações. Dada a dúvida levantada pelos próprios autores quanto à identidade do táxon, consideramos questionável, por ora, a presença de *C. meridionalis* no Mato Grosso do Sul.

***Colobosaura modesta* – AP:** Lima (2008) cita a espécie para o Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, sem maiores detalhes. Embora *C. modesta* possua ampla distribuição no Cerrado, sua ocorrência na Amazônia é marginal (Ribeiro-Júnior & Amaral 2017), levantando dúvidas quanto à sua presença no Amapá.

***Colobosauroides cearensis* – MA:** Peloso *et al.* (2011) analisaram um espécime de *C. cearensis* do Museu Paraense Emílio Goeldi sem número de catálogo, mas "provavelmente do Maranhão". Devido aos dados incompletos, mantemos como questionável a ocorrência dessa espécie para o estado do Maranhão.

***Copeoglossum nigropunctatum* – ES e RJ:** Ribeiro-Júnior & Amaral (2016) citam para o Espírito Santo uma série de cinco exemplares tombados no Museum of Comparative Zoology como *Mabuya mabouya* (MCZ 92775-92779, procedentes de "Parque Sooretama, Espirito Santo, Brazil"; coleta de Vanzolini & Williams), e para o Rio de Janeiro, dois exemplares da mesma coleção também tombados como *M. mabouya* (identificados pelo geretende daquela coleção, José Rosado, segundo os registros do MCZ), um de São João da Barra, área de restinga (MCZ 79024) e outro da famosa Expedição Thayer – que passou também pela Amazônia – dado apenas como "Rio de Janeiro, Brazil" (MCZ 3323). Dentre mais de 3.800 exemplares de *C. nigropunctatum* citados por Ribeiro-Júnior & Amaral (2016), esses são os únicos da costa sudeste, região onde sabidamente ocorrem *Brasiliscincus agilis* e *Psychosaura macrorhyncha,* a primeira mais facilmente confundível com *C. nigropunctatum* e mantida na sinonímia de *M. maboyua* até a revisão realizada por Rebuças-Spieker (1974). Estudos recentes apontam que o nome *C. nigropunctatum* abarca um complexo de espécies (Miralles & Carranza 2010; Hedges & Conn 2012). Talvez os exemplares citados para o ES e RJ façam parte de uma linhagem que venha a ser reconhecida como espécie no futuro, mas não descartamos a possibilidade de se tratar de exemplares de *B. agilis* confundidos como *C. nigropunctatum*. Tendo em vista as incertezas aqui levantadas quanto à identidade desses espécimes, preferimos manter como duvidosa a ocorrência de *C. nigropunctatum* no ES e RJ.

***Ecpleopus gaudichaudii* – GO:** Uzzell (1969) identificou como *E. gaudichaudii* um espécime da University of Michigan Museum of Zoology (UMMZ 79948) procedente de "Goyaz". Tendo em vista a informação incompleta quanto à procedência do exemplar e o fato de *E. gaudichaudii* ocorrer majoritariamente em áreas de Mata Atlântica das regiões Sudeste e Sul do Brasil (Kunz *et al.* 2011; Ramos & Silveira 2011), tratamos como questionável a presença de *E. gaudichaudii* em Goiás.

***Enyalius brasiliensis* – GO e SC:** Jackson (1978) identificou como *E. brasiliensis* um espécime do Museu Nacional (MNRJ 3446) procedente da Chapada dos Veadeiros, Goiás. Dada a discrepância desta localidade frente ao padrão de distribuição conhecido para *E. brasiliensis,* preferimos considerar questionável a presença da espécie naquele estado. Com relação a Santa Catarina, os únicos exemplares conhecidos para o estado são os síntipos de *E. brasiliensis* depositados no Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris (originalmente MNHN 6816-A e 6816-B, hoje MNHN-RA-0.6816), que teriam sido coletados em 1822 pela expedição do navio la Coquille. O único porto brasileiro visitado pela fragata foi a Ilha de Santa Catarina, com coletas executadas na mesma e no continente adjacente (Papavero 1971; Jackson 1978). Essa região, contudo, tem sido alvo de coletas herpetológicas frequentes e nenhum dos estudos ali realizados ou das coleções que guardam expressivo material catarinense de répteis obteve novos espécimes de *E. brasiliensis* – ao que tudo indica, a única espécie do gênero presente no litoral de Santa Catarina é *E. iheringii* (RSB *obs. pess.*; Rodrigues *et al.* 2014). Curiosamente, antes de ancorar em Santa Catarina, a fragata la Coquille passou pelas ilhas oceânicas de Martim Vaz e Trindade (Papavero 1971), na altura do estado do Espírito Santo (onde ocorre *Enyalius brasiliensis;* Jackson 1978; Teixeira *et al.* 2005; Gasparini 2012), mas, até onde sabemos, não há registro de répteis de hábitos terrestres naquelas ilhas.

***Enyalius catenatus* – GO:** Jackson (1978) identificou como *E. catenatus* (ou um híbrido entre *E. catenatus* e *E. pictus*) um espécime do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP 915) procedente do Rio das Almas. Dada a discrepância desta localidade frente à distribuição conhecida para *E. catenatus* (ou mesmo *E. pictus*), preferimos considerar questionável a presença da espécie em Goiás.

***Gonatodes hasemani* – MS:** Ferreira *et al.* (2017) citam *Gonatodes* cf. *hasemani* para o Mato Grosso do Sul, sem maiores informações. Dada a dúvida levantada pelos próprios autores quanto à identidade do táxon, consideramos questionável, por ora, a presença de *G. hasemani* no Mato Grosso do Sul.

***Gymnophthalmus underwoodi* – PA:** A taxomonia do grupo de espécies de *G. underwoodi* é complexa e parece envolver algumas espécies ainda não identificadas. Indivíduos procedentes de localidades florestadas em Roraima, e mais recentemente do

estado do Amazonas, foram identificados como *G. underwoodi* (Ribeiro-Júnior & Amaral 2017), mas populações do Pará podem representar espécie distinta (Avila-Pires 1995).

***Kentropyx striata* – PE e BA:** Em sua revisão do gênero *Kentropyx,* Gallagher & Dixon (1992) citaram dois exemplares de *K. striata* para o nordeste brasileiro, um procedente da vila de Espírito Santo, em São Bento do Una, Pernambuco (MZUSP 2977) e outro de Ilhéus, Bahia (MZUSP 3000), sem comentários adicionais. *Kentropyx striata* é espécie do leste amazônico, particularmente da região das Guianas, habitante de enclaves de vegetação aberta (Ribeiro-Júnior & Amaral 2016). Outra espécie do gênero, *K. calcarata,* se distribui pela Amazônia e pela Mata Atlântica, onde não é rara (Ribeiro-Júnior & Amaral 2016). O registro de apenas dois exemplares antigos de *K. striata* fora da Amazônia poderia indicar uma presença relictual da espécie na região Nordeste do Brasil, mas também pode representar erros de catalogação. Por este motivo, preferimos considerar questionável a ocorrência de *K. striata* em Pernambuco e na Bahia.

***Norops brasiliensis* – MS:** Souza *et al.* (2010) citaram *Anolis* (*Norops*) *nitens,* juntamente com *A. meridionalis* para Porto Murtinho, região chaquenha no sudoeste do Mato Grosso do Sul. Atualmente, o nome *N. chrysolepis* é utilizado no lugar de *N. nitens,* tendo suas subespécies sido elevadas a espécies plenas (D'angiolella *et al.* 2011). Além de *Norops meridionalis,* nenhuma outra espécie do gênero foi registrada para o Mato Grosso do Sul por D'angiolella *et al.* (2011), sendo *N. brasiliensis* a espécie com registros mais próximos desse estado. Ferreira *et al.* (2017) citaram, além de *N. meridionalis,* a presença de "*Norops* aff. *meridionalis*", mas com distribuição no Pantanal e não no Chaco. Assim, apontamos a possibilidade do táxon reportado por Souza *et al.* (2010) como *Anolis nitens* ser *Norops brasiliensis,* mantendo como duvidosa sua presença no Mato Grosso do Sul.

***Notomabuya frenata* – ES:** Espécie de lagartos saxícolas, *N. frenata* possui ampla distribuição, ocorrendo principalmente na chamada Diagonal de Áreas Abertas da América do Sul, mas também em enclaves de áreas abertas na Amazônia e Mata Atlântica (Ribeiro-Júnior & Amaral 2016). Sua presença no estado do Espírito Santo se baseia em um exemplar da coleção herpetológica da Universidade de Brasília (CHUNB 25337), procedente do município litorâneo de Presidente Kennedy (Harvey *et al.* 2008; Ribeiro-Júnior & Amaral 2016). Trata-se da única citação da espécie para toda a faixa costeira da Mata Atlântica e em uma localidade capixaba bem amostrada (RSB, *obs. pess.*). Devido à discrepância desta localidade frente ao padrão corológico confirmado para *N. frenata,* preferimos considerar questionável a presença da espécie no Espírito Santo.

***Placosoma glabellum* – MS:** Uzzell (1962) citou um antigo exemplar do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP 3005) procedente de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. *Placosoma glabellum* é espécie típica da Mata Atlântica, a qual atinge o sul do Mato Grosso do Sul, mas Campo Grande situa-se em pleno Cerrado. Não descartamos a possibilidade de ocorrência de *P. glabellum* em florestas de galeria, o que poderia validar o registro do referido espécime, mas preferimos, neste momento, questionar a ocorrência de *P. glabellum* naquele estado.

***Uracentron a. azureum* – PE:** Avila-Pires (1995) examinou um espécime do University of Illinois Museum of Natural History (UIMNH 35780) procedente de Recife, Pernambuco. Dada a disjunção desse registro isolado com o restante da distribuição conhecida para a espécie, e a ausência de qualquer registro adicional para outras localidades da Mata Atlântica, optamos por considerar como duvidosa a presença de *U. azureum* em Pernambuco. Soma-se a essas considerações o fato da espécie não ter sido sequer considerada para Pernambuco em extenso levantamento herpetológico divulgado por Moura *et al.* (2011).

Amphisbaenia

***Amphisbaena neglecta* – TO:** Brandão & Péres Jr. (2001) citam *Amphisbaena* cf. *neglecta* para a região da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães, sem informar detalhes sobre caracteres diagnósticos ou material testemunho. Assim, mantemos como questionável a presença de *A. neglecta* para o estado do Tocantins.

***Amphisbaena prunicolor* – MG, RJ e SP:** Perez *et al.* (2012) questionaram os registros de *A. prunicolor* feitos por Gans (1966) para esses estados devido ao material testemunho não estar numerado (Rio de Janeiro), ter desaparecido (Minas Gerais) ou se encontrar em mau estado de conservação (São Paulo).

Serpentes

***Apostolepis christineae* – MS:** Ferreira *et al.* (2017) citaram *Apostolepis* cf. *christineae* para o Mato Grosso do Sul, sem maiores informações. Dada a dúvida levantada pelos próprios autores quanto à identidade do táxon, consideramos questionável, por ora, a presença de *A. christineae* no Mato Grosso do Sul.

***Apostolepis goiasensis* – SP:** Zaher *et al.* (2011) citaram *A. goiasensis* para São Paulo, mas, durante nossa revisão bibliográfica, não encontramos registros dessa espécie para aquele estado (Loebmann & Lema 2012; Lema 2015; Martins & Lema 2015), preferindo manter sua ocorrência como duvidosa.

***Apostolepis longicaudata* – PB e ES:** Curcio *et al.* (2011) recomendaram a realização de mais estudos para confirmar se um exemplar procedente de Cabaceiras, Paraíba e outro de Linhares, Espírito Santo, pertencem ao táxon *A. longicaudata* ou a uma espécie ainda não descrita.

***Bothrops lutzi* – SP:** De acordo com Silva & Rodrigues (2008), o único registro de *B. lutzi* para São Paulo (município de Americana) pode representar um erro ou uma população relictual. Preferimos aqui manter o registro como questionável.

***Crotalus durissus collilineatus* – AM:** A presença de *C. durissus* em áreas de savana amazônica foi reportada por alguns autores (*e.g.,* McCranie 1993; Campbell & Lamar 2004), mas não há confirmação da subespécie presente nessas localidades. Tentativamente atribuímos o nome *C. d. collilineatus* para as cascavéis do Amazonas, mas esta aplicação é questionável.

***Crotalus durissus terrificus* – RO:** Silva Jr. (1993) identificou "tentativamente" um espécime de Vilhena como *C. d. terrificus*. Considerando-se que o táxon típico do Brasil central é *C. d. collilineatus* (enquanto *C. d. terrifus* é típica das regiões Sudeste e Sul) (McCranie 1993), o registro de *C. d. terrificus* para Rondônia pode ser questionado, embora o registro de *C. durissus* seja um fato.

***Micrurus decoratus* – BA e RS:** Gonzalez *et al.* (2014) revisaram a distribuição de *M. decoratus* e questionaram um registro desta espécie para a Bahia e outro para o Rio Grande do Sul, dada a ausência de informações detalhadas e de precisão a respeito das localidades de coleta.

***Micrurus lemniscatus lemniscatus* – CE:** *Micrurus l. lemniscatus* foi citada para o Ceará com base em exemplares de Tianguá (IBSP 76989) e Ubajara (IBSP 77079) (Loebmann 2009; Loebmann & Haddad 2010; Roberto & Loebmann 2016), mas uma foto de um dos espécimes em vida (IBSP 77079) permite identificá-lo como *M. l. carvalhoi* (Darlan Feitosa, *in lit.*). Isso coloca em dúvida a identidade subespecífica do exemplar IBSP 76989 e, portanto, deixa incerta a real presença de *M. l. lemniscatus* no Ceará.

***Siphlophis worontzowi* – MS:** Um exemplar atribuído a Campo Grande, depositado no Instituto Butantan (IBSP 29074, destruído pelo incêndio de 2010), seria o único registro da espécie para o Mato Grosso do Sul. Embora a identificação tenha sido confirmada, a validade do registro foi questionada (Prudente *et al.* 2017).

***Sordellina punctata* – RJ:** Embora haja relatos da presença da espécie no Rio de Janeiro, não é conhecido nenhum espécime testemunho que confirme a ocorrência de *S. punctata* naquele estado (Pereira *et al.* 2007).

***Xenodon histricus* – SP:** Zaher *et al.* (2011) citaram *X. histricus* para o estado de São Paulo, mas, durante nosso levantamento bibliográfico, incluindo uma recente revisão sobre a distribuição da espécie (Alves *et al.* 2013), não encontramos registros da espécie para aquele estado, preferindo manter sua ocorrência como duvidosa.

Registros Invalidados em Unidades Federativas

Justificamos abaixo, em ordem alfabética, os registros de algumas espécies invalidados para determinadas unidades federativas brasileiras. Esses registros foram identificados com uma exclamação (!) na lista de espécies.

Testudines

***Acanthochelys radiolata* – SP:** O único registro de *A. radiolata* citado para o estado de São Paulo configura erro de Rhodin *et al.* (1984), que interpretaram "Sebastianópolis" (localidade-tipo de *Emys radiolata*) como sendo o município paulista de São Sebastião, enquanto, na verdade, se refere à cidade do Rio de Janeiro (Garbin *et al.* 2016).

***Hydromedusa maximiliani* – GO:** Existe um registro de *H. maximiliani* para o município de Anápolis, Goiás, baseado em um espécime coletado em 1937 e depositado no American Museum of Natural History (AMNH 62140). Embora completamente formado, trata-se de um indivíduo em estágio embrionário, cujas fotografias foram examinadas por um de nós (HC). Anápolis se localiza a cerca de 650 km do registro mais próximo com ocorrência confirmada de *H. maximiliani,* e a região não possui condições climáticas favoráveis para a presença da espécie (Costa *et al.* 2015).

***Phrynops hilarii* – SP:** Trata-se de uma espécie típica de clima subtropical a temperado, habitante das bacias do Uruguai e do Atlântico Sul (Souza 2005). O registro para o município de Sorocaba, estado de São Paulo, sem indicação de material testemunho ou registro fotográfico (Castanho *et al.* 2015), foi desconsiderado.

***Phrynops tuberosus* – CE, PB, PE e BA:** Nos últimos anos foram publicados registros de cágados atribuídos a *P. tuberosus* procedentes da região Nordeste do Brasil (*e.g.,* Amorim *et al.* 2011; Coelho *et al.* 2014; Moura *et al.* 2014; Rodrigues & Silva 2015). Contudo, existe um problema taxonômico envolvendo este nome, uma vez que *Platemys tuberosa* Peters, 1870 se baseia em um indivíduo jovem coletado em Roraima (Pritchard & Trebbau 1984). Seguimos aqui o TTWG (2017), que no Brasil registra *P. tuberosus* apenas para Roraima. O nome *Phrynops geoffroanus* pode ser adequado aos indivíduos identificados como *P. tuberosus* no Nordeste até que uma revisão desse grupo de cágados esteja disponível.

Squamata

Amphisbaenia

***Amphisbaena neglecta* – GO:** Gans (1962) identificou como *A. neglecta* um espécime depositado no American Museum of Natural History (AMNH 62155), procedente de Anápolis, Goiás. Esse mesmo exemplar foi reidentificado como *A. anaemariae* por Vanzolini (1997). Esse detalhe passou despercebido por alguns autores, o que fez com que o registro de *A. neglecta* para Goiás tenha continuado a ser citado (*e.g.,* Colli *et al.* 2016) ou ilustrado em mapas (*e.g.,* Teixeira Jr. *et al.* 2014). Portanto, reforçamos aqui a falta de evidência da presença de *A. neglecta* em Goiás.

***Amphisbaena steindachneri* – SP:** Zaher *et al.* (2011) citaram esta espécie para o estado de São Paulo, mas, durante nossa revisão bibliográfica, não encontramos registros de *A. steindachneri*

para aquele estado – espécimes de Cachoeira das Emas citados por Vanzolini (1948) foram posteriormente descritos como *A. roberti* (Gans, 1964).

"Lagartos"

***Ameiva ameiva* – SC e RS:** Há apenas uma citação antiga de *Ameiva ameiva* para o estado de Santa Catarina (Corupá, exemplar MZUSP 6193; Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo) e outra, também antiga, para o estado do Rio Grande do Sul (Osório, exemplar MZUSP 6361) dentre os 16.590 registros de 11 grandes coleções brasileiras e estadunidenses que Ribeiro-Júnior & Amaral (2016) levantaram para mapear a espécie para todo o continente. O mapa desenhado por esses autores mostra o quanto *A. ameiva* é comum por toda a América do Sul em sua porção cisandina e acima do Trópico de Capricórnio, com alguns poucos registros abaixo desse limite apenas no Paraguai e no noroeste da Argentina. Em grandes coleções herpetológicas da região Sul do Brasil, a despeito de muitas décadas de coleta e vasto material sulino reunido em seus acervos, não há um único espécime de *A. ameiva* procedente de Santa Catarina ou do Rio Grande do Sul, ou mesmo do estado do Paraná abaixo do Trópico de Capricórnio (RSB, *obs. pess.*). Diante dessa situação, os dois exemplares antigos de *A. ameiva* do MZUSP, por sua desconeção e incongruência geográfica e ambiental com o restante da distribuição conhecida da espécie, devem representar erro de tombamento ou, quando muito, registros de espécimes passivamente transportados para aqueles estados.

***Alopoglossus bucklery* – PA:** Maschio *et al.* (2012) citaram a espécie para a Serra dos Carajás, Pará, região totalmente fora da área de distribuição conhecida para *A. buckleyi* – extremo oeste da Amazônia, com registros para o Brasil apenas na fronteira com Peru e Colômbia (Avila-Pires 1995; Ribeiro-Júnior & Amaral 2017).

***Norops tandai* – MA:** Freitas *et al.* (2017) citaram *N. tandai* para o Maranhão com base em registro de Avila-Pires (1995). Contudo, Avila-Pires (1995) jamais apontou a presença de *N. nitens* para o Maranhão, e o levantamento de Ribeiro-Júnior (2015b) também não registrou a espécie para aquele estado. É possível que Freitas *et al.* (2017) tenham cometido erro de digitação, citando por engano *N. tandai* no lugar de outro táxon conspecífico, como *N. ortonii,* reportado para a região do rio Gurupi por Avila-Pires (1995).

***Plica plica* – MS:** Ribeiro-Júnior (2015b) identificou como *P. plica* um exemplar da Coleção Herpetológica da Universidade de Brasília (CHUNB 13563), procedente do município de Corumbá. Contudo, o referido espécime na verdade seria um indivíduo de *Tropidurus* gr. *spinulosus* (Samuel C. Gomides, *in lit.*), possivelmente *T. lagunablanca,* segundo a proposta taxonômica de Cacciali & Köhler (2018).

***Tupinambis longilineus* – MT:** Moraes *et al.* (2017b) reportaram que o espécime identificado como *T. longilineus* para Aripuanã, Mato Grosso, por Costa *et al.* (2008) (MZUFV 564, Museu de Zoologia João Moojen, Universidade Federal de Viçosa), na verdade é um indivíduo de *T. teguixin*. Consequentemente, não há registro confirmado de *T. longilineus* para o Mato Grosso – as informações de Ávila *et al.* (2010) e São-Pedro *et al.* (2009) baseavam-se no mesmo espécime.

Serpentes

***Apostolepis ambiniger* – SP:** Lema *et al.* (2005) identificaram como *A. ambiniger* um exemplar depositado no Field Museum of Natural History (FMNH 69934), procedente da Fazenda Ipanema (hoje Floresta Nacional), em Iperó, estado de São Paulo. Esta identificação difere da de Harvey (1999) e Harvey *et al.* (2001), que sugerem se tratar de um exemplar de *A. dimidiata*. A distribuição conhecida de *A. ambiniger* inclui Bolívia, Paraguai, Argentina e o oeste do Brasil – registro que se baseia em um espécime de Miranda, Mato Grosso do Sul, citado originalmente por Koslowsky (1898), porém desaparecido (Lema *et al.* 2005). A localidade de Iperó destoa completamente do padrão corológico confirmado para *A. ambiniger* (Lema *et al.* 2005), mas se encaixa perfeitamente nos limites conhecidos para *A. dimidiata* (Nogueira *et al.* 2012). Desta forma, seguimos Harvey (1999) e Harvey *et al.* (2001) quanto à identidade do exemplar FMNH 69934.

***Apostolepis ammodites* – MS:** Lema & Renner (2007) apresentaram um mapa de registros de *A. ammodites* que inclui um ponto no leste do Mato Grosso do Sul. Contudo, nenhum espécime desse estado é citado, fato que nos leva a considerar a possibilidade de erro na confecção do mapa, e invalidar o registro.

***Apostolepis assimilis* – SC:** Há apenas uma citação de *Apostolepis assimilis* para o estado de Santa Catarina ("Ilha de Santa Catarina, Florianópolis") feita com base nos exemplares "BGSS 5344, 5345, 5346", pretensamente tombados em coleção feita por Paul Müller no "Biogeographisches Institute from the Universität des Saarlandes, Saarbrücken", segundo Lema (2002). Paul Müller realizou três expedições ao Brasil entre 1964 e 1969, e efetivamente esteve em Florianópolis, mas também visitou áreas de ocorrência confirmada (e frequente) de *Apostolepis assimilis,* em Cuiabá, Brasília, Belo Horizonte e São Paulo. Os dados disponíveis sobre a distribuição geográfica desta espécie (Ferrarezzi *et al.* 2005) apresentam-na como sendo própria de áreas de Cerrado ou de transição entre o Cerrado e a Mata Atlântica, e habitante de clima tropical planáltico, isto é, sem registros para as áreas litorâneas de baixa altitude. Além disso, nas grandes coleções herpetológicas da região Sul do Brasil, a despeito de muitas décadas de coleta e vasto material sulino reunido em seus acervos, não há um único espécime de *A. assimilis* procedente de Santa Catarina ou mesmo do estado do Paraná abaixo do Trópico de Capricórnio (RSB, *obs. pess.*). Diante dessa situação, os três exemplares de *A. assimilis* citados por Lema (2002) como tendo sido obtidos por Paul Müller, por sua desconexão e incongruência geográfica e ambiental com o restante da distribuição conhecida da espécie, devem representar erro de tombamento ou de anotação do autor quando visitou a referida coleção.

***Apostolepis dimidiata* – RJ:** Lema (1993) e Cabral *et al.* (2017) citaram o exemplar IBSP 8515 (Instituto Butantan, São Paulo), procedente de Joaquim Leite, estado do Rio de Janeiro, como sendo *A. dimidiata*. Um de nós (RSB) teve acesso a este exemplar antes do incêndio que atingiu o Instituto Butantan, identificando-o como *Elapomorphus quinquelineatus*. Esta mesma identificação foi apresentada recentemente por Entiauspe-Neto *et al.* (2017b). Portanto, não há registro confirmado da presença de *A. dimidiata* para o Rio de Janeiro.

***Atractus trihedrurus* – RS:** Passos *et al.* (2010) questionaram um registro de *A. trihedrurus* feito por Lema (2005) para o Rio Grande do Sul sem *voucher*. Segundo os autores, o espécime reportado por Lema pode se tratar de um exemplar melânico de *A. paraguayensis*.

***Atractus zebrinus* – BA:** O único registro conhecido de *A. zebrinus* para a Bahia se baseia em um exemplar que se encontra em mau estado de conservação, impossibilitando sua adequada identificação (Passos *et al.* 2010).

***Corallus hortulanus* – PR e SC:** Puorto & Henderson (1994) relataram a existência de um espécime da coleção do Instituto Butantan (IBSP 55346) procedente do município de Marcílio Dias, Santa Catarina. Como os próprios autores realçaram, esse município se localiza na área central das formações de floresta ombrófila mista do sul do Brasil (Mata de Araucária), ambiente hostil para boídeos por seu clima; outrossim, a região se encontra relativamente bem amostrada, em particular nas coleções herpetológicas de Curitiba e Porto Alegre, pois além de inúmeros inventários e outros estudos ali realizados, herpetólogos residentes jamais registraram *C. hortulanus* nem qualquer outro boídeo na região. Henderson (1997) cita dois exemplares no United States National Museum (USNM 76386 e 76387), procedentes do Paraná, sem localidade específica. Nenhum outro exemplar da espécie foi registrado em território paranaense, a despeito de coletas em diversas localidades. Gonzalez (2014) levantou a possibilidade de que os exemplares do USNM possam ter sido coletados no estado de São Paulo, próximo à fronteira com o Paraná, mas nos registros daquela coleção não há indicações que permitam especulações.

***Dipsas catesbyi* – ES:** O registro de *D. catesbyi* para o estado do Espírito Santo se baseia no espécime IBSP 25393 (Instituto Butantan, São Paulo), citado por Tonini *et al.* (2010); o espécime tem como procedência "Duas Bocas, margem direita do rio Tracajatuba, Amapá" e faz parte de um lote de 49 serpentes coletadas naquele estado e tombadas no IBSP em 1965. Trata-se de engano de Tonini *et al.* (2010), pois o topônimo amapaense é sinônimo da localidade capixaba por eles estudada (Duas Bocas). Apesar disso, *D. catesbyi* ocorre na Bahia e seu encontro no Espírito Santo é plausível.

***Elapomorphus quinquelineatus* – RS:** Lema (1992), e mais recentemente Entiauspe-Neto *et al.* (2017b), citaram exemplares procedentes do Rio Grande do Sul, que seriam, portanto, os registros mais austrais para esta espécie – e os únicos para aquele estado. Contudo, ao confrontar os dados daqueles autores com as coleções por eles citadas, constatou-se enganos que nos impedem de assumir a ocorrência de *E. quinquelineatus* para o Rio Grande do Sul. No primeiro engano, Lema (1992) relacionou o espécime NMW 21996 (Naturhistorischen Museum zu Wien, Áustria) como procedente de "Rio Grande do Sul", sem localidade indicada e tendo sido coletado em "05.09.1872" por "Johann Natterer"; acontece que Johann Natterer esteve no Brasil apenas até 1835, tendo falecido na Áustria em 1848 (Papavero 1971; Riedl-Dorn 1999); não poderia, portanto, ter coletado qualquer animal no Rio Grande do Sul em 1872; além disso, em suas viagens pelo Brasil, Natterer jamais avançou para o sul além de 25°30'S, latitude de Paranaguá, no estado do Paraná (Straube 1993; 2012; Vanzolini 1993). O engano de Lema (1992) tem origem no próprio catálogo da coleção NMW, que registra os seguintes dados para o exemplar citado: "*Elapomorphus blumii* SCHLEGEL – det. LEMA, 1976; coll. NATTERER, IX.5.; Rio Grande do Sul". Contudo, segundo Vanzolini (1993), o código "IX.5" refere-se à nona viagem de Natterer pelo Brasil, correspondente ao período em que ele percorria afluentes da margem esquerda do rio Amazonas, e não à data cinco de setembro, como interpretou Lema (1992). Infelizmente, a etiqueta original do espécime, manuscrita a nanquim, não está mais legível (Heinz Grillitsch – curador da coleção herpetológica do museu vienense, *in lit.*). Devido a todas essas inconsistências, optamos por desconsiderar o espécime MNW 21996 e sua procedência "Rio Grande do Sul". O segundo registro que Lema (1992) acusou para o Rio Grande do Sul provém do exemplar IBSP 52713 (Instituto Butantan, São Paulo), que seria procedente do município de Canguçu, sem data ou coletor. O exame da coleção IBSP revelou, contudo, que o espécime (que realmente é *Elapomorphus quinquelineatus*) possui sim dados de coletor e data (M.H. Antil leg., 01/III/1989) e procede de "Mairiporã, São Paulo". Há exemplares de *Phalotris* (de outras espécies) procedentes de Canguçu, Rio Grande do Sul, em numeração próxima do exemplar em questão (*e.g.,* IBSP 51348 e 52455), que podem ter confundido aquele autor (à época de sua consulta, todas estavam alocadas em *Elapomorphus*). O terceiro registro para o Rio Grande do Sul foi relatado por Entiauspe-Neto *et al.* (2017b), proveniente do exemplar IBSP 31447, que seria procedente da localidade de Anta, no município de Sapucaia do Sul. Em consulta à coleção do IBSP em 2008, um de nós (RSB) examinou o espécime, que consta no catálogo do Instituto Butantan como procedente do distrito de Anta, no município de Sapucaia, estado do Rio de Janeiro. Assim, Rio Grande do Sul não é aqui considerado área de ocorrência de *E. quinquelineatus*.

***Erythrolamprus cobella* – MA:** Freitas *et al.* (2017) citaram *E. cobella* para o Maranhão com base em Cunha & Nascimento (1993). Contudo, a espécie presente no estado, após revisão taxonômica, é *E. taeniogaster* (Fernandes *et al.* 2002).

***Erythrolamprus taeniogaster* – SP:** Marques *et al.* (2005) apresentaram em seu guia fotográfico um espécime identificado como *Liophis taeniogaster* procedente do município de Águas de São Pedro, São Paulo. O referido espécime, depositado na coleção de répteis do Museu de Zoologia Dr. Adão José Cardoso,

da Universidade de Campinas (ZUEC 1556), pertence na verdade à espécie *E. frenatus* (RSB, *obs. pess.*). Portanto, *E. taeniogaster* não ocorre no estado de São Paulo.

***Helicops carinicaudus* – MS:** Ferreira *et al.* (2017) citaram *Helicops* cf. *carinicaudus* para o Mato Grosso do Sul, sem maiores informações. *Helicops carinicaudus* ocorre ao longo da faixa costeira de leste a sul do Brasil (Yuki & Lema 2005), sendo qualquer registro no Mato Grosso do Sul muito discrepante do padrão corológico conhecido hoje para a espécie. Por este motivo, e pela incerteza dos autores do registro em afirmar a espécie, desconsideramos a presença de *H. carinicaudus* no Mato Grosso do Sul.

***Lygophis anomalus* – PA, DF, MG, RJ, SP e SC:** *Lygophis anomalus* ocorre nos Pampas e no Chaco, e Dixon (1985; 1989) considerou como válidos no Brasil apenas as localidades de ocorrência no Rio Grande do Sul, questionando registros em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. Também desconsideramos a ocorrência de *L. anomalus* no Distrito Federal (Brandão & Araújo 1998) e no Pará (Maschio *et al.* 2012).

***Micrurus diutius* – CE:** Loebmann & Haddad (2010) e Roberto & Loebmann (2016) citaram *Micrurus diutius* para o Ceará com base no exemplar IBSP 77096, procedente de Ubajara. Este exemplar foi figurado em vida por Loebmann & Haddad (2010), tratando-se de *M. lemniscatus carvalhoi* (Darlan Feitosa, *in lit.*). Portanto, não há registro da presença de *M. diutius* no Ceará.

***Micrurus lemniscatus carvalhoi* – PA:** Guedes *et al.* (2003) citaram um exemplar para Santarém, Pará, depositado nas Faculdades Integradas do Tapajós (LPHA 1362). Trata-se de uma localidade improvável dentro do que se conhece da corologia desta espécie (Darla Feitosa, *in lit.*), o que nos faz questionar sua identificação e não reconhecer sua presença para aquele estado.

***Micrurus remotus* – AC:** Espécimes do Acre identificados como *M. remotus* por Bernarde *et al.* (2011, 2013) referem-se a *M. annellatus bolivianus* (Darlan Feitosa, *in lit.*).

***Spilotes sulphureus* – GO e SP:** Andrade *et al.* (2017) registraram *S. sulphureus* para o estado de Sergipe e apresentaram um mapa de pontos de ocorrência conhecidos da espécie no Brasil. O mapa não apresenta diversos registros conhecidos de *S. sulphureus* no país (HCC, *obs. pess.*) e citou o exemplar IBSP 19681 como procedente de "Porto Nacional, município de Luiziânia, Goiás", que, na realidade, é Porto Nacional, estado do Tocantins (ainda Goiás na época da coleta do referido exemplar). A citação de *S. sulphureus* para "Paranapiacaba, São Paulo", feita por Marques & Calleffo (1997) com base no espécime MZUSP 5622 (Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo), foi reproduzida por Lisboa *et al.* (2009) e Andrade *et al.* (2017), inclusive com a duplicação do ponto neste último artigo, dando a impressão de haver dois topônimos próximos com registro da espécie em São Paulo. Optamos aqui por considerar duvidosa essa ocorrência, pela discrepância geográfica e altitudinal existente entre a localidade de Paranapiacaba e as demais encontradas para o litoral brasileiro do estado do Rio de Janeiro para o norte, onde efetivamente a espécie ocorre; além disso, atualmente, os próprios autores do registro o consideram dúbio (Otávio A.V. Marques, *in lit.*).

***Sordellina punctata* – MS:** O único exemplar de *S. punctata* conhecido para o Mato Grosso do Sul foi coletado em 1943 e chegou ao Instituto Butantan por meio de linha férrea. A localidade a ele atribuída, Porto Esperança, está localizada a mais de 900 km de distância dos demais registros conhecidos para *S. punctata* (Pereira *et al.* 2007).

Notas adicionais sobre os répteis do estado do Mato Grosso do Sul

Um estudo recente apresentou uma lista dos répteis do estado do Mato Grosso do Sul (Ferreira *et al.* 2017). Alguns registros foram questionados por nós (vide acima); outros foram incorporados como os primeiros de determinadas espécies para aquele estado. Contudo, há espécies registradas para o Mato Grosso do Sul por outras fontes, que não foram incluídas por Ferreira *et al.* (2017), nem tiveram sua presença questionada por aqueles autores. Dessa forma, mantivemos o registro dessas espécies como válidas para o estado. São elas:

Apostolepis borelli: Revalidada por Martins & Lema (2015), endêmica do MS.

Apostolepis flavotorquata: Registrada para Ilha Solteira, divisa entre Mato Grosso do Sul e São Paulo (Ferrarezzi *et al.* 2005).

Atractus reticulatus: Registrada em Ponta Porã por Passos *et al.* (2010), com base no exemplar IBSP 16236.

Bothrops itapetiningae: Mapeada no MS por Fenker *et al.* (2014), com base em revisão de literatura e exame de material testemunho (não citados individualmente).

Bothrops jararacussu: Mapeada no MS por Fenker *et al.* (2014), com base em revisão de literatura e exame de material testemunho (não citados individualmente).

Clelia plumbea: Registrada por Zaher (1996) para Agachi, Miranda (IBSP 15392), Jupiá (IBSP 22037), Passo do Lontra (IBSP 53707) e Três Lagoas (IBSP 21969).

Mussurana quimi: Entiauspe-Neto *et al.* (2017c) citaram a espécie para Anaurilândia, com base em Scartozzoni (2005), o qual examinou exemplares do Instituto Butantan. Quatro exemplares citados por Scartozzoni (2005) como procedentes de São Paulo, na verdade são da margem direita do rio Paraná, municípios de Anaurilândia (IBSP 59363) e Porto Primavera (IBSP 61152, 61154 e 61155), Mato Grosso do Sul.

Philodryas agassizii: Registrada por Marques *et al.* (2006) para Ponta Porã (IBSP 33797), Rio Brilhante (IBSP 15747) e Terenos (IBSP 8829).

Ophiodes fragilis: Ferreira *et al.* (2017) reportaram "*Ophiodes* sp.1 – sensu Borges-Martins, 1998" e *O. striatus* para o MS. Porém, o próprio Borges-Martins (1998), em sua tese, não citou a ocorrência de *O. striatus* para esse estado, mas sim *O. fragilis,* baseado em dois exemplares do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP 2294, procedente de Salobra, e MZUSP 4332, procedente de Taunay). Possivelmente, Ferreira *et al.* (2017) citaram o nome *O. striatus* porque a revalidação de *O. fragilis* da tese de doutorado de Borges-Martins (1998) ainda não foi publicada por aquele autor. Contudo, outros estudos taxonômicos apontaram a validade de *O. fragilis,* o que nos fez incluir a espécie na lista brasileira (vide comentário em Costa & Bérnils 2015:79). Assim, consideramos para o Mato Grosso do Sul a presença de *O. fragilis* e *O. striatus,* sendo que as populações sul-matogrossenses deste último provavelmente constituem uma nova espécie, às vezes identificada como *Ophiodes* sp.1 (*e.g.,* Ferreira *et al.* 2017).

Psomophis joberti: Registrada para a região de Ilha Solteira, divisa do Mato Grosso do Sul e São Paulo, por Hoge *et al.* (1974). O livro de registros do Instituto Butantan cita vários espécimes como procedentes do MS – à época Mato Grosso – (*e.g.,* IBSP 36422-36439) e apenas um procedente de São Paulo (IBSP 36155).

Thamnodynastes nattereri: Registrada por Franco & Ferreira (2003) para Corumbá com base no exemplar IBSP 17286, identificado como "*Thamnodynastes* sp.1". Contudo, esses mesmos autores afirmaram que o nome *Coluber nattereri* poderia ser aplicável aos indivídios de "sp.1", o que foi seguido por diversos autores nesses últimos anos, incluindo as edições anteriores desta lista.

Tropidurus catalanensis: No trabalho de descrição de *Tropidurus imbituba,* Kunz & Borges-Martins (2013) revalidaram *T. catalanensis* e o diferenciam de *T. torquatus.* Segundo a proposta daqueles autores, as populações de Mato Grosso do Sul, sudoeste de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, seriam identificadas como *T. catalanensis,* não *T. torquatus.*

Xenodon histricus: Registrada por Hoge *et al.* (1975) para Três Barras (IBSP 26012) Brilhante (IBSP 16868) e Ponta Porã (IBSP 16475).

Xenodon pulcher: Registrada para Porto Murtinho por Souza *et al.* (2010) – sob o nome *X. mattogrossensis* – e Cabral *et al.* (2015) com base em exemplar depositado na Coleção Zoológica de Referência da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (ZUFMS-REP 1003-CH290).

Xenopholis undulatus: Registrada para o Mato Grosso do Sul por Hoge & Federsoni (1974) a partir de uma série de exemplares de Três Lagoas (IBSP 18936, 21661, 21906, 22216) e Ilha Solteira (IBSP 34574, 34575, 35981, 36755).

AGRADECIMENTOS

Somos gratos a Philip Bowles pelo alerta sobre o registro de *E. trebbaui* para o Brasil; Hussam Zaher e Daniela Gennari por informações sobre espécimes depositados no MZUSP; Heinz Grillitsch por informações do NMW; Rafael Rigolon pelo auxílio com a questão *macrosoma* x *macrosomus;* Darlan Feitosa pelas informações sobre registros de *Micrurus;* Otávio A.V. Marques pela narrativa do registro questionável de *Spilotes sulphureus* para o estado de São Paulo; Samuel C. Gomides pela informação sobre o registro inválido de *Plica plica* para o estado do Mato Grosso do Sul; e Adriano O. Maciel, Arthur D. Abegg, Peter Uetz e Van Wallach pelo auxílio com algumas referências. HCC recebe bolsa de doutorado da CAPES.

REFERÊNCIAS

Abe, A.S. & Fernandes, W. 1977. Polymorphism in *Spilotes pullatus anomalepis* Bocourt (Reptilia: Serpentes: Colubridae). *Journal of Herpetology* 11(1):98-100. www.jstor.org/stable/1563302.

Abegg, A.D.; Borges, L.M.; Rosa, C.M.; Entiauspe-Neto, O.M.; Arocha, N.M. & Santos-Jr., A.P. 2016. Included, excluded and re-included: *Chironius brazili* (Serpentes, Colubridae) in Rio Grande do Sul, southern Brazil. *Neotropical Biology and Conservation* 11(3):198-203. http://doi.org/10.4013/nbc.2016.113.11.

Adalsteinsson, S.A.; Branch, W.R.; Trape, S.; Vitt, L.J. & Hedges, S.B. 2009. Molecular phylogeny, classification, and biogeography of snakes of the Family Leptotyphlopidae (Reptilia, Squamata). *Zootaxa* 2244:1-50. http://mapress.com/zootaxa/2009/2/zt02244p050.pdf.

Alves, S.S.; Bolzan, A.M.R.; Santos, T.G.; Gressler, D.T. & Cechin, S.Z. 2013. Rediscovery, distribution extension and defensive behaviour of *Xenodon histricus* (Squamata: Serpentes) in the state of Rio Grande do Sul, Brazil. *Salamandra* 49(4):219-222. www.salamandra-journal.com/index.php/home/contents/2013-vol-49/344-alves-s-s-a-m-r-bolzan-t-g-santos-d-t-gressler-s-z-cechin/file.

Amaral, A. 1930 [datado 1929]. Estudos sobre ofídios neotrópicos XIX – Revisão do gênero *Spilotes* Wagler, 1830. *Memórias do Instituto Butantan* 4:275-299.

Amorim, F.O.; Roberto, I.J. & Santos, E.M. 2011. Inventário rápido da herpetofauna de seis localidades na Caatinga de Pernambuco, Nordeste do Brasil; pp. 429-443. *In:* Moura, G.J.B.; Santos, E.M.; Oliveira, M.A.B. & Cabral, M.C.C. (Orgs.). *Herpetologia do Estado de Pernambuco.* Ministério do Meio Ambiente, Brasília.

Andrade, H.; Almeida, R.P.S. & Dias, E.J.R. 2017. *Spilotes sulphureus* Wagler, 1824 (Squamata: Colubridae): review of distribution and first record in the state of Sergipe, northeastern Brazil. *Check List* 13(1):2055. http://doi.org/10.15560/13.1.2055.

Arias, F.J.; Recoder, R.; Álvarez, B.B.; Ethcepare, E.; Quipildor, M.; Lobo, F. & Rodrigues, M.T. 2018. Diversity of teiid lizards from Gran Chaco and Western Cerrado (Squamata: Teiidae). *Zoologica Scripta* 47:144-158. http://doi.org/10.1111/zsc.12277.

Ávila, R.W.; Anjos, L.A.; Silva, R.J.; Costa, H.C.; São-Pedro, V.A. & Feio, R.N. 2010. *Tupinambis longilineus* (NCN). Endoparasites. *Herpetological Review* 41(1):87-88.

Avila-Pires, T.C.S. 1995. Lizards of Brazilian Amazonia (Reptilia: Squamata). *Zoologische Verhandelingen* 299:1-706. www.repository.naturalis.nl/document/149074.

Barbo, F.E.; Gasparini, J.J.; Almeida, A.P.; Zaher, H.; Grazziotin, F.G.; Gusmão, R.B.; Ferrarini, J.M.G. & Sawaya, R.J. 2016. Another new and threatened species of lancehead genus *Bothrops* (Serpentes, Viperidae) from Ilha dos Franceses, Southeastern Brazil. *Zootaxa* 4097(4):511-529. http://doi.org/10.11646/zootaxa.4097.4.4.

Bernarde, P.S.; Albuquerque, S.; Barros, T.O. & Turci, L.C.B. 2012. Serpentes do estado de Rondônia, Brasil. *Biota Neotropica* 12(3):154-182. http://doi.org/10.1590/S1676-06032012000300018.

Bernarde, P.S.; Albuquerque, S.; Miranda, D.B. & Turci, L.C.B. 2013. Herpetofauna da floresta do baixo rio Moa em Cruzeiro do Sul, Acre, Brasil. *Biota Neotropica* 13(1):220-244. http://doi.org/10.1590/S1676-06032013000100023.

Bernarde, P.S.; Machado, R.A. & Turci, L.C.B. 2011. Herpetofauna da área do Igarapé Esperança na Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade, Acre, Brasil. *Biota Neotropica* 11(3):117-144. http://doi.org/10.1590/S1676-06032011000300010.

Bérnils, R.S. & Costa, H.C. 2012. Brazilian reptiles – List of species. Version 2012.1. Sociedade Brasileira de Herpetologia. Acessado em 19 de setembro de 2016. www.sbherpetologia.org.br/lista_repteis/ListaRepteis-30Setembro2012-PORTUGUES.pdf.

Bérnils, R.S.; Almeida, A.P.; Gasparini, J.L.; Srbek-Araujo, A.C.; Rocha, C.F.D. & Rodrigues, M.T. 2015 [datado 2014]. Répteis na Reserva Natural Vale, Linhares, Espírito Santo, Brasil. *Ciência & Ambiente* 49:193-210.

Borges-Martins, M. 1998. *Revisão taxonômica e sistemática filogenética do gênero* Ophiodes *Wagler, 1828 (Sauria, Anguidae, Diploglossinae)*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 239p.

Borges-Nojosa, D.M. & Caramaschi, U. 2003. Composição e Análise Comparativa da Diversidade e das Afinidades Biogeográficas dos Lagartos e Anfisbenídeos (Squamata) dos Brejos Nordestinos; pp. 463i512. *In:* Leal, I.R.; Tabarelli, M. & Silva, J.M. (Eds.). *Ecologia e Conservação da Caatinga*. Ministério do Meio Ambiente, Recife. www.mma.gov.br/estruturas/203/_arquivos/5_livro_ecologia_e_conservao_da_caatinga_203.pdf.

Borges-Nojosa, D.M.; Caramaschi, U. & Rodrigues, M.T. 2016a. A new species of lizard *Placosoma* Tschudi, 1847 (Squamata: Gymnophthalmidae) from the relictual forest mountains of the State of Ceará, Brazil. *Zootaxa* 4169(1):160-170. http://doi.org/10.11646/zootaxa.4169.1.8.

Borges-Nojosa, D.M.; Lima, D.C.; Bezerra, C.H. & Harris, D.J. 2016b. Two new species of *Apostolepis* Cope, 1862 (Serpentes: Elapomorphini) from brejos de altitude in northeastern Brazil. *Revista Nordestina de Zoologia* 10(2):74-94. www.revistanordestinadezoologia.net/images/stories/volume10_2/Artigo10.pdf.

Brandão, R.A. & Araújo, A.F.B. 1998. A herpetofauna da Estação Ecológica de Águas Emendadas; pp. 9-21. *In:* Marinho-Filho, J.; Rodrigues, F. & Guimarães, M. (Eds.). *Vertebrados da Estação Ecológica de Águas Emendadas: História Natural e Ecologia de um Fragmento de Cerrado do Brasil Central*. Secretaria de Ciência e Tecnologia do Distrito Federal, Brasília.

Brandão, R.A. & Péres Júnior, A.K. 2001. Levantamento da herpetofauna na área de influencia do aproveitamento hidroelétrico Luís Eduardo Magalhães, Palmas, TO. *Humanitas* 3:35-50.

Brochu, C.A. 2003. Phylogenetic approaches toward Crocodylian history. *Annual Review of Earth and Planetary Sciences* 31:357-97. http://doi.org/10.1146/annurev.earth.31.100901.141308.

Cabral, H.; Lema, T. & Renner, M.F. 2017. Revalidation of *Apostolepis barrioi* (Serpentes: Dipsadidae). *Phyllomedusa* 16(2):243-254. http://doi.org/10.11606/issn.2316-9079.v16i2p243-254.

Cabral, H.; Piatti, L.; Souza, F.L.; Scrocchi, G. & Ferreira, V.L. 2015. *Xenodon pulcher* (Jan, 1863) (Serpentes: Dipsadidae) first record for Brazil and a distribution extension. *Herpetology Notes* 8:361-364. http://biotaxa.org/hn/article/view/9003.

Cacciali, P. & Köhler, G. 2018. Diversity of *Tropidurus* (Squamata: Tropiduridae) in Paraguay – an integrative taxonomic approach based on morphological and molecular genetic evidence. *Zootaxa* 4375(4):511-536. http://doi.org/10.11646/zootaxa.4375.4.3.

Cacciali, P.; Morando, M.; Medina, C.D.; Köhler, G.; Motte, M. & Ávila, L.J. 2017. Taxonomic analysis of Paraguayan samples of *Homonota fasciata* Duméril & Bibron (1836) with the revalidation of *Homonota horrida* Burmeister (1861) (Reptilia: Squamata: Phyllodactylidae) and the description of a new species. *PeerJ* 5:e3523. http://doi.org/DOI 10.7717/peerj.3523.

Cacciali, P.; Scott, N.J.; Ortiz, A.L.A.; Fitzgerald, L.A. & Smith, P. 2016. The Reptiles of Paraguay: Literature, Distribution, and an Annotated Taxonomic Checklist. *Special Publication of the Museum of Southwestern Biology* 11:1-373. http://repository.unm.edu/handle/1928/32390.

Campbell, J.A. & Lamar, W.W. 2004. *The Venomous Reptiles of the Western Hemisphere,* 2 Vols. Cornell University Press, Ithaca, xviii + 970 + 28 pp.

Carvalho, A.L.G. 2013. On the distribution and conservation of the South American lizard genus *Tropidurus* Wied-Neuwied, 1825 (Squamata: Tropiduridae). *Zootaxa* 3640(1):042-056. http://doi.org/10.11646/zootaxa.3640.1.3.

Carvalho, A.L.G. 2016. Three New Species of the *Tropidurus spinulosus* Group (Squamata: Tropiduridae) from Eastern. *American Museum Novitates* (3853):1-44. http://doi.org/10.1206/3853.1.

Carvalho, A.L.G.; Sena, M.A.; Peloso, P.L.V.; Machado, F.A.; Montesinos, R.; Silva, H.R.; Campbell, G. & Rodrigues, M.T. 2016. A New *Tropidurus* (Tropiduridae) from the Semiarid Brazilian Caatinga: Evidence for Conflicting Signal between Mitochondrial and Nuclear Loci Affecting the Phylogenetic Reconstruction of South American Collared Lizards. *American Museum Novitates* 3852:1-68. http://doi.org/10.1206/3852.1.

Castanho, L.M.; Silva, F.R.; Camargo, P. & Mendes, C.V.M. 2015. Herpetofauna do Muncípio de Sorocaba; pp. 173i180. *In:* Smith, W.S.; Mota-Júnior, V.D. & Carvalho, J.L. (Orgs.). *Biodiversidade do Município de Sorocaba*. Secretaria de Meio Ambiente, Sorocaba.

Chalkidis, H.M. 2000. Geographic Distribution: *Amphisbaena fuliginosa varia*. *Herpetological Review* 31(4):253.

Chalkidis, H.M.; Cordeiro-Duarte, A.C. & Vogt, R.C. 2002. Geographic Distribution: *Amphisbaena fuliginosa fuliginosa*. *Herpetological Review* 33(2):148.

Coelho, R.D.F.; Souza, K.; Santos, E.K.M.R.; Novelli, I.A. & Ribeiro, L.B. 2014. *Phrynops tuberosus* (Peters' Side-necked Turtle). Hatchling size. *Herpetological Review* 45(3):485-486.

Colli, G.R.; Fenker, J.; Tedeschi, L.G.; Barreto-Lima, A.F.; Mott, T. & Ribeiro, S.L.B. 2016. In the depths of obscurity: Knowledge gaps and extinction risk of Brazilian worm lizards (Squamata, Amphisbaenidae). *Biological Conservation* 204:51-62. http://doi.org/10.1016/j.biocon.2016.07.033.

Colli, G.R.; Hoogmoed, M.S.; Cannatella, D.C.; Cassimiro, J.; Gomes, J.O.; Ghellere, J.M.; Nunes, P.M.S.; Pellegrino, K.C.M.; Salerno, P.; Souza, S.M. & Rodrigues, M.T. 2015. Description and phylogenetic relationships of a new genus and two new species of lizards from Brazilian Amazonia, with nomenclatural comments on the taxonomy of Gymnophthalmidae (Reptilia: Squamata). *Zootaxa* 4000(4):401-427. http://doi.org/10.11646/zootaxa.4000.4.1.

Costa, H.C. & Bérnils, R.S. 2014. Répteis brasileiros: Lista de espécies. *Herpetologia Brasileira* 3(3):74-84. www.sbherpetologia.org.br/images/LISTAS/2014.03-07-MudancasTaxonomicas.pdf.

Costa, H.C. & Bérnils, R.S. 2015. Répteis brasileiros: Lista de espécies 2015. *Herpetologia Brasileira* 4(3):75-93. www.sbherpetologia.org.br/images/LISTAS/2015-03-Repteis.pdf.

Costa, H.C.; Garcia, P.C.A. & Zaher, H. 2016a. The correct authorship and date of lizard names Teiinae, Tupinambinae, and Gymnophthalmidae. *Zootaxa* 4132(2):295-300. http://doi.org/10.11646/zootaxa.4132.2.13.

Costa, H.C.; Rezende, D.T.; Molina, F.B.; Nascimento, L.B.; Leite, F.S.F. & Fernandes, A.P.B. 2015. New Distribution Records and Potentially Suitable Areas for the Threatened Snake-Necked Turtle *Hydromedusa maximiliani* (Testudines: Chelidae). *Chelonian Conservation and Biology* 14(1):88-94. http://doi.org/10.2744/ccab-14-01-88-94.1.

Costa, H.C.; Santana, D.J.; Leal, F.; Koroiva, R. & Garcia, P.C.A. 2016b. A New Species of *Helicops* (Serpentes: Dipsadidae: Hydropsini) from Southeastern Brazil. *Herpetologica* 72(2):157-166. http://doi.org/10.1655/HERPETOLOGICA-D-15-00059.

Costa, H.C.; São-Pedro, V.A.; Péres Jr., A.K. & Feio, R.N. 2008. Reptilia, Squamata, Teiidae, *Tupinambis longilineus:* Distribution extension. *Check List* 4(3):267-268. http://doi.org/10.15560/4.3.267.

Cunha, O.R. & Nascimento, F.P. 1993. Ofídios da Amazônia: as cobras da região leste do Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Zoologia* 9(1):1-191.

Curcio, F.F.; Nunes, P.M.S.; Harvey, M.B. & Rodrigues, M.T. 2011. Redescription of *Apostolepis longicaudata* (Serpentes: Xenodontinae) with comments on its hemipenial morphology and natural history. *Herpetologica* 67(3):318-331. 2011. http://doi.org/10.1655/HERPETOLOGICA-D-10-00043.1.

Curcio, F.F.; Scali, S. & Rodrigues, M.T. 2015. Taxonomic Status of *Erythrolamprus bizona* Jan (1863) (Serpentes, Xenodontinae): Assembling a Puzzle with Many Missing Pieces. *Herpetological Monographs* 29(1):40-64. http://doi.org/10.1655/HERPMONOGRAPHS-D-15-00002.

D'Angiolella, A.B.; Gamble, T.; Avila-Pires, T.C.S.; Colli, G.R.; Noonan, B.P. & Vitt, L.J. 2011. *Anolis chrysolepis* Duméril and Bibron, 1837 (Squamata: Iguanidae), Revisited: Molecular Phylogeny and Taxonomy of the *Anolis chrysolepis* Species Group. *Bulletin of the Museum of Comparative Zoology* 160(2):35-63. http://doi.org/10.3099/0027-4100-160.2.35.

Di-Bernardo, M.; Borges-Martins, M. & Oliveira, R.B. 2004. Proposed deletion of eight species of snakes from the Brazilian State of Rio Grande do Sul herpetofauna. *Comunicações do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS. Série Zoologia,* 17:45-50.

Dixon, J.R. 1985. A Review of *Liophis anomalus* and *Liophis elegantissimus,* and the Description of a New Species (Serpentes: Colubridae). *Copeia* 1985(3):565-573. www.jstor.org/stable/1444745.

Dixon, J.R. 1989. A key and checklist to the Neotropical snake genus *Liophis* with country list and maps. *Smithsonian Herpetological Information Service* 79:1-28.

Entiauspe-Neto, O.M.; Abegg, A.D.; Quintela, F.M. & Loebmann, D. 2017c. *Mussurana quimi* (Franco, Marques & Puorto, 1997) (Serpentes: Dipsadidae): first records for Rio Grande do Sul, southern Brazil. *Check List* 13(1):2053. http://doi.org/10.15560/13.1.2053.

Entiauspe-Neto, O.M.; Quintela, F.M.; Regnet, R.A.; Teixeira, V.H.; Silveira, F. & Loebmann, D. 2017a. A New and Microendemic Species of *Ophiodes* Wagler, 1828 (Sauria: Diploglossinae) from the Lagoa dos Patos Estuary, Southern Brazil. *Journal of Herpetology* 51(4):515-522. http://doi.org/10.1670/17-007.

Entiauspe-Neto, O.M.; Renner, M.F.; Mario-da-Rosa, C.; Abegg, A.D.; Loebmann, D. & Lema, T. 2017b. Redescription, geographic distribution and ecological niche modeling of *Elapomorphus wuchereri* (Serpentes: Dipsadidae). *Phyllomedusa* 16(2):225-242. http://doi.org/10.11606/issn.2316-9079.v16i2p225-242.

Esqueda, L.F.; Schlüter, A.; Machado, C.; Castelaín, M. & Mumaw, M.N. 2015. Apêndice II. Una Nueva Especie de Cieguita o Serpiente de Gusano (Serpentes: Leptotyphlopidae: *Epictia*) nativa del Tepui Guai quinima, Provincia Pantepui en el Escudo de Guayana, Venezuela; p. 414-432. *In:* Mumaw, M.N.; González, L.F.E. & Fernández, M.C. (Eds.). *Atlas Serpientes de Venezuela: una Visión Actual de su Diversidad*. Fundación Biogeos, Asociación Venezolana de Herpetologia, Fundación Ecologica sin Fronteras y Serpentario.com, Santiago de Chile.

Feitosa, D.T.; Silva Jr., N.J.; Pires, M.G.; Zaher, H. & Prudente, A.L.C. 2015. A new species of monadal coral snake of the genus *Micrurus* (Serpentes, Elapidae) from western Amazon. *Zootaxa* 3974(4):538-554. http://doi.org/10.11646/zootaxa.3974.4.5.

Fenker, J.; Tedeschi, L.G.; Pyron, R.A. & Nogueira, C.C. 2014. Phylogenetic diversity, habitat loss and conservation in South American pitvipers (Crotalinae: *Bothrops* and *Bothrocophias*). *Diversity and Distributions* 20(10):1108-1119. http://doi.org/10.1111/ddi.12217.

Fernandes, D.S.; Germano, V.J.; Fernandes, R. & Franco, F.L. 2002. Taxonomic status and geographic distribution of the lowland species of the *Liophis cobella* group with comments on the species fromthe Venezuelan Tepuis (Serpentes, Colubridae). *Boletim do Museu Nacional, Nova Série Zoologia* 481:1-14.

Ferrarezzi, H.; Barro, F.E. & Albuquerque, C.E. 2005. Phylogenetic relationship of a new species of *Apostolepis* from Brazilian Cerrado with notes on the assimilis group (Serpentes: Colubridae: Xenodontinae: Elapomorphini). *Papéis Avulsos de Zoologia* 45(16):215-229. http://doi.org/10.1590/S0031-10492005001600001.

Ferreira, V.L.; Tena, J.S.; Piatti, L.; Delatorre, M.; Strüssmann, C.; Béda, A.F.; Kawashita-Ribeiro, R.A.; Landgref-Filho, P.; Aoki, C.; Campos, Z.; Souza, F.L.; Ávila, R.W.; Duleba, S.; Martins, K.S.; Rita, P.H.S. & Albuquerque, N.R. 2017. Répteis do Mato Grosso do Sul, Brasil. *Iheringia, Série Zoologia* 107(supl.):e2017153. http://doi.org/10.1590/1678-4766e2017153.

Fraga, R.; Almeida, A.P.; Moraes, L.J.C.L.; Gordo, M.; Pirani, R.; Zamora, R.R.; Carvalho, V.T.; Passos, P. & Werneck, F.P. 2017. Narrow Endemism or Insufficient Sampling? Geographic Range Extension and Morphological Variation of the Poorly Known *Atractus riveroi* Roze, 1961 (Serpentes: Dipsadidae). *Herpetological Review* 48(2):281-284.

Franco, F.L. & Ferreira, T.G. 2003 [datado 2002]. Descrição de uma nova espécie de *Thamnodynastes* Wagler, 1830 (Serpentes, Colubridae) do nordeste brasileiro, com comentários sobre o gênero. *Phyllomedusa* 1(2):57-74. http://doi.org/10.11606/issn.2316-9079.v1i2p57-74.

Franco, F.L. & Pinto, R.R. 2009. *Stenostoma albifrons* Wagler in Spix, 1824 as *nomen dubium* and recognition of the name *Leptotyphlops tenellus* Klauber, 1939 (Serpentes: Leptotyphlopidae). *Salamandra* 45(4):239-244. www.salamandra-journal.com/index.php%3Foption%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D18%26Itemid%3D62.

Franco, F.L.; Trevine, V.C.; Montingelli, G.C. & Zaher, H. 2017. A new species of *Thamnodynastes* from the open areas of central and northeastern Brazil (Serpentes: Dipsadidae: Tachymenini). *Salamandra* 53(3):339-350. www.salamandra-journal.com/index.php/home/contents/2017-vol-53/1851-franco-f-l-v-c-trevine-g-g-montingelli-h-zaher/file.

Freitas, M.A. & Silva, T.F.S. 2007. *Guia Ilustrado: A Herpetofauna das caatingas e Áreas de Altitudes do Nordeste Brasileiro.* USEB, Pelotas, 388 pp.

Freitas, M.A.; Vieira, R.S.; Entiauspe-Neto, O.M.; Oliveira e Sousa, S.; Farias, T.; Sousa, A.G. & Moura, G.J.B. 2017. Herpetofauna of the Northwest Amazon forest in the state of Maranhão, Brazil, with remarks on the Gurupi Biological Reserve. *Zookeys* 643:141-155. http://doi.org/10.3897/zookeys.643.8215.

Gallagher, D.S. & Dixon, J.R. 1992. Taxonomic revision of the South American lizard genus *Kentropyx* Spix (Sauria, Teiidae). *Bollettino del Museo Regionale di Scienze Naturali di Torino* 10(1):125-171.

Gans, C. 1962. Redefinition and Description of the Brasilian Reptiles *Amphisbaena silvestrii* Boulenger and *A. neglecta* Dunn and Piatt. *Copeia* 1962(1):64-170. www.jstor.org/stable/1439492.

Gans, C. 1966. Studies on Amphisbaenids (Amphisbaenia, Reptilia) 3. The small species from Southern South America commonly identified as *Amphisbaena darwini*. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 134:185-260. http://digitallibrary.amnh.org/dspace/handle/2246/1983.

Gans, C. 2005. Checklist and bibliography of the Amphisbaenia of the World. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 289:1-130. http://digitallibrary.amnh.org/handle/2246/457.

Garbin, R.C.; Karlguth, D.T.; Fernandes, D.S. & Pinto, R.R. 2016. Morphological variation in the Brazilian Radiated Swamp Turtle *Acanthochelys radiolata* (Mikan, 1820) (Testudines: Chelidae). *Zootaxa* 4105(1):045-064. http://doi.org/10.11646/zootaxa.4105.1.2.

Goicoechea, N.; Frost, D.R.; De la Riva, I.; Pellegrino, K.C.M.; Sites, J.; Rodrigues, M.T. & Padial, J. 2016. Molecular systematics of teioid lizards (Teioidea/Gymnophthalmoidea: Squamata) based on the analysis of 48 loci under tree-alignment and similarity-alignment. *Cladistics* 36(6):624-671. http://doi.org/10.1111/cla.12150.

Gonzalez, R.C. 2014. Variação Morfológica de *Corallus hortulanus* (Linnaeus, 1758) (Serpentes: Boidae). Dissertação de Mestrado, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 255 pp. http://objdig.ufrj.br/71/teses/828825.pdf.

Gonzalez, R.C.; Silva-Soares, T.; Castro, T.M. & Bérnils, R.S. 2014. Review of the geographic distribution of *Micrurus decoratus* (Jan, 1858) (Serpentes: Elapidae). *Phyllomedusa* 13(1):29-39. http://doi.org/10.11606/issn.2316-9079.v13i1p29-39.

Graboski, R.; Pereira Filho, G.A.; Silva, A.A.A.; Prudente, A.L.C. & Zaher, H. 2015. A new species of *Amerotyphlops* from Northeastern Brazil, with comments on distribution of related species. *Zootaxa* 3920(3):443-452. http://doi.org/10.11646/zootaxa.3920.3.3.

Grazziotin, F.G.; Zaher, H.; Murphyc, R.W.; Scrocchi, G.; Benavides, M.A.; Zhang, Y.-P. & Bonatto, S.L. 2012. Molecular phylogeny of the New World Dipsadidae (Serpentes: Colubroidea): a reappraisal. *Cladistics* 1(2012):1-23. http://doi.org/10.1111/j.1096-0031.2012.00393.x.

Guedes, T.B.; Nogueira, C.C. & Marques, O.A.V. 2014. Diversity, natural history, and geographic distribution of snakes in the Caatinga, Northeastern Brazil. *Zootaxa* 3863(1):1-93. http://doi.org/10.11646/zootaxa.3863.1.1.

Hamdan, B. & Lira-da-Silva, R.M. 2012. The snakes of Bahia State, northeastern Brazil: species richness, composition and biogeographical notes. *Salamandra* 48(1):31-50. www.salamandra-journal.com/index.php/home/contents/2012-vol-48/272-hamdan-b-r-m-lira-da-silva/file.

Harvey, M.B. 1999. Revision of Bolivian Apostolepis (Squamata: Colubridae). *Copeia* 1999(2):388-409. www.jstor.org/stable/1447485.

Harvey, M.B.; Aguayo, R. & Miralles, A. 2008. Redescription and biogeography of *Mabuya cochabambae* Dunn with comments on Bolivian congeners (Lacertilia: Scincidae). Zootaxa 1828:43-56. www.mapress.com/zootaxa/2008/2/zt01828p056.pdf.

Harvey, M.B.; Gonzales, L. & Scrocchi, G.J. 2001. New species of *Apostolepis* (Squamata: Colubridae) from the Gran Chaco in Southern Bolivia. *Copeia* 2001(2):501-507. www.jstor.org/stable/1447895.

Harvey, M.B.; Ugueto, G.N. & Gutberlet, R.L. 2012. Review of Teiid Morphology with a Revised Taxonomy and Phylogeny of the Teiidae

(Lepidosauria: Squamata). *Zootaxa* 3459:1-156. www.mapress.com/zootaxa/2012/2/zt03459p156.pdf.

Hedges, S.B. 2014. The high-level classification of skinks (Reptilia, Squamata, Scincomorpha). *Zootaxa* 3765:317-338. http://doi.org/10.11646/zootaxa.3765.4.2.

Hedges, S.B. & Conn, C.E. 2012. A new skink fauna from Caribbean islands (Squamata, Mabuyidae, Mabuyinae). *Zootaxa* 3288:1-244. www.mapress.com/zootaxa/2012/2/zt03288p244.pdf.

Hedges, S.B.; Marion, A.B.; Lipp, K.M.; Marin, J. & Vidal, N. 2014. A taxonomic framework for typhlopid snakes from the Caribbean and other regions (Reptilia, Squamata). *Caribbean Herpetology* 49:1-61. www.caribbeanherpetology.org/pdfs/ch49.pdf.

Henderson, R.W. 1997. A taxonomic review of the *Corallus hortulanus* complex of Neotropical Tree Boas. *Caribbean Journal of Science* 33(3-4):198-221.

Hoge, A.R. & Federsoni, P.A. 1974. Notes on *Xenopholis* Peters and *Paroxyrhopus* Schenkel (Serpentes: Colubridae). *Memórias do Instituto Butantan* 38:137-146.

Hoge, A.R.; Cordeiro, C.L. & Romano, S.A.L. 1975. Posição taxonômica de *Lystrophis nattereri* (Steindachner) [Serpentes, Colubridae]. *Memórias do Instituto Butantan* 39:37-50.

Hoge, A.R.; Romano, S.A.R.W.L.; Federsoni Júnior, P.A. & Cordeiro, C.L.S. 1974. Nota prévia. Lista das espécies de serpentes coletadas na região da Usina Hidroelétrica de Ilha Solteira, Brasil. *Memórias do Instituto Butantan* 38:167-178.

Jackson, J.F. 1978. Differentiation in the genera *Enyalius* and *Strobilurus* (Iguanidae): implications for pleistocene climatic changes in eastern Brazil. *Arquivos de Zoologia* 30:1-40. http://doi.org/10.11606/issn.2176-7793.v30i1p1-79.

Koslowsky, J. 1898. Ofidios de Matto-Grosso (Brasil). *Revista del Museo de La Plata* 8:25-33. www.biodiversitylibrary.org/item/43893#page/41/mode/1up.

Kunz, T.S. & Borges-Martins, M. 2013. A new microendemic species of *Tropidurus* (Squamata: Tropiduridae) from southern Brazil and revalidation of *Tropidurus catalanensis* Gudynas & Skuk, 1983. *Zootaxa* 3681(4):413-439. http://doi.org/10.11646/zootaxa.3681.4.6.

Kunz, T.S.; Ghizoni-Jr., I.R. & Graipel, M.E. 2011. Reptilia, Squamata, Gymnophthalmidae, *Ecpleopus gaudichaudi* Duméril and Bibron, 1839: Distribution extension in the state of Santa Catarina, Brazil. *Check List* 7(1):11-12. http://doi.org/10.15560/7.1.11.

Lema, T. 1992. Presença de *Elapomorphus quinquelineatus* (Raddi) no extremo-sul do Brasil e a ocorrência de rara anomalia (Serpentes, Colubridae, Xenodontinae, Elapomorphini). *Comunicações do Museu Ciência Tecnologia da PUCRS* 5(1):1-7.

Lema, T. 1993. Polimorfismo em *Apostolepis dimidiata* (Jan, 1862) com a invalidação de *Apostolepis villaricae* Lema, 1978 e *Apostolepis barrioi* Lema 1978 (Serpentes: Colubridae: Xenodontinae: Elapomorphini). *Acta Biológica Leopoldensia* 15:35-52.

Lema, T. 1994. Lista comentada dos répteis ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil. *Comunicações do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS, Série Zoologia* 7:41-150.

Lema, T. 2002. Redescription of *Apostolepis sanctaeritae* Werner 1924 (Serpentes, Colubridae), and a Comparison with Related Species. *Copeia* 2002(4):1147-1151. http://doi.org/10.1643/0045-8511(2002)002[1147:ROASWS]2.0.CO;2.

Lema, T. 2005. New occurrence of *Atractus trihedrurus* Amaral (Serpentes: Xenodontinae). *Comunicações do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS, Série Zoologia* 18:53.

Lema, T. 2015. Remarks on *Apostolepis goiasensis* (Serpentes, Xenodontinae), with presentation of the holotype. *Caderno de Pesquisa, Série Biologia* 27(2):20-27. http://online.unisc.br/seer/index.php/cadpesquisa/article/view/6779.

Lema, T. 2016. Description of new species of *Apostolepis* (Serpentes: Dipsadidae: Xenodontinae: Elapomorphini) from Serra do Roncador, central Brazil. *Caderno de Pesquisa, Série Biologia* 28(1):1-11. http://online.unisc.br/seer/index.php/cadpesquisa/article/view/7854.

Lema, T. & Renner, M.F. 1998. O status de *Apostolepis quinquelineata* Boulenger, 1896, *A. pymi* Boulenger, 1903 e *A. rondoni* Amaral, 1925 (Serpentes, Colubridae, Elapomorphini). *Biociências* 6:99-121.

Lema, T. & Renner, M.F. 2007. Contribuição ao conhecimento de *Apostolepis ammodites* (Serpentes, Colubridae, Elapomorphinae). *Biociências* 15(1):126-142. http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fabio/article/view/2220.

Lema, T. & Renner, M.F. 2015. New specimens of *Apostolepis vittata* (Cope, 1887) (Serpentes, Elapomorphinae). *Caderno de Pesquisa, Série Biologia* 16(1):51-56.

Lema, T.; Renner, M.F. & Silva, C.N. 2005. Contribution to the knowledge of *Apostolepis ambiniger* (Peters, 1869) (Serpentes: Elapomorphinae). *Comunicações do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS, Série Zoologia* 18(1):21-26.

Lima, J.D. 2008. A herpetofauna do Parque Nacional do Montanhas do Tumucumaque, Amapá, Brasil, Expedições I a IV; pp. 38-50. *In:* Bernard, E. (Ed.). *Iventários Biológicos Rápidos no Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, Amapá, Brasil*. RAP Bulletin of Biological Assessment 48. Conservation International, Arlington, EUA. www.conservation.org/global/brasil/publicacoes/Documents/RAP_Tumucumaque.pdf.

Lisboa, B.S.; Tiburcio, I.C.S.; Silva, S.T. & Skuk, G.O. 2009. Primeiro registro de *Pseustes sulphureus* (Wagler, 1824) (Serpentes: Colubridae) no Estado de Alagoas, Nordeste do Brasil. *Biotemas* 22(4):237-240. http://doi.org/10.5007/2175-7925.2009v22n4p237.

Loebmann, D. 2009. Geographic Distribution: *Micrurus lemniscatus lemniscatus* (Guiana's Ribbon Coralsnake). *Herpetological Review* 40(3):366.

Loebmann, D. & Haddad, C.F.B. 2010. Amphibians and reptiles from a highly diverse area of the Caatinga domain: composition and conservation implications. *Biota Neotropica* 10(3):227-256. http://doi.org/10.1590/S1676-06032010000300026.

Loebmann, D. & Lema, T. 2012. New data on the distribution of the rare and poorly known *Apostolepis goiasensis* Prado, 1943 (Serpentes, Xenodontinae, Elapomorphini) with remarks on morphology and colouration. *Herpetology Notes* 5:523-525. www.herpetologynotes.seh-herpetology.org/Volume5_PDFs/Loebmann_Herpetology_Notes_Volume5_page523-525.pdf.

Marcovaldi, M.A.A.G.; Santos, A.S. & Sales, G. (Orgs.). 2011. *Plano de Ação Nacional para Conservação das Tartarugas Marinhas*. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Brasília, 120 pp. www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-plano-de-acao/pan-tartarugas/livro_tartarugas.pdf.

Marques, O.A.V. & Calleffo, M.E. 1997. Geographic distribution: *Pseustes sulphureus*. *Herpetological Review* 28(3):160.

Marques, O.A.V.; Eterovic, A.; Strüssmann, C. & Sazima, I. 2005. *Serpentes do Pantanal: Guia Ilustrado*. Holos Editora, Ribeirão Preto, 184 pp.

Marques, O.A.V.; Sawaya, R.J.; Stender-Oliveira, F. & França, F.G.R. 2006. Ecology of the colubrid snake *Pseudablabes agassizii* in south-eastern South America. Herpetological Journal 16:37-45. www.ingentaconnect.com/contentone/bhs/thj/2006/00000016/00000001/art00006.

Martins, L.A. & Lema, T. 2015. Elapomorphini (Serpentes, Xenodontinae) do Brasil sudoeste. *Neotropical Biology and Conservation* 10(2):93-102. http://doi.org/10.4013/nbc.2015.102.05.

Maschio, G.F.; Galatti, U.; Neckel-Oliveira, S.; Gordo, M. & Bitar, Y.O.C. 2012. Répteis de Carajás; pp. 82-97. *In:* Martins, F.D.; Castilho, A.F.; Campos, J.; Hatano, F.M. & Rolim, S.G. (Orgs.). *Fauna da Floresta Nacional de Carajás: Estudos sobre Vertebrados Terrestres*. Nitro Imagens, São Paulo.

Mata-Silva, V. & Wilson, L.D. 2016. The taxonomic status of *Tantilla marcovani* Lema 2004 (Squamata: Colubridae). *Zootaxa* 4092(3):421-425. http://doi.org/10.11646/zootaxa.4092.3.7.

McCranie, J.R. 1980. *Drymarchon* Fitzinger – Indigo snake. *Catalogue of the American Amphibians and Reptiles* 267:1-4.

McCranie, J.R. 1993. *Crotalu durissus. Catalogue of American Amphibians and Reptiles* 577:1-11.

Mendes-Pinto, T.J.; Souza, S.M.; Vogt, R.C. & Bernhard, R. 2012. First record of *Platemys platycephala melanonota* Ernst, 1984 (Reptilia, Testudines, Chelidae) for the brazilian Amazon. *Revista de Ciências Ambientais* 5:103-107. http://doi.org/10.18316/264.

Miralles, A. & Carranza, S. 2010. Systematics and biogeography of the Neotropical genus *Mabuya,* with special emphasis on the Amazonian skink *Mabuya nigropunctata* (Reptilia, Scincidae). *Molecular Phylogenetics and Evolution* 54:857-869. http://doi.org/10.1016/j.ympev.2009.10.016.

Moraes L.J.C.L.; Ribeiro-Júnior, M.A. & Pavan, D. 2017b. *Tupinambis longilineus* Avila-Pires, 1995 (Squamata, Teiidae): revised distribution of a rare amazonian species. *North-Western Journal of Zoology* 13(2):364-368. http://biozoojournals.ro/nwjz/content/v13n2/nwjz_e167506_Moraes.pdf.

Moraes, L.J.C.L.; Almeida, A.P.; Fraga, R.; Rojas, R.R.; Pirani, R.M.; Silva, A.A.A.; Carvalho, V.T.; Gordo, M. & Werneck, F.P. 2017a. Integrative overview of the herpetofauna from Serra da Mocidade, a granitic mountain range in northern Brazil. *Zookeys* 715:103-159. http://doi.org/10.3897/zookeys.715.20288.

Morando, M.; Olave, M.; Ávila, L.J.; Baker, E. & Sites, J.W. 2015. Molecular Phylogeny of the Lizard Clade Leiosaurae Endemic to Southern South America *Herpetologica* 71(4):322-331. http://doi.org/10.1655/HERPETOLOGICA-D-14-00067.

Moura, C.C.M.; Moura, G.J.B.; Lisboa, E.B.F. & Luz, V.L.F. 2014. Distribuição geográfica e considerações ecológicas sobre a fauna de Testudines da Região Nordeste do Brasil. *Sitientibus série Ciências Biológicas* 14:1-20. http://doi.org/10.13102/scb236.

Moura, G.J.B.; Santos, E.M.; Oliveira, M.A.B. & Cabral, M.C.C. 2011. *Herpetofauna de Pernambuco*. IBAMA, Brasília, 440 pp.

Murphy, J.C.; Jowers, M.J.; Lehtinen, R.M.; Charles, S.P.; Colli, G.R.; Peres, A.K.; Hendry, C.R. & Pyron, R.A. 2016. Cryptic, Sympatric Diversity in Tegu Lizards of the *Tupinambis teguixin* Group (Squamata, Sauria, Teiidae) and the Description of Three New Species. *Plos One* 11(8):e0158542. http://doi.org/10.1371/journal. pone.0158542.

Myers, C.W. & Donnelly, M.A. 2008. The Summit Herpetofauna of Auyantepui, Venezuela: Report from the Robert G. Goelet American Museum-Terramar Expedition. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 308:1-147. http://digitallibrary.amnh.org/handle/2246/5896.

Nascimento, F.P. & Lima-Verde, J.S. 1989. Ocorrência de ofídios de ambientes florestais em enclaves de matas úmidas do Ceará (Ophidia: Colubridae). *Boletin do Museo Paranaense Emílio Goeldi, Zoologia* 5:95-100.

Nogueira, C.; Barbo, F.E. & Ferrarezzi, H. 2012. Redescription of *Apostolepis albicollaris* Lema, 2002, with a Key for the Species Groups of the Genus *Apostolepis* (Serpentes: Dipsadidae: Elapomorphini). *South American Journal of Herpetology* 7(3):213-225. http://doi.org/10.2994/057.007.0303.

Papavero, N. 1971. Essays on the History of Neotropical Dipterology. Vol. 1. São Paulo, Museu de Zoologia, 216 pp.

Passos, P.; Fernandes, R.; Bérnils, R.S. & Moura-Leite, J.C. 2010. Taxonomic revision of the Brazilian Atlantic Forest *Atractus* (Reptilia: Serpentes: Dipsadidae). *Zootaxa* 2364:1-63.

Passos, P.; Prudente, A.L.C. & Lynch, J.D. 2016. Redescription of *Atractus punctiventris* and Description of Two New *Atractus* (Serpentes: Dipsadidae) from Brazilian Amazonia. *Herpetological Monographs* 30(1):1-20. http://doi.org/10.1655/HERPMONOGRAPHS-D-14-00009.

Pellegrino, K.C.M.; Rodrigues, M.T.; Yonenaga-Yassuda, Y. & Sites, J.W. 2001. A molecular perspective on the evolution of microteiid lizards (Squamata, Gymnophthalmidae), and a new classification for the family. *Biological Journal of the Linnean Society* 74:315-338. http://doi.org/10.1006/bijl.2001.0580.

Peloso, P.L.V.; Pellegrino, K.C.M.; Rodrigues, M.T. & Avila-Pires, T.C.S. 2011. Description and Phylogenetic Relationships of a New Genus and Species of Lizard (Squamata, Gymnophthalmidae) from the Amazonian Rainforest of Northern Brazil. *American Museum Novitates* 3713:1-24. http://hdl.handle.net/2246/6113.

Perez, R.; Ribeiro, S. & Borges-Martins, M. 2012. Reappraisal of the taxonomic status of *Amphisbaena prunicolor* (Cope 1885) and *Amphisbaena albocingulata* Boettger 1885 (Amphisbaenia: Amphisbaenidae). *Zootaxa* 3550:1-25. www.mapress.com/zootaxa/2012/2/zt03550p025.pdf.

Pinto-Sánchez, N.R.; Calderón-Espinosa, M.L.; Miralles, A.; Crawford, A.J. & Ramírez-Pinilla, M.P. 2015. Molecular phylogenetics and biogeography of the Neotropical skink genus *Mabuya* Fitzinger (Squamata: Scincidae) with emphasis on Colombian populations. *Molecular Phylogenetics and Evolution* 93:188-211. http://doi.org/10.1016/j.ympev.2015.07.016.

Pritchard, P.C.H. & Trebbau, P. 1984. *The Turtles of Venezuela*. Society for the Study of Amphibians and Reptiles, Oxford. 414 pp.

Prudente, A.L.C.; Silva, F.M.; Meirelles, M.S. & Puorto, G. 2017. Morphological variation in *Siphlophis worontzowi* (Squamata: Serpentes: Dipsadidae) from the Brazilian Amazon. *Salamandra* 53(2):245-256. www.salamandra-journal.com/index.php/home/contents/2017--vol-53/1828-prudente-a-l-c-f-m-silva-m-s-meireles-g-puorto/file.

Puorto, G. & Henderson, R.W. 1994. Ecologically significant distribution records for the common tree boa (Corallus enydris) in Brasil. *Herpetological Natural History* 2(2):89-91.

Pyron, R.A.; Burbrink, F.T. & Wiens, J.J. 2013. A phylogeny and updated classification of Squamata, including 4161 species of lizards and snakes. *BMC Evolutionary Biology* 13:93. http://doi.org/10.1186/1471-2148-13-93.

Pyron, R.A.; Reynolds, R.G. & Burbrink, F.T. 2014. Taxonomic Revision of Boas (Serpentes: Boidae). *Zootaxa* 3846:249-260. http://doi.org/10.11646/zootaxa.3846.2.5.

Ramos, L.O. & Silveira, A.L. 2011. New records and distribution map of *Ecpleopus gaudichaudii* (Reptilia, Squamata, Gymnophthalmidae) in southeastern Brazil. *Herpetology Notes* 4:173-176. www.herpetologynotes.seh-herpetology.org/Volume4_PDFs/Ramos_Silveira_Herpetology_Notes_Volume4_pages173-176.pdf.

Rebouças-Spieker, R. 1974. Distribution and differentiation of animals along the coast and in continental islands of the state of São Paulo, Brasil. 2. Lizards of the genus *Mabuya* (Sauria, Scincidae). *Papéis Avulsos de Zoologia* 28(2):197-240.

Rhodin, A.G.J.; Mittermeier, R.A. & Rocha-e-Silva, R. 1982. Distribution and taxonomic status of *Phrynops hogei*, a rare chelid turtle from Southeastern Brazil. *Copeia* 1982(1):179-181. www.jstor.org/stable/1444284.

Rhodin, A.G.J.; Rocha-e-Silva, R. & Mittermeier, R.A. 1984. Distribution of the South American Chelid Turtles *Platemys radiolata* and *P. spixii*. *Copeia* 1984(3):780-786. www.jstor.org/stable/1445169.

Ribeiro, S.; Gomes, J.O.; Silva, H.L.R.; Cintra, C.E.D. & Silva Jr., N.J. 2016. A new two-pored species of *Amphisbaena* (Squamata, Amphisbaenidae) from the Brazilian Cerrado, with a key to the two-pored species of *Amphisbaena*. *Zootaxa* 4147(2):124-142. http://doi.org/10.11646/zootaxa.4147.2.2.

Ribeiro, S.; Silveira, A.L. & Santos-Jr., A.P. 2018. A New Species of *Leposternon* (Squamata: Amphisbaenidae) from Brazilian Cerrado with a Key to Pored Species. *Journal of Herpetology* 52(1):50-58. http://doi.org/10.1670/16-125.

Ribeiro-Júnior, M.A. 2015a. Catalogue of distribution of lizards (Reptilia: Squamata) from the Brazilian Amazonia. II. Gekkonidae, Phyllodactylidae, Sphaerodactylidae. *Zootaxa* 3981(1):001-055. http://doi.org/10.11646/zootaxa.3981.1.1.

Ribeiro-Júnior, M.A. 2015b. Catalogue of distribution of lizards (Reptilia: Squamata) from the Brazilian Amazonia. I. Dactyloidae, Hoplocercidae, Iguanidae, Leiosauridae, Polychrotidae, Tropiduridae. *Zootaxa* 3983(3):001-110. http://doi.org/10.11646/zootaxa.3983.1.1.

Ribeiro-Júnior, M.A. & Amaral, S. 2016. Catalogue of distribution of lizards (Reptilia: Squamata) from the Brazilian Amazonia. III. Anguidae, Scincidae, Teiidae. *Zootaxa* 4205(5):401-430. http://doi.org/10.11646/zootaxa.4205.5.1.

Ribeiro-Júnior, M.A. & Amaral, S. 2017. Catalogue of distribution of lizards (Reptilia: Squamata) from the Brazilian Amazonia. IV. Alopoglossidae, Gymnophthalmidae. *Zootaxa* 4269(2):151-196. http://doi.org/10.11646/zootaxa.4269.2.1.

Ribeiro-Júnior, M.A.; Silva, M.B. & Lima, J.D. 2016. A New Species of *Bachia* Gray 1845 (Squamata: Gymnophthalmidae) from the Eastern Guiana Shield. *Herpetologica* 72(2):148-156. http://doi.org/10.1655/HERPETOLOGICA-D-15-00030.

Riedl-Dorn, C. 1999. Johann Natterer e a Missão Austríaca para o Brasil. Rio de Janeiro, Editora Index, 192 pp.

Roberto, I.J. & Loebmann, D. 2016. Composition, distribution patterns, and conservation priority areas for the herpetofauna of the state of Ceará, northeastern Brazil. *Salamandra* 52(2):134-152. www.salamandra-journal.com/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=569&Itemid=80.

Rodrigues, J.F.M. & Silva, J.R.F. 2015. Sexual dimorphism, deformations, and epibionts of *Phrynops tuberosus* (Testudines, Chelidae). *Animal Biology* 65:311-320. http://doi.org/10.1163/15707563-00002480.

Rodrigues, M.T.; Recoder, R.; Teixeira Jr., M.; Roscito, J.G.; Guerrero, A.C.; Nunes, P.M.S.; Freitas, M.A.; Fernandes, D.S.; Bocchiglieri, A.; Dal Vechio, F.; Leite, F.S.F.; Nogueira, C.C.; Damasceno, R.; Pellegrino, K.C.M.; Argôlo, A.J.S. & Amaro, R.C. 2017. A morphological and molecular study of *Psilops*, a replacement name for the Brazilian microteiid lizard genus *Psilophthalmus* Rodrigues 1991 (Squamata, Gymnophthalmidae), with the description of two new species. *Zootaxa* 4286(4):451-482. http://doi.org/10.11646/zootaxa.4286.4.1.

Santos, G.S.; Lema, T.; Winck, G.R.; Cechin, S.Z. & Boelter, R.A. 2013. Distribution extension of the yellow anaconda *Eunectes notaeus* Cope,

1862 (Squamata: Boidae) in the state of Rio Grande do Sul, Brazil. *Check List* 9(3):660-662. http://doi.org/10.15560/9.3.660.

São-Pedro, V.A.; Costa, H.C. & Feio, R.N. 2009. *A Herpetofauna do AHE Dardanelos, Aripuanã, Mato Grosso*. Viçosa, Universidade Federal de Viçosa, 42 pp.

Savage, J.M. 2002. *The Amphibians and Reptiles of Costa Rica, a Herpetofauna between Two Continents, between Two Seas*. Chicago, The University of Chicago Press, xx + 934 pp.

Savage, J.M. 2017. Crocodilian Confusion: The Order-group Names Crocodyli, Crocodilia, Crocodylia, and the Authorship of the Family-group Name Crocodilidae or Crocodylidae. *Herpetological Review* 48(1):110-114.

Savage, J.M.; Campbell, J.A. & Lamar, W.W. 2005. On Names for Neotropical Rattlesnakes (Reptilia: Serpentes: Viperidae: *Crotalus*). *Herpetological Review* 36(4):369-371.

SBH – Sociedade Brasileira de Herpetologia. 2006. Lista de espécies de répteis do Brasil. Disponível em www.sbherpetologia.org.br/lista_repteis/ListaRepteis03Outubro2006.pdf. Acessado em 22 de novembro de 2016.

Scartozzoni, R.R. 2005. *Morfologia de serpentes aquáticas neotropicais: um estudo comparativo*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 102 pp.

Schmidt, K.P. & Inger, R.F. 1951. Amphibians and Reptiles of the Hopkins-Branner Expedition to Brazil. *Fieldiana Zoology* 31(42):439-465. www.biodiversitylibrary.org/item/21242.

Siciliano, S.; Moura, J.F.; Tavares, D.C.; Amorim, C.E.S. & Matias, C.A.R. 2014. On the intriguing occurrence of *Rhinoclemmys punctularia* (Daudin, 1801) in coastal plains of eastern Rio de Janeiro, Brazil. *Herpetology Notes* 7:667-671. www.biotaxa.org/hn/article/view/8559/10469.

Silva Jr., N.J. 1993. The snakes from Samuel hydroelectric power plant and vicinity, Rondônia, Brazil. *Herpetological Natural History* 1(1):37-86.

Silva Jr., N.J.; Pires, M.G. & Feitosa, D.T. 2016. Diversidade de cobras-corais do Brasil; p. 71-160. *In:* Silva Jr., N.J. (Org.). *As cobras-corais do Brasil: biologia, taxonomia, venenos e envenenamentos*. Editora da PUC Goiás, Goiânia.

Silva Jr., N.J.; Silva, H.L.R.; Ribeiro, R.S.; Souza, I. & Souza, C.A. 2005. Uma nova espécie do gênero *Atractus* Wagler, 1928 (Colubridae: Dipsadinae) do Cerrado do Brasil central. *Papéis Avulsos de Zoologia* 45(3):33-39. http://doi.org/10.1590/S0031-10492005000300001.

Silva, M.B.; Ribeiro-Júnior, M.A. & Avila-Pires, T.C.S. 2018. A New Species of *Tupinambis* Daudin, 1802 (Squamata: Teiidae) from Central South America. *Journal of Herpetology* 52(1):94-110. http://doi.org/10.1670/16-036.

Silva, V.X. & Rodrigues, M.T. 2008. Taxonomic revision of the *Bothrops neuwiedi* complex (Serpentes, Viperidae) with description of a new species. *Phyllomedusa* 7(1):45-90. http://doi.org/10.11606/issn.2316-9079.v7i1p45-90.

Souza, F.L. 2005. Geographical distribution patterns of South American side-necked turtles (Chelidae), with emphasis on Brazilian species. *Revista Española de Herpetologia* 19:33-46. www.herpetologica.org/revespherp/vol19_2005/rev19_text_33-46.pdf.

Souza, F.L.; Uetanabaro, M.; Landgref-Filho, P.; Piatti, L. & Prado, C.P.A. 2010. Herpetofauna, municipality of Porto Murtinho, Chacoregion, state of Mato Grosso do Sul, Brazil. *Check List* 6(3):470-475. www.checklist.org.br/getpdf?SL013-10.

Straube, F.C. 1993. Revisão do itinerário da Expedição Natterer ao Estado do Paraná. *Acta Biologica Leopoldensia* 15(1):5-20.

Straube, F.C. 2012. *Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 1 (1820-1834)*. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental, 241 pp.

Sturaro, M.J.; Avila-Pires, T.C.S. & Rodrigues, M.T. 2017. Molecular phylogenetic diversity in the widespread lizard *Cercosaura ocellata* (Reptilia: Gymnophthalmidae) in South America, *Systematics and Biodiversity* 15(6):532-540. http://doi.org/10.1080/14772000.2017.1284913.

Teixeira Jr., M.; Dal Vechio, F.; Mollo Neto, A. & Rodrigues, M.T. 2014. A New Two-Pored *Amphisbaena* Linnaeus, 1758, from Western Amazonia, Brazil (Amphisbaenia: Reptilia). *South American Journal of Herpetology* 9(1):62-74. http://doi.org/10.2994/SAJH-D-14-00004.1.

Tonini, J.F.R.; Carão, L.M.; Pinto, I.S.; Gasparini, J.L.; Leite, Y.L.R. & Costa, L.P. 2010. Non-volant tetrapods from Reserva Biológica de Duas Bocas, State of Espírito Santo, Southeastern Brazil. *Biota Neotropica* 10(3):339-351. http://doi.org/10.1590/S1676-06032010000300032.

Torres-Carvajal, O.; Lobos, S.E. & Venegas, P.J. 2015. Phylogeny of Neotropical *Cercosaura* (Squamata: Gymnophthalmidae) lizards. *Molecular Phylogenetics and Evolution* 93:281-288. http://doi.org/10.1016/j.ympev.2015.07.025.

Torres-Carvajal, O.; Lobos, S.E.; Venegas, P.J.; Chávez, G.; Aguirre-Peñafiel, V.; Zurita, D. & Echevarría, L.Y. 2016. Phylogeny and biogeography of the most diverse clade of South American gymnophthalmid lizards (Squamata, Gymnophthalmidae, Cercosaurinae). *Molecular Phylogenetics and Evolution* 99:63-75. http://doi.org/10.1016/j.ympev.2016.03.006.

Tucker, D.B.; Colli, G.R.; Giugliano, L.G.; Hedges, S.B.; Hendry, C.R.; Lemmon, E.M.; Lemmon, A.R.; Sites Jr., J.W. & Pyron, R.A. 2016. Methodological congruence in phylogenomic analyses with morphological support for teiid lizards (Sauria: Teiidae). *Molecular Phylogenetics and Evolution* 103:75-84. http://doi.org/10.1016/j.ympev.2016.07.002.

Turtle Taxonomy Working Group – TTWG [Rhodin, A.G.J.; Iverson, J.B.; Bour, R.; Fritz, U.; Georges, A.; Shaffer, H.B. & van Dijk, P.P. 2014. Turtles of the World: Annotated checklist and atlas of taxonomy, synonymy, distribution, and conservation status (8th Ed.); pp. 1-292. *In:* Rhodin, A.G.J.; Iverson, J.B.; van Dijk, P.P.; Saumure, R.A.; Buhlmann, K.A.; Pritchard, P.C.H. & Mittermeier, R.A. (Eds.). Conservation Biology of Freshwater Turtles and Tortoises: A Compilation Project of the IUCN/SSC Tortoise and Freshwater Turtle Specialist Group. *Chelonian Research Monographs* 7. http://doi.org/10.3854/crm.7.checklist.atlas.v8.2017.

Uetz, P. & Hošek, J. 2018. The Reptile Database. Acessado em 06 de março de 2018. www.reptile-database.org.

Uzzell, T.M. 1959. Teiid lizards of the genus *Placosoma*. *Occasional Papers of the Museum of Zoology, University of Michigan* 606:1-16. http://deepblue.lib.umich.edu/handle/2027.42/57043.

Uzzell, T.M. 1962. Additional notes on teiid lizards of the genus *Placosoma*. *Copeia* 1962(4):833-835. www.jstor.org/stable/1440686.

Uzzell, T.M. 1969. The status of the genera *Ecpleopus, Arthroseps* and *Aspidolaemus* (Sauria, Teiidae). *Postilla* 135:1-23. http://peabody.yale.edu/sites/default/files/documents/scientific-publications/ypmP135_1969.pdf.

Valle, M.F.; Marques, R. & Tinôco, M.S. 2016. Filling gaps in the disjunct distribution of *Rhinoclemmys punctularia* (Daudin, 1801) (Testudines: Geoemydidae) and first record from Bahia state, northeast Brazil. *Check List* 12(4):1951. http://doi.org/10.15560/12.4.1951.

Vanzolini, P.E. 1948. Notas sobre os ofídios e lagartos da Cachoeira de Emas, no Município de Pirassununga, Estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Biologia* 8(3):377-400.

Vanzolini, P.E. 1951. Contributions to the knowledge of the Brasilian lizards of the family Amphisbaenidae Gray, 1825. 6. On the geographical distribution and differentiation of *Amphisbaena fuliginosa* Linné. *Bulletin of the Museum of Comparative Zoology* 106:1-67. www.biodiversitylibrary.org/item/91660.

Vanzolini, P.E. 1977. *An Annotated Bibliography of the Land and Fresh-Water Reptiles of South America (1758-1975). Vol. I (1758-1900)*. Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 186 pp.

Vanzolini, P.E. 1978. *An Annotated Bibliography of the Land and Fresh-Water Reptiles of South America (1758-1975). Vol. II (1901-1975)*. Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 316 pp.

Vanzolini, P.E. 1986. *Levantamento herpetológico da área do Estado de Rondônia sob a influência da rodovia BR 364. Polonoreste/Ecologia Animal*. Relatório de Pesquisa nº 1, Brasília, CNPq, 50 pp.

Vanzolini, P.E. 1993. As viagens de Johann Natterer no Brasil, 1817-1835. *Papéis Avulsos de Zoologia* 38(3):17-60.

Vanzolini, P.E. 1997. The *silvestrii* species group of *Amphisbaena*, with the description of two new Brasilian species (Reptilia: Amphisbaenia). *Papéis Avulsos de Zoologia* 40:65-85.

Vanzolini, P.E. 2002. A second note on the geographical differentiation of *Amphisbaena fuliginosa* L., 1758 (Squamata, Amphisbaenidae), with a consideration of the forest refuge model of speciation. *Anais da Academia Brasileira de Ciências* 74(4):609-648. http://doi.org/10.1590/S0001-37652002000400006.

Vanzolini, P.E.; Ramos-Costa, A.M. & Vitt, L.J. 1980. *Répteis das Caatingas*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Ciencias, 161 pp.

Vidal, N.; Delmas, A.-S. & Hedges, S.B. 2007. The higher-level relationships of Alethinophidian snakes inferred from seven nuclear and mitochondrial genes; pp. 27-33. *In:* Henderson, R.W. & Powell, R. (Eds.), *Biology of the Boas and Pythons*. Eagle Mountain Publishing, Utah, EUA.

Wallach, V. 2016. Morphological review and taxonomic status of the *Epictia phenops* species group of Mesoamerica, with description of six new

species and discussion of South American *Epictia albifrons, E. goudotii,* and *E. tenella* (Serpentes: Leptotyphlopidae: Epictinae). *Mesoamerican Herpetology* 3(2):216-374. www.mesoamericanherpetology.com/uploads/3/4/7/9/34798824/wallach-epictia_paper.pdf.

Wüster, W.; Yrausquin, J.L. & Mijares-Urrutia, A. 2001. A new species of Indigo Snake from North-Western Venezuela (Serpentes: Colubridae: *Drymarchon*). *The Herpetological Journal* 11:157-165.

Yuki, R.N. & Lema, T. 2005. Análise comparativa entre as cobras d'água meridionais (*Helicops carinicaudus* (Wied, 1825) e *Helicops infrataeniatus* Jan, 1865), com a descrição do crânio e hemipênis (Serpentes: Colubridae: Xenodontinae). *Comunicacções do Museu de Ciência e Tecnologa da PUCRS, Série Zoologia* 18:85-128.

Yuki, R.N.; Rufino, N. & Costa, R.G.N. 1997. As *Spilotes pullatus* (Linnaeus, 1758) sem loreal, do Pará e extremo oeste do Maranhão, Brasil (Serpentes). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Zoologia* 13(1):25-29.

Zaher, H. 1996. A new genus and species of pseudoboine snake with a revision of the genus *Clelia* (Serpentes, Xenodontinae). *Bolletino dei Musei Regionale Sciencia naturali di Torino* 14 289-337.

Zaher, H.; Barbo, F.E.; Martínez, P.S.; Nogueira, C.; Rodrigues, M.T. & Sawaya, R.J. 2011. Répteis do Estado de São Paulo: conhecimento atual e perspectivas. *Biota Neotropica* 11(Supl. 1):67-81. http://doi.org/10.1590/S1676-06032011000500005.

Zaher, H.; Grazziotin, F.G.; Cadle, J.E.; Murphy, R.W. Moura-Leite, J.C. & Bonatto, S.L. 2009. Molecular phylogeny of advanced snakes (Serpentes, Caenophidia) with an emphasis on South American Xenodontines: a revised classification and descriptions of new taxa. *Papéis Avulsos de Zoologia* 44(11):115-153. http://doi.org/10.1590/S0031-10492009001100001.

Zheng, Y. & Wiens, J.J. 2016. Combining phylogenomic and supermatrix approaches, and a time-calibrated phylogeny for squamate reptiles (lizards and snakes) based on 52 genes and 4162 species. *Molecular Phylogenetics and Evolution* 94:537-547. http://doi.org/10.1016/j.ympev.2015.10.009.



Dendropsophus microps.

Répteis (795 spp. / 842 spp. + sspp.)

Testudines Batsch, 1788 (36 / 37)

Cryptodira Cope, 1869 (11 / 11)

Chelonioidea Oppel, 1811 (5 / 5)

Cheloniidae Oppel, 1811 (4 / 4)

Carettinae Gray, 1825 (3 / 3)

1. *Caretta caretta* (Linnaeus, 1758)
2. *Eretmochelys imbricata* (Linnaeus, 1766)
3. *Lepidochelys olivacea* (Eschscholtz, 1829)

Cheloniinae Oppel, 1811 (1 / 1)

4. *Chelonia mydas* (Linnaeus, 1758)

Dermochelyidae Fitzinger, 1843 (1 / 1)

5. *Dermochelys coriacea* (Vandelli, 1761)

Kinosternoidea Joyce, Parham & Gauthier, 2004 (1 / 1)

Kinosternidae Agassiz, 1857 (1 / 1)

Kinosterninae Agassiz, 1857 (1 / 1)

6. *Kinosternon scorpioides scorpioides* (Linnaeus, 1766)

Testudinoidea Fitzinger, 1826 (5 / 5)

Emydidae Rafinesque, 1815 (2 / 2)

Deirochelyinae Agassiz, 1857 (2 / 2)

7. *Trachemys adiutrix* Vanzolini, 1995
8. *Trachemys dorbigni* (Duméril & Bibron, 1835)

Geoemydidae Theobald, 1868 (1 / 1)

Rhinoclemmydinae Gray, 1873 (1 / 1)

9. *Rhinoclemmys punctularia punctularia* (Daudin, 1801)

Testudinidae Batsch, 1788 (2 / 2)

10. *Chelonoidis carbonarius* (Spix, 1824)
11. *Chelonoidis denticulatus* (Linnaeus, 1766)

Pleurodira Cope, 1864 (25 / 26)

Chelidae Gray, 1825 (20 / 21)

Chelinae Gray, 1825 (18 / 19)

12. *Acanthochelys macrocephala* (Rhodin, Mittermeier & McMorris, 1984)
13. *Acanthochelys radiolata* (Mikan, 1820)
14. *Acanthochelys spixii* (Duméril & Bibron, 1835)
15. *Chelus fimbriata* (Schneider, 1783)
16. *Mesoclemmys gibba* (Schweigger, 1812)
17. *Mesoclemmys heliostemma* (McCord, Joseph-Ouni & Lamar, 2001)
18. *Mesoclemmys hogei* (Mertens, 1967)
19. *Mesoclemmys nasuta* (Schweigger, 1812)
20. *Mesoclemmys perplexa* Bour & Zaher, 2005
21. *Mesoclemmys raniceps* (Gray, 1856)
22. *Mesoclemmys tuberculata* (Lüderwaldt, 1926)
23. *Mesoclemmys vanderhaegei* (Bour, 1973)
24. *Phrynops geoffroanus* (Schweigger, 1812)
25. *Phrynops hilarii* (Duméril & Bibron, 1835)
26. *Phrynops tuberosus* (Peters, 1870)
27. *Phrynops williamsi* Rhodin & Mittermeier, 1983
28. *Platemys platycephala platycephala* (Schneider, 1792)
29. *Platemys platycephala melanonota* Ernst, 1984
30. *Rhinemys rufipes* (Spix, 1824)

Hydromedusinae Baur, 1893 (2 / 2)

31. *Hydromedusa maximiliani* (Mikan, 1825)
32. *Hydromedusa tectifera* Cope, 1870

Podocnemididae Cope, 1869 (5 / 5)

33. *Peltocephalus dumerilianus* (Schweigger, 1812)
34. *Podocnemis erythrocephala* (Spix, 1824)
35. *Podocnemis expansa* (Schweigger, 1812)
36. *Podocnemis sextuberculata* Cornalia, 1849
37. *Podocnemis unifilis* Troschel, 1848

Crocodylia Deraniyagala, 1939* (6 / 6)

Alligatoroidea Gray, 1844* (6 / 6)

Alligatoridae Gray, 1844* (6 / 6)

Caimaninae Norell, 1988 (6 / 6)

38. *Caiman crocodilus crocodilus* (Linnaeus, 1758)
39. *Caiman latirostris* (Daudin, 1801)
40. *Caiman yacare* (Daudin, 1801)
41. *Melanosuchus niger* (Spix, 1825)
42. *Paleosuchus palpebrosus* (Cuvier, 1807)
43. *Paleosuchus trigonatus* (Schneider, 1801)

Squamata Oppel, 1811 (753 / 799)

"Lagartos" (276 / 282)

Gekkota Cuvier, 1817 (34 / 34)

Gekkonidae Gray, 1825 (6 / 6)

44. *Hemidactylus agrius* Vanzolini, 1978
45. *Hemidactylus brasilianus* (Amaral, 1935)
46. *Hemidactylus mabouia* (Moreau de Jonnès, 1818)
47. *Hemidactylus palaichthus* Kluge, 1969
48. *Lygodactylus klugei* (Smith, Martin & Swain, 1977)
49. *Lygodactylus wetzeli* (Smith, Martin & Swain, 1977)

Phyllodactylidae Gamble, Bauer, Greenbaum & Jackman, 2008 (12 / 12)

50. *Gymnodactylus amarali* Barbour, 1925
51. *Gymnodactylus darwinii* (Gray, 1845)
52. *Gymnodactylus geckoides* Spix, 1825
53. *Gymnodactylus guttulatus* Vanzolini, 1982
54. *Gymnodactylus vanzolinii* Cassimiro & Rodrigues, 2009
55. *Homonota uruguayensis* (Vaz-Ferreira & Sierra de Soriano, 1961)
56. *Phyllopezus lutzae* (Loveridge, 1941)
57. *Phyllopezus periosus* Rodrigues, 1986
58. *Phyllopezus pollicaris* (Spix, 1825)
59. *Phyllopezus przewalskii* Koslowsky, 1895
60. *Thecadactylus rapicauda* (Houttuyn, 1782)
61. *Thecadactylus solimoensis* Bergmann & Russell, 2007

Sphaerodactylidae Underwood, 1954 (16 / 16)

62. *Chatogekko amazonicus* (Andersson, 1918)
63. *Coleodactylus brachystoma* (Amaral, 1935)
64. *Coleodactylus elizae* Gonçalves, Torquato, Skuk & Sena, 2012
65. *Coleodactylus meridionalis* (Boulenger, 1888)
66. *Coleodactylus natalensis* Freire, 1999
67. *Coleodactylus septentrionalis* Vanzolini, 1980
68. *Gonatodes annularis* Boulenger, 1887
69. *Gonatodes eladioi* Nascimento, Avila-Pires & Cunha, 1987
70. *Gonatodes hasemani* Griffin, 1917
71. *Gonatodes humeralis* (Guichenot, 1855)
72. *Gonatodes nascimentoi* Sturaro & Avila-Pires, 2011
73. *Gonatodes tapajonicus* Rodrigues, 1980
74. *Lepidoblepharis heyerorum* Vanzolini, 1978
75. *Lepidoblepharis hoogmoedi* Avila-Pires, 1995
76. *Pseudogonatodes gasconi* Avila-Pires & Hoogmoed, 2000
77. *Pseudogonatodes guianensis* Parker, 1935

Scinciformata Vidal & Hedges, 2005 (15 / 15)

Lygosomoidea Mittleman, 1952 (15 / 15)

Mabuyidae Mittleman, 1952 (15 / 15)

Mabuyinae Mittleman, 1952 (14 / 14)

78. *Aspronema dorsivittatum* (Cope, 1862)

79. *Brasiliscincus agilis* (Raddi, 1823)
80. *Brasiliscincus caissara* (Rebouças-Spieker, 1974)
81. *Brasiliscincus heathi* (Schmidt & Inger, 1951)
82. *Copeoglossum arajara* (Rebouças-Spieker, 1981)
83. *Copeoglossum nigropunctatum* (Spix, 1825)
84. *Exila nigropalmata* (Andersson, 1918)
85. *Manciola guaporicola* (Dunn, 1935)
86. *Notomabuya frenata* (Cope, 1862)
87. *Panopa carvalhoi* (Rebouças-Spieker & Vanzolini, 1990)
88. *Psychosaura agmosticha* (Rodrigues, 2000)
89. *Psychosaura macrorhyncha* (Hoge, 1947)
90. *Varzea altamazonica* (Miralles, Barrio-Amorós, Rivas & Chaparro-Auza, 2006)
91. *Varzea bistriata* (Spix, 1825)

Trachylepidinae Hedges & Conn, 2012 (1 / 1)

92. *Trachylepis atlantica* (Schmidt, 1945)

Iguania Cope, 1864 (84 / 87)

Pleurodonta Cope, 1864 (84 / 87)

Dactyloidae Fitzinger, 1843 (18 / 18)

93. *Dactyloa dissimilis* (Williams, 1965)
94. *Dactyloa nasofrontalis* (Amaral, 1933)
95. *Dactyloa phyllorhina* (Myers & Carvalho, 1945)
96. *Dactyloa pseudotigrina* (Amaral, 1933)
97. *Dactyloa punctata* (Daudin, 1802)
98. *Dactyloa transversalis* (Duméril in Duméril & Duméril, 1851)
99. *Norops auratus* (Daudin, 1802)
100. *Norops bombiceps* (Cope, 1875)
101. *Norops brasiliensis* (Vanzolini & Williams, 1970)
102. *Norops chrysolepis* (Duméril & Bibron, 1837)
103. *Norops fuscoauratus* (D'Orbigny, 1837 *in* Duméril & Bibron, 1837)
104. *Norops meridionalis* (Boettger, 1885)
105. *Norops ortonii* (Cope, 1868)
106. *Norops planiceps* (Troschel, 1848)
107. *Norops scypheus* (Cope, 1864)
108. *Norops tandai* (Avila-Pires, 1995)
109. *Norops trachyderma* (Cope, 1875)
110. *Norops williamsii* (Bocourt, 1870)

Hoplocercidae Frost & Etheridge, 1989 (3 / 3)

111. *Enyalioides laticeps* (Guichenot, 1855)
112. *Enyalioides palpebralis* (Boulenger, 1883)
113. *Hoplocercus spinosus* Fitzinger, 1843

Iguanidae Gray, 1827 (1 / 1)

114. *Iguana iguana iguana* (Linnaeus, 1758)

Leiosauridae Frost, Etheridge, Janies & Titus, 2001 (14 / 14)

Enyaliinae Frost, Etheridge, Janies & Titus, 2001 (14 / 14)

115. *Anisolepis grilli* Boulenger, 1891
116. *Anisolepis longicauda* (Boulenger, 1891)
117. *Anisolepis undulatus* (Wiegmann, 1834)
118. *Enyalius bibronii* Boulenger, 1885
119. *Enyalius bilineatus* Duméril & Bibron, 1837
120. *Enyalius boulengeri* Etheridge, 1969
121. *Enyalius brasiliensis* (Lesson, 1828)
122. *Enyalius catenatus* (Wied, 1821)
123. *Enyalius erythroceneus* Rodrigues, Freitas, Silva & Bertolotto, 2006
124. *Enyalius iheringii* Boulenger, 1885
125. *Enyalius leechii* (Boulenger, 1885)
126. *Enyalius perditus* Jackson, 1978
127. *Enyalius pictus* (Schinz, 1822)
128. *Urostrophus vautieri* Duméril & Bibron, 1837

Liolaemidae Frost & Etheridge, 1989 (3 / 3)

129. *Liolaemus arambarensis* Verrastro, Veronese, Bujes & Dias-Filho, 2003
130. *Liolaemus lutzae* Mertens, 1938
131. *Liolaemus occipitalis* Boulenger, 1885

Polychrotidae Fitzinger, 1843 (3 / 3)

132. *Polychrus acutirostris* Spix, 1825
133. *Polychrus liogaster* Boulenger, 1908
134. *Polychrus marmoratus* (Linnaeus, 1758)

Tropiduridae Bell *in* Darwin, 1843 (42 / 45)

135. *Eurolophosaurus amathites* (Rodrigues, 1984)
136. *Eurolophosaurus divaricatus* (Rodrigues, 1986)
137. *Eurolophosaurus nanuzae* (Rodrigues, 1981)
138. *Plica plica* (Linnaeus, 1758)
139. *Plica umbra umbra* (Linnaeus, 1758)
140. *Plica umbra ochrocollaris* (Spix, 1825)
141. *Stenocercus albolineatus* Teixeira Jr., Prates, Nisa, Silva, Strüssmann & Rodrigues, 2015
142. *Stenocercus azureus* (Müller, 1882)
143. *Stenocercus caducus* (Cope, 1862)
144. *Stenocercus dumerilii* (Steindachner, 1867)
145. *Stenocercus fimbriatus* Avila-Pires, 1995
146. *Stenocercus quinarius* Nogueira & Rodrigues, 2006
147. *Stenocercus roseiventris* Duméril & Bibron, 1837
148. *Stenocercus sinesaccus* Torres-Carvajal, 2005
149. *Stenocercus squarrosus* Nogueira & Rodrigues, 2006
150. *Stenocercus tricristatus* (Duméril in Duméril & Duméril, 1851)
151. *Strobilurus torquatus* Wiegmann, 1834
152. *Tropidurus callathelys* Harvey & Gutberlet, 1998
153. *Tropidurus catalanensis* Gudynas & Skuk, 1983
154. *Tropidurus cocorobensis* Rodrigues, 1987
155. *Tropidurus chromatops* Harvey & Gutberlet, 1998
156. *Tropidurus erythrocephalus* Rodrigues, 1987
157. *Tropidurus etheridgei* Cei, 1982
158. *Tropidurus helenae* (Manzani & Abe, 1990)
159. *Tropidurus hispidus* (Spix, 1825)
160. *Tropidurus hygomi* Reinhardt & Luetken, 1861
161. *Tropidurus imbituba* Kunz & Borges-Martins, 2013
162. *Tropidurus insulanus* Rodrigues, 1987
163. *Tropidurus itambere* Rodrigues, 1987
164. *Tropidurus jaguaribanus* Passos, Lima & Borges-Nojosa, 2011
165. *Tropidurus lagunablanca* Carvalho, 2016
166. *Tropidurus montanus* Rodrigues, 1987
167. *Tropidurus mucujensis* Rodrigues, 1987
168. *Tropidurus oreadicus* Rodrigues, 1987
169. *Tropidurus pinima* (Rodrigues, 1984)
170. *Tropidurus psammonastes* Rodrigues, Kasahara & Yonenaga-Yasuda, 1988
171. *Tropidurus semitaeniatus* (Spix, 1825)
172. *Tropidurus sertanejo* Carvalho, Sena, Peloso, Machado, Montesinos, Silva, Campbell & Rodrigues, 2016
173. *Tropidurus spinulosus* (Cope, 1862)
174. *Tropidurus torquatus* (Wied, 1820)
175. *Uracentron azureum azureum* (Linnaeus, 1758)
176. *Uracentron azureum guentheri* Boulenger, 1895
177. *Uracentron azureum werneri* Mertens, 1925
178. *Uracentron flaviceps* (Guichenot, 1855)
179. *Uranoscodon superciliosus* (Linnaeus, 1758)

Anguimorpha Fürbringer, 1900 (6 / 6)

Anguidae Gray, 1825 (6 / 6)

Diploglossinae Boucourt 1873 (6 / 6)

180. *Diploglossus fasciatus* (Gray, 1831)
181. *Diploglossus lessonae* Peracca, 1890
182. *Ophiodes fragilis* (Raddi, 1820)
183. *Ophiodes enso* Entiauspe-Neto, Quintela, Regnet, Teixeira, Silveira & Loebmann, 2017
184. *Ophiodes striatus* (Spix, 1825)
185. *Ophiodes yacupoi* Gallardo, 1966

Lacertiformes Estes, de Queiroz & Gauthier *in* Estes & Pregill, 1988 (209 / 215)

Gymnophthalmoidea Fitzinger, 1826* (137 / 140)

Alopoglossidae Goicoechea, Frost, De la Riva, Pellegrino, Sites, Rodrigues & Padial, 2016* (4 / 4)

186. *Alopoglossus angulatus* (Linnaeus, 1758)
187. *Alopoglossus atriventris* Duellman, 1973
188. *Alopoglossus buckleyi* (O'Shaughnessy, 1881)
189. *Ptychoglossus brevifrontalis* Boulenger, 1912

Gymnophthalmidae Fitzinger, 1826 (91 / 94)

Gymnophthalminae Fitzinger, 1826 (36 / 36)

Gymnophthalmini Fitzinger, 1826 (21 / 21)

190. *Calyptommatus confusionibus* Rodrigues, Zaher & Curcio, 2001
191. *Calyptommatus leiolepis* Rodrigues, 1991
192. *Calyptommatus nicterus* Rodrigues, 1991
193. *Calyptommatus sinebrachiatus* Rodrigues, 1991
194. *Gymnophthalmus leucomystax* Vanzolini & Carvalho, 1991
195. *Gymnophthalmus underwoodi* Grant, 1958
196. *Gymnophthalmus vanzoi* Carvalho, 1997
197. *Micrablepharus atticolus* Rodrigues, 1996
198. *Micrablepharus maximiliani* (Reinhardt & Luetken, 1862)
199. *Nothobachia ablephara* Rodrigues, 1984
200. *Procellosaurinus erythrocercus* Rodrigues, 1991
201. *Procellosaurinus tetradactylus* Rodrigues, 1991
202. *Psilops mucugensis* Rodrigues, Recoder, Teixeira Jr., Roscito, Guerrero, Nunes, Freitas, Fernandes, Bocchiglieri, Dal Vechio, Leite, Nogueira, Damasceno, Pellegrino, Argôlo & Amaro, 2017
203. *Psilops paeminosus* (Rodrigues, 1991)*
204. *Psilops seductus* Rodrigues, Recoder, Teixeira Jr., Roscito, Guerrero, Nunes, Freitas, Fernandes, Bocchiglieri, Dal Vechio, Leite, Nogueira, Damasceno, Pellegrino, Argôlo & Amaro, 2017
205. *Scriptosaura catimbau* Rodrigues & Santos, 2008
206. *Tretioscincus agilis* (Ruthven, 1916)
207. *Tretioscincus oriximinensis* Avila-Pires, 1995
208. *Vanzosaura multiscutata* (Amaral, 1933)
209. *Vanzosaura rubricauda* (Boulenger, 1902)
210. *Vanzosaura savanicola* Recoder, Werneck, Teixeira Jr., Colli, Sites & Rodrigues, 2014

Heterodactylini Goicoechea, Frost, De la Riva, Pellegrino, Sites, Rodrigues & Padial, 2016* (6 / 6)

211. *Caparaonia itaiquara* Rodrigues, Cassimiro, Pavan, Curcio, Verdade & Pellegrino, 2009
212. *Colobodactylus dalcyanus* Vanzolini & Ramos, 1977
213. *Colobodactylus taunayi* Amaral, 1933
214. *Heterodactylus imbricatus* Spix, 1825
215. *Heterodactylus lundii* Reinhardt & Luetken, 1862
216. *Heterodactylus septentrionalis* Rodrigues, Freitas & Silva, 2009

Iphisini Gray, 1851 (9 / 9)

217. *Acratosaura mentalis* (Amaral, 1933)
218. *Acratosaura spinosa* Rodrigues, Cassimiro, Freitas & Silva, 2009
219. *Alexandresaurus camacan* Rodrigues, Pellegrino, Dixo, Verdade, Pavan, Argôlo & Sites, 2007
220. *Colobosaura modesta* (Reinhardt & Luetken, 1862)
221. *Iphisa elegans elegans* Gray, 1851
222. *Iphisa elegans soinii* Dixon, 1974
223. *Rondonops biscutatus* Colli, Hoogmoed, Cannatella, Cassimiro, Gomes, Ghellere, Nunes, Pellegrino, Salerno, Souza & Rodrigues, 2015
224. *Rondonops xanthomystax* Colli, Hoogmoed, Cannatella, Cassimiro, Gomes, Ghellere, Nunes, Pellegrino, Salerno, Souza & Rodrigues, 2015
225. *Stenolepis ridleyi* Boulenger, 1887

Cercosaurinae Gray, 1838 (54 / 57)

Cercosaurini Gray, 1838 (17 / 20)

226. *Cercosaura argulus* Peters, 1862*
227. *Cercosaura bassleri* Ruibal, 1952
228. *Cercosaura eigenmanni* (Griffin, 1917)
229. *Cercosaura ocellata ocellata* Wagler, 1830
230. *Cercosaura ocellata petersi* Ruibal, 1952
231. *Cercosaura oshaughnessyi* (Boulenger, 1885)
232. *Cercosaura parkeri* Ruibal, 1952
233. *Cercosaura quadrilineata* Boettger, 1876*
234. *Cercosaura schreibersii schreibersii* Wiegmann, 1834
235. *Cercosaura schreibersii albostrigata* (Griffin, 1917)
236. *Neusticurus bicarinatus* (Linnaeus, 1758)
237. *Neusticurus racenisi* Roze, 1958
238. *Neusticurus rudis* Boulenger, 1900
239. *Placosoma cipoense* Cunha, 1966
240. *Placosoma cordylinum cordylinum* Tschudi, 1847*
241. *Placosoma cordylinum champsonotus* (Werner, 1910)*
242. *Placosoma glabellum* (Peters, 1870)
243. *Placosoma limaverdorum* Borges-Nojosa, Caramaschi & Rodrigues, 2016
244. *Potamites ecpleopus* (Cope, 1875)*
245. *Potamites juruazensis* (Avila-Pires & Vitt, 1998)*

Bachiini Colli, Hoogmoed, Cannatella, Cassimiro, Gomes, Ghellere, Nunes, Pellegrino, Salerno, Souza & Rodrigues, 2015* (16 / 16)

246. *Bachia bresslaui* (Amaral, 1935)
247. *Bachia cacerensis* Castrillon & Strüssmann, 1998
248. *Bachia didactyla* Freitas, Strüssmann, Carvalho, Kawashita-Ribeiro & Mott, 2011
249. *Bachia dorbignyi* (Duméril & Bibron, 1839)
250. *Bachia flavescens* (Bonnaterre, 1789)
251. *Bachia geralista* Teixeira Jr., Recoder, Camacho, Sena, Navas & Rodrigues, 2013
252. *Bachia micromela* Rodrigues, Pavan & Curcio, 2007
253. *Bachia oxyrhina* Rodrigues, Camacho, Nunes, Recoder, Teixeira Jr., Valdujo, Ghellere, Mott & Nogueira, 2008
254. *Bachia panoplia* Thomas, 1965
255. *Bachia peruana* (Werner, 1901)
256. *Bachia psamophila* Rodrigues, Pavan & Curcio, 2007
257. *Bachia pyburni* Kizirian & McDiarmid, 1998
258. *Bachia remota* Ribeiro-Júnior, Silva & Lima, 2016
259. *Bachia scaea* Teixeira Jr., Dal Vechio, Nunes, Mollo Neto, Lobo, Storti, Gaiga, Dias & Rodrigues, 2013
260. *Bachia scolecoides* Vanzolini, 1961
261. *Bachia trisanale* (Cope, 1868)

Ecpleopodini Fitzinger, 1843* (21 / 21)

262. *Amapasaurus tetradactylus* Cunha, 1970
263. *Anotosaura collaris* Amaral, 1933
264. *Anotosaura vanzolinia* Dixon, 1974

265. *Arthrosaura kockii* (Lidth de Jeude, 1904)
266. *Arthrosaura reticulata* (O'Shaughnessy, 1881)
267. *Colobosauroides carvalhoi* Soares & Caramaschi, 1998
268. *Colobosauroides cearensis* Cunha, Lima-Verde & Lima, 1991
269. *Dryadosaura nordestina* Rodrigues, Freire, Pellegrino & Sites, 2005
270. *Ecpleopus gaudichaudii* Duméril & Bibron, 1839
271. *Leposoma annectans* Ruibal, 1952
272. *Leposoma baturitensis* Rodrigues & Borges, 1997
273. *Leposoma nanodactylus* Rodrigues, 1997
274. *Leposoma puk* Rodrigues, Dixo, Pavan & Verdade, 2002
275. *Leposoma scincoides* Spix, 1825
276. *Leposoma sinepollex* Rodrigues, Teixeira Jr., Recoder, Dal Vechio, Damasceno & Pellegrino, 2013
277. *Loxopholis ferreirai* (Rodrigues & Avila-Pires, 2005)*
278. *Loxopholis guianense* (Ruibal, 1952)*
279. *Loxopholis osvaldoi* (Avila-Pires, 1995)*
280. *Loxopholis percarinatum* (Müller, 1923)*
281. *Loxopholis snethlageae* (Avila-Pires, 1995)*
282. *Marinussaurus curupira* Peloso, Pellegrino, Rodrigues & Avila-Pires, 2011

Rhachisaurinae Pellegrino, Rodrigues, Yonenaga-Yassuda & Sites, 2001 (1 / 1)

283. *Rhachisaurus brachylepis* (Dixon, 1974)

Teiidae Gray, 1827 (42 / 42)

Teiinae Gray, 1827 (30 / 30)

284. *Ameiva ameiva ameiva* (Linnaeus, 1758)
285. *Ameiva jacuba* Giugliano, Nogueira, Valdujo, Collevatti & Colli, 2013
286. *Ameiva parecis* (Colli, Costa, Garda, Kopp, Mesquita, Péres, Valdujo, Vieira & Wiederhecker, 2003)
287. *Ameivula cipoensis* Arias, Carvalho, Zaher & Rodrigues, 2014
288. *Ameivula confusioniba* (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011)
289. *Ameivula jalapensis* (Colli, Giugliano, Mesquita & França, 2009)
290. *Ameivula mumbuca* (Colli, Caldwell, Costa, Gainsbury, Garda, Mesquita, Filho, Soares, Silva, Valdujo, Vieira, Vitt, Werneck, Wiederhecker & Zatz, 2003)
291. *Ameivula nativo* (Rocha, Bergallo & Peccinini-Seale, 1997)
292. *Ameivula nigrigula* (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011)
293. *Ameivula ocellifera* (Spix, 1825)
294. *Ameivula pyrrhogularis* (Silva e Avila-Pires, 2013)
295. *Ameivula xacriaba* Arias, Teixeira Jr., Recoder, Carvalho, Zaher & Rodrigues, 2014
296. *Cnemidophorus cryptus* Cole & Dessauer, 1993
297. *Cnemidphorus gramivagus* McCrystal & Dixon, 1987
298. *Cnemidophorus lemniscatus lemniscatus* (Linnaeus, 1758)
299. *Contomastix lacertoides* (Duméril & Bibron, 1839)
300. *Contomastix vacariensis* (Feltrim & Lema, 2000)
301. *Glaucomastix abaetensis* (Dias, Rocha & Vrcibradic, 2002)*
302. *Glaucomastix cyanura* (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011)*
303. *Glaucomastix littoralis* (Rocha, Araújo, Vrcibradic & Costa, 2000)*
304. *Glaucomastix venetacauda* (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011)*
305. *Kentropyx altamazonica* (Cope, 1875)
306. *Kentropyx calcarata* Spix, 1825
307. *Kentropyx paulensis* (Boettger, 1893)
308. *Kentropyx pelviceps* Cope, 1868
309. *Kentropyx striata* (Daudin, 1802)
310. *Kentropyx vanzoi* Gallagher & Dixon, 1980
311. *Kentropyx viridistriga* (Boulenger, 1894)
312. *Teius oculatus* (D'Orbigny & Bibron, 1837)
313. *Teius teyou* (Daudin, 1802)

Tupinambinae Bonaparte, 1831 (12 / 12)

314. *Crocodilurus amazonicus* Spix, 1825
315. *Dracaena guianensis* Daudin, 1801
316. *Dracaena paraguayensis* Amaral, 1950
317. *Salvator duseni* (Lönnberg *in* Lönnberg & Andersson, 1910)
318. *Salvator merianae* Duméril & Bibron, 1839
319. *Tupinambis cryptus* Murphy, Jowers, Lehtinen, Charles, Colli, Peres, Hendry & Pyron, 2016
320. *Tupinambis cuzcoensis* Murphy, Jowers, Lehtinen, Charles, Colli, Peres, Hendry & Pyron, 2016
321. *Tupinambis longilineus* Avila-Pires, 1995
322. *Tupinambis matipu* Silva, Ribeiro-Júnior & Avila-Pires, 2018
323. *Tupinambis palustris* Manzani & Abe, 2002
324. *Tupinambis quadrilineatus* Manzani & Abe, 1997
325. *Tupinambis teguixin* (Linnaeus, 1758)

Amphisbaenia Gray, 1844 (72 / 75)

Amphisbaenidae Gray, 1825 (72 / 75)

Amphisbaeninae Gray, 1825 (72 / 75)

326. *Amphisbaena absaberi* (Strüssmann & Carvalho, 2001)
327. *Amphisbaena acrobeles* (Ribeiro, Castro-Mello & Nogueira, 2009)
328. *Amphisbaena alba* Linnaeus, 1758
329. *Amphisbaena anaemariae* Vanzolini, 1997
330. *Amphisbaena anomala* (Barbour, 1914)
331. *Amphisbaena arda* Rodrigues, 2003
332. *Amphisbaena arenaria* Vanzolini, 1991
333. *Amphisbaena bahiana* Vanzolini, 1964
334. *Amphisbaena bedai* (Vanzolini, 1991)
335. *Amphisbaena bilabialata* (Stimson, 1972)
336. *Amphisbaena brasiliana* (Gray, 1865)
337. *Amphisbaena brevis* Strüssmann & Mott, 2009
338. *Amphisbaena caiari* Teixeira Jr., Dal Vechio, Mollo Neto & Rodrigues, 2014
339. *Amphisbaena camura* Cope, 1862
340. *Amphisbaena carli* Pinna, Mendonça, Bocchiglieri & Fernandes, 2010
341. *Amphisbaena carvalhoi* Gans, 1965
342. *Amphisbaena crisae* Vanzolini, 1997
343. *Amphisbaena cuiabana* (Strüssmann & Carvalho, 2001)
344. *Amphisbaena cunhai* Hoogmoed & Avila-Pires, 1991
345. *Amphisbaena darwinii* Duméril & Bibron, 1839
346. *Amphisbaena dubia* Müller, 1924
347. *Amphisbaena filiformis* Ribeiro, Gomes, Silva, Cintra & Silva Jr., 2016
348. *Amphisbaena frontalis* Vanzolini, 1991
349. *Amphisbaena fuliginosa fuliginosa* Linnaeus, 1758*
350. *Amphisbaena fuliginosa amazonica* Vanzolini, 1951*
351. *Amphisbaena fuliginosa varia* Laurenti, 1768*
352. *Amphisbaena fuliginosa wiedi* Vanzolini, 1951*
353. *Amphisbaena hastata* Vanzolini, 1991
354. *Amphisbaena heathi* Schmidt, 1936
355. *Amphisbaena hogei* Vanzolini, 1950
356. *Amphisbaena ibijara* Rodrigues, Andrade & Lima, 2003
357. *Amphisbaena ignatiana* Vanzolini, 1991
358. *Amphisbaena kingii* (Bell, 1833)
359. *Amphisbaena kraoh* (Vanzolini, 1971)
360. *Amphisbaena leeseri* Gans, 1964
361. *Amphisbaena leucocephala* Peters, 1878
362. *Amphisbaena littoralis* Roberto, Brito & Ávila, 2014
363. *Amphisbaena lumbricalis* Vanzolini, 1996
364. *Amphisbaena maranhensis* Gomes & Maciel, 2012

365. *Amphisbaena mensae* Castro-Mello, 2000
366. *Amphisbaena metallurga* Costa, Resende, Teixeira Jr., Dal Vechio & Clemente, 2015
367. *Amphisbaena mertensii* Strauch, 1881
368. *Amphisbaena miringoera* Vanzolini, 1971
369. *Amphisbaena mitchelli* Procter, 1923
370. *Amphisbaena munoai* Klappenbach, 1966
371. *Amphisbaena neglecta* Dunn & Piatt, 1936
372. *Amphisbaena nigricauda* Gans, 1966
373. *Amphisbaena persephone* Pinna, Mendonça, Bocchiglieri & Fernandes, 2014
374. *Amphisbaena pretrei* Duméril & Bibron, 1839
375. *Amphisbaena prunicolor* (Cope, 1885)
376. *Amphisbaena ridleyi* Boulenger, 1890
377. *Amphisbaena roberti* Gans, 1964
378. *Amphisbaena sanctaeritae* Vanzolini, 1994
379. *Amphisbaena saxosa* (Castro-Mello, 2003)
380. *Amphisbaena silvestrii* Boulenger, 1902
381. *Amphisbaena slevini* Schmidt, 1938
382. *Amphisbaena steindachneri* Strauch, 1881
383. *Amphisbaena supernumeraria* Mott, Rodrigues & Santos, 2009
384. *Amphisbaena talisiae* Vanzolini, 1995
385. *Amphisbaena trachura* Cope, 1885
386. *Amphisbaena tragorrhectes* Vanzolini, 1971
387. *Amphisbaena uroxena* Mott, Rodrigues, Freitas & Silva, 2008
388. *Amphisbaena vanzolinii* Gans, 1963
389. *Amphisbaena vermicularis* Wagler *in* Spix, 1824
390. *Leposternon cerradensis* Ribeiro, Vaz-Silva & Santos-Jr, 2008
391. *Leposternon infraorbitale* (Bertold, 1859)
392. *Leposternon kisteumacheri* Porto, Soares & Caramaschi, 2000
393. *Leposternon maximus* Ribeiro, Nogueira, Cintra, Silva Jr. & Zaher, 2011
394. *Leposternon microcephalum* Wagler *in* Spix, 1824
395. *Leposternon mineiro* Ribeiro, Silveira & Santos-Jr., 2018
396. *Leposternon octostegum* (Duméril *in* Duméril & Duméril, 1851)
397. *Leposternon polystegum* (Duméril *in* Duméril & Duméril, 1851)
398. *Leposternon scutigerum* (Hemprich, 1820)
399. *Leposternon wuchereri* (Peters, 1879)
400. *Mesobaena rhachicephala* Hoogmoed, Pinto, Rocha & Pereira, 2009

Serpentes Linnaeus, 1758 (405 / 442)

"Scolecophidia" Cope, 1864 (32 / 32)

Anomalepididae Taylor, 1939 (7 / 7)

401. *Liotyphlops beui* (Amaral, 1924)
402. *Liotyphlops caissara* Centeno, Sawaya & Germano, 2010
403. *Liotyphlops schubarti* Vanzolini, 1948
404. *Liotyphlops ternetzii* (Boulenger, 1896)
405. *Liotyphlops trefauti* Freire, Caramaschi & Argôlo, 2007
406. *Liotyphlops wilderi* (Garman, 1883)
407. *Typhlophis squamosus* (Schlegel, 1839)

Typhlopidae Merrem, 1820 (7 / 7)

Typhlopinae Merrem, 1820 (7 / 7)

408. *Amerotyphlops amoipira* (Rodrigues & Juncá, 2002)
409. *Amerotyphlops arenensis* Graboski, Pereira Filho, Silva, Prudente & Zaher, 2015
410. *Amerotyphlops brongersmianus* (Vanzolini, 1976)
411. *Amerotyphlops minuisquamus* (Dixon & Hendricks, 1979)
412. *Amerotyphlops paucisquamus* (Dixon & Hendricks, 1979)
413. *Amerotyphlops reticulatus* (Linnaeus, 1758)
414. *Amerotyphlops yonenagae* (Rodrigues, 1991)

Leptotyphlopidae Stejneger, 1892 (18 / 18)

Epictinae Hedges, Adalsteinsson, & Branch *in* Adalsteinsson, Branch, Trape, Vitt & Hedges, 2009* (18 / 18)

Epictini Hedges, Adalsteinsson, & Branch *in* Adalsteinsson, Branch, Trape, Vitt & Hedges, 2009* (18 / 18)

415. *Epictia albifrons* (Wagler in Spix, 1824)
416. *Epictia australis* (Freiberg & Orejas-Miranda, 1968)
417. *Epictia borapeliotes* (Vanzolini, 1996)
418. *Epictia clinorostris* Arredondo & Zaher, 2010
419. *Epictia munoai* (Orejas-Miranda, 1961)
420. *Epictia striatula* (Smith & Laufe, 1945)
421. *Epictia tenella* (Klauber, 1939)
422. *Epictia vellardi* (Laurent, 1984)
423. *Siagonodon acutirostris* Pinto & Curcio, 2011
424. *Siagonodon cupinensis* (Bailey & Carvalho, 1946)
425. *Siagonodon septemstriatus* (Schneider, 1801)
426. *Trilepida brasiliensis* (Laurent, 1949)
427. *Trilepida dimidiata* (Jan, 1861)
428. *Trilepida fuliginosa* (Passos, Caramaschi & Pinto, 2006)
429. *Trilepida jani* (Pinto & Fernandes, 2012)
430. *Trilepida koppesi* (Amaral, 1955)
431. *Trilepida macrolepis* (Peters, 1857)
432. *Trilepida salgueiroi* (Amaral, 1955)

Alethinophidia Hoffstetter, 1955 (373 / 410)

Amerophidia Vidal, Delmas & Hedges, 2007 (4 / 4)

Aniliidae Stejneger, 1907 (1 / 1)

433. *Anilius scytale* (Linnaeus, 1758)

Tropidophiidae Brongersma, 1951 (3 / 3)

434. *Tropidophis grapiuna* Curcio, Nunes, Argôlo, Skuk & Rodrigues, 2012
435. *Tropidophis paucisquamis* (Müller *in* Schenkel, 1901)
436. *Tropidophis preciosus* Curcio, Nunes, Argôlo, Skuk & Rodrigues, 2012

Afrophidia Vidal, Delmas & Hedges, 2007 (369 / 406)

Henophidia Hoffstetter, 1939 (12 / 13)

Booidea Gray, 1825 (12 / 13)

Boidae Gray, 1825 (12 / 13)

437. *Boa constrictor constrictor* Linnaeus, 1758
438. *Boa constrictor amarali* (Stull, 1932)
439. *Corallus batesii* (Gray, 1860)
440. *Corallus caninus* (Linnaeus, 1758)
441. *Corallus cropanii* (Hoge, 1954)
442. *Corallus hortulanus* (Linnaeus, 1758)
443. *Epicrates assisi* Machado, 1945
444. *Epicrates cenchria* (Linnaeus, 1758)
445. *Epicrates crassus* Cope, 1862
446. *Epicrates maurus* Gray, 1849
447. *Eunectes deschauenseei* Dunn & Conant, 1936
448. *Eunectes murinus* (Linnaeus, 1758)
449. *Eunectes notaeus* Cope, 1862

Caenophidia Hoffstetter, 1939 (357 / 393)

Colubridae Oppel, 1811 (35 / 39)

450. *Chironius bicarinatus* (Wied, 1820)
451. *Chironius brazili* Hamdan & Fernandes, 2015
452. *Chironius carinatus* (Linnaeus, 1758)
453. *Chironius diamantina* Fernandes & Hamdan, 2014
454. *Chironius exoletus* (Linnaeus, 1758)
455. *Chironius flavolineatus* (Jan, 1863)
456. *Chironius foveatus* Bailey, 1955

457. *Chironius fuscus* (Linnaeus, 1758)
458. *Chironius laevicollis* (Wied, 1824)
459. *Chironius laurenti* Dixon, Wiest & Cei, 1993
460. *Chironius maculoventris* Dixon, Wiest & Cei, 1993
461. *Chironius multiventris* Schmidt & Walker, 1943
462. *Chironius quadricarinatus* (Boie, 1827)
463. *Chironius scurrulus* (Wagler *in* Spix, 1824)
464. *Chironius septentrionalis* Dixon, Wiest & Cei, 1993
465. *Dendrophidion atlantica* Freire, Caramaschi & Gonçalves, 2010
466. *Dendrophidion dendrophis* (Schlegel, 1837)
467. *Drymarchon corais* (Boie, 1827)*
468. *Drymobius rhombifer* (Günther, 1860)
469. *Drymoluber brazili* (Gomes, 1918)
470. *Drymoluber dichrous* (Peters, 1863)
471. *Leptophis ahaetulla ahaetulla* (Linnaeus, 1758)
472. *Leptophis ahaetulla liocercus* (Wied, 1824)
473. *Leptophis ahaetulla marginatus* (Cope, 1862)
474. *Leptophis ahaetulla nigromarginatus* (Günther, 1866)
475. *Mastigodryas bifossatus* (Raddi, 1820)
476. *Mastigodryas boddaerti boddaerti* (Sentzen, 1796)
477. *Mastigodryas moratoi* Montingelli & Zaher, 2011
478. *Mastigodryas pleei* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
479. *Oxybelis aeneus* (Wagler *in* Spix, 1824)
480. *Oxybelis fulgidus* (Daudin, 1803)
481. *Phrynonax polylepis* (Peters, 1867)
482. *Rhinobothryum lentiginosum* (Scopoli, 1785)
483. *Simophis rhinostoma* (Schlegel, 1837)
484. *Spilotes pullatus pullatus* (Linnaeus, 1758)
485. *Spilotes sulphureus sulphureus* (Wagler *in* Spix, 1824)
486. *Spilotes sulphureus poecilostoma* (Wied, 1824)
487. *Tantilla boipiranga* Sawaya & Sazima, 2003
488. *Tantilla melanocephala* (Linnaeus, 1758)

Dipsadidae Bonaparte, 1838 (258 / 278)

Dipsadinae Bonaparte, 1838 (58 / 61)

Dipsadini Bonaparte, 1838 (55 / 57)

489. *Atractus albuquerquei* Cunha & Nascimento, 1983
490. *Atractus alphonsehogei* Cunha & Nascimento, 1983
491. *Atractus altagratiae* Passos & Fernandes, 2008
492. *Atractus badius* (Boie, 1827)
493. *Atractus boimirim* Passos, Prudente & Lynch, 2016
494. *Atractus caete* Passos, Fernandes, Bérnils & Moura-Leite, 2010
495. *Atractus caxiuana* Prudente & Santos-Costa, 2006
496. *Atractus edioi* Silva Jr., Silva, Ribeiro, Souza & Souza, 2005
497. *Atractus elaps* (Günther, 1858)
498. *Atractus flammigerus* (Boie, 1827)
499. *Atractus francoi* Passos, Fernandes, Bérnils & Moura-Leite, 2010
500. *Atractus guentheri* (Wucherer, 1861)
501. *Atractus hoogmoedi* Prudente & Passos, 2010
502. *Atractus insipidus* Roze, 1961
503. *Atractus latifrons* (Günther, 1868)
504. *Atractus maculatus* (Günther, 1858)
505. *Atractus major* Boulenger, 1894
506. *Atractus natans* Hoogmoed & Prudente, 2003
507. *Atractus occipitoalbus* (Jan, 1862)
508. *Atractus pantostictus* Fernandes & Puorto, 1994
509. *Atractus paraguayensis* Werner, 1924
510. *Atractus poeppigi* (Jan, 1862)
511. *Atractus potschi* Fernandes, 1995
512. *Atractus reticulatus* (Boulenger, 1885)
513. *Atractus riveroi* Roze, 1961
514. *Atractus ronnie* Passos, Fernandes & Borges-Nojosa, 2007
515. *Atractus schach* (Boie, 1827)
516. *Atractus serranus* Amaral, 1930
517. *Atractus snethlageae* Cunha & Nascimento, 1983
518. *Atractus spinalis* Passos, Teixeira Jr., Sena, Dal Vechio, Pinto, Mendonça, Cassimiro & Rodrigues, 2013
519. *Atractus surucucu* Prudente & Passos, 2008
520. *Atractus taeniatus* Griffin, 1916
521. *Atractus tartarus* Passos, Prudente & Lynch, 2016
522. *Atractus thalesdelemai* Passos, Fernandes & Zanella, 2005
523. *Atractus torquatus* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
524. *Atractus trihedrurus* Amaral, 1926
525. *Atractus trilineatus* Wagler, 1828
526. *Atractus zebrinus* (Jan, 1862)
527. *Atractus zidoki* Gasc & Rodrigues, 1979
528. *Dipsas albifrons* (Sauvage, 1884)
529. *Dipsas alternans* (Fischer, 1885)
530. *Dipsas bucephala bucephala* (Shaw, 1802)
531. *Dipsas catesbyi* (Sentzen, 1796)
532. *Dipsas incerta* (Jan, 1863)
533. *Dipsas indica indica* Laurenti, 1768
534. *Dipsas indica petersi* Hoge & Romano, 1976*
535. *Dipsas pavonina* Schlegel, 1837
536. *Dipsas sazimai* Fernandes, Marques & Argôlo, 2010
537. *Dipsas variegata* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
538. *Ninia hudsoni* Parker, 1940
539. *Sibon nebulatus* (Linnaeus, 1758)
540. *Sibynomorphus lavillai* Scrocchi, Porto & Rey, 1993
541. *Sibynomorphus mikanii mikanii* (Schlegel, 1837)
542. *Sibynomorphus mikanii septentrionalis* Cunha, Nascimento & Hoge, 1980
543. *Sibynomorphus neuwiedi* (Ihering, 1911)
544. *Sibynomorphus turgidus* (Cope, 1868)
545. *Sibynomorphus ventrimaculatus* (Boulenger, 1885)

Imantodini Myers, 2011 (3 / 4)

546. *Imantodes cenchoa* (Linnaeus, 1758)
547. *Imantodes lentiferus* (Cope, 1894)
548. *Leptodeira annulata annulata* (Linnaeus, 1758)
549. *Leptodeira annulata pulchriceps* Duellman, 1958

Xenodontinae Bonaparte, 1845 (197 / 214)

Amnesteophiini Myers, 2011 (1 / 1)

550. *Amnesteophis melanauchen* (Jan, 1863)

Caaeteboiini Zaher, Grazziotin, Cadle, Murphy, Moura-Leite & Bonatto, 2009 (1 / 1)

551. *Caaeteboia amarali* (Wettstein, 1930)

Echinantherini Zaher, Grazziotin, Cadle, Murphy, Moura-Leite & Bonatto, 2009 (15 / 15)

552. *Echinanthera amoena* (Jan, 1863)
553. *Echinanthera cephalomaculata* Di-Bernardo, 1994
554. *Echinanthera cephalostriata* Di-Bernardo, 1996
555. *Echinanthera cyanopleura* (Cope, 1885)
556. *Echinanthera melanostigma* (Wagler *in* Spix, 1824)
557. *Echinanthera undulata* (Wied, 1824)
558. *Taeniophallus affinis* (Günther, 1858)
559. *Taeniophallus bilineatus* (Fischer, 1885)
560. *Taeniophallus brevirostris* (Peters, 1863)

561. *Taeniophallus nicagus* (Cope, 1895)
562. *Taeniophallus occipitalis* (Jan, 1863)
563. *Taeniophallus persimilis* (Cope, 1869)
564. *Taeniophallus poecilopogon* (Cope, 1863)
565. *Taeniophallus quadriocellatus* Santos-Jr, Di-Bernardo & Lema, 2008
566. *Sordellina punctata* (Peters, 1880)

Elapomorphini Jan, 1862 (45 / 45)

567. *Apostolepis albicollaris* Lema, 2002
568. *Apostolepis ambiniger* (Peters, 1869)
569. *Apostolepis ammodites* Ferrarezzi, Barbo & Albuquerque, 2005
570. *Apostolepis arenaria* Rodrigues, 1992
571. *Apostolepis assimilis* (Reinhardt, 1861)
572. *Apostolepis barrioi* Lema, 1978
573. *Apostolepis borellii* Peracca, 1904
574. *Apostolepis cearensis* Gomes, 1915
575. *Apostolepis cerradoensis* Lema, 2003
576. *Apostolepis christineae* Lema, 2002
577. *Apostolepis dimidiata* (Jan, 1862)
578. *Apostolepis flavotorquata* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
579. *Apostolepis gaboi* Rodrigues, 1992
580. *Apostolepis goiasensis* Prado, 1942
581. *Apostolepis intermedia* Koslowsky, 1898
582. *Apostolepis lineata* Cope, 1887
583. *Apostolepis longicaudata* Gomes *in* Amaral, 1921
584. *Apostolepis mariae* Borges-Nojosa, Lima, Bezerra & Harris, 2016
585. *Apostolepis nelsonjorgei* Lema & Renner, 2004
586. *Apostolepis nigrolineata* (Peters, 1869)
587. *Apostolepis nigroterminata* Boulenger, 1896
588. *Apostolepis phillipsae* Harvey, 1999
589. *Apostolepis polylepis* Amaral, 1922
590. *Apostolepis quinquelineata* Boulenger, 1896
591. *Apostolepis quirogai* Giraudo & Scrocchi, 1998
592. *Apostolepis roncadori* Lema, 2016
593. *Apostolepis rondoni* Amaral, 1925
594. *Apostolepis serrana* Lema & Renner, 2006
595. *Apostolepis striata* Lema, 2004
596. *Apostolepis tertulianobeui* Lema, 2004
597. *Apostolepis thalesdelemai* Borges-Nojosa, Lima, Bezerra & Harris, 2016
598. *Apostolepis vittata* (Cope, 1887)
599. *Coronelaps lepidus* (Reinhardt, 1861)
600. *Elapomorphus quinquelineatus* (Raddi, 1820)
601. *Elapomorphus wuchereri* Günther, 1861
602. *Phalotris concolor* Ferrarezzi, 1994
603. *Phalotris labiomaculatus* Lema, 2002
604. *Phalotris lativittatus* Ferrarezzi, 1994
605. *Phalotris lemniscatus* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
606. *Phalotris matogrossensis* Lema, D'Agostini & Cappellari, 2005
607. *Phalotris mertensi* (Hoge, 1955)
608. *Phalotris multipunctatus* Puorto & Ferrarezzi, 1994
609. *Phalotris nasutus* (Gomes, 1915)
610. *Phalotris reticulatus* (Peters, 1860)
611. *Phalotris tricolor* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Hydrodynastini Zaher, Grazziotin, Cadle, Murphy, Moura-Leite & Bonatto, 2009 (3 / 3)

612. *Hydrodynastes bicinctus* (Herrmann, 1804)
613. *Hydrodynastes gigas* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
614. *Hydrodynastes melanogigas* Franco, Fernandes & Bentin, 2007

Hydropsini Dowling, 1975 (17 / 18)

615. *Helicops angulatus* (Linnaeus, 1758)
616. *Helicops apiaka* Kawashita-Ribeiro, Ávila & Morais, 2013
617. *Helicops carinicaudus* (Wied, 1824)
618. *Helicops gomesi* Amaral, 1922
619. *Helicops hagmanni* Roux, 1910
620. *Helicops infrataeniatus* (Jan, 1865)
621. *Helicops leopardinus* (Schlegel, 1837)
622. *Helicops modestus* Günther, 1861
623. *Helicops nentur* Costa, Santana, Leal, Koroiva & Garcia, 2016
624. *Helicops polylepis* Günther, 1861
625. *Helicops tapajonicus* Frota, 2005
626. *Helicops trivittatus* (Gray, 1849)
627. *Helicops yacu* Rossman & Dixon, 1975
628. *Hydrops caesurus* Scrocchi, Ferreira, Giraudo, Ávila & Motte, 2005
629. *Hydrops martii* (Wagler *in* Spix, 1824)
630. *Hydrops triangularis* (Wagler *in* Spix, 1824)
631. *Pseudoeryx plicatilis plicatilis* (Linnaeus, 1758)
632. *Pseudoeryx plicatilis mimeticus* Cope, 1885

Philodryadini Cope, 1886 (14 / 14)

633. *Ditaxodon taeniatus* (Peters *in* Hensel, 1868)
634. *Philodryas aestiva* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
635. *Philodryas agassizii* (Jan, 1863)
636. *Philodryas argentea* (Daudin, 1803)
637. *Philodryas arnaldoi* (Amaral, 1933)
638. *Philodryas georgeboulengeri* Grazziotin, Zaher, Murphy, Scrocchi, Benavides, Zhang & Bonatto, 2012
639. *Philodryas laticeps* Werner, 1900
640. *Philodryas livida* (Amaral, 1923)
641. *Philodryas mattogrossensis* Koslowsky, 1898
642. *Philodryas nattereri* Steindachner, 1870
643. *Philodryas olfersii* (Liechtenstein, 1823)
644. *Philodryas patagoniensis* (Girard, 1858)
645. *Philodryas psammophidea* Günther, 1872
646. *Philodryas viridissima* (Linnaeus, 1758)

Pseudoboini Bailey, 1967 (37 / 40)

647. *Boiruna maculata* (Boulenger, 1896)
648. *Boiruna sertaneja* Zaher, 1996
649. *Clelia clelia* (Daudin, 1803)
650. *Clelia hussami* Morato, Franco & Sanches, 2003
651. *Clelia plumbea* (Wied, 1820)
652. *Drepanoides anomalus* (Jan, 1863)
653. *Mussurana bicolor* (Peracca, 1904)
654. *Mussurana montana* (Franco, Marques & Puorto, 1997)
655. *Mussurana quimi* (Franco, Marques & Puorto, 1997)
656. *Oxyrhopus clathratus* Duméril, Bibron & Duméril, 1854
657. *Oxyrhopus formosus* (Wied, 1820)
658. *Oxyrhopus guibei* Hoge & Romano, 1978
659. *Oxyrhopus melanogenys melanogenys* (Tschudi, 1845)
660. *Oxyrhopus melanogenys orientalis* Cunha & Nascimento, 1983
661. *Oxyrhopus occipitalis* Wagler *in* Spix, 1824
662. *Oxyrhopus petolarius digitalis* (Reuss, 1834)
663. *Oxyrhopus rhombifer rhombifer* Duméril, Bibron & Duméril, 1854
664. *Oxyrhopus rhombifer inaequifasciatus* Werner, 1909
665. *Oxyrhopus rhombifer septentrionalis* Vellard, 1943
666. *Oxyrhopus trigeminus* Duméril, Bibron & Duméril, 1854
667. *Oxyrhopus vanidicus* Lynch, 2009

668. *Paraphimophis rusticus* (Cope, 1878)
669. *Phimophis guerini* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
670. *Phimophis guianensis* (Troschel, 1848)
671. *Pseudoboa coronata* Schneider, 1801
672. *Pseudoboa haasi* (Boettger, 1905)
673. *Pseudoboa martinsi* Zaher, Oliveira & Franco, 2008
674. *Pseudoboa neuwiedii* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
675. *Pseudoboa nigra* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
676. *Pseudoboa serrana* Morato, Moura-Leite, Prudente & Bérnils, 1995
677. *Rhachidelus brazili* Boulenger, 1908
678. *Rodriguesophis chui* (Rodrigues, 1993)
679. *Rodriguesophis iglesiasi* (Gomes, 1915)
680. *Rodriguesophis scriptorcibatus* (Rodrigues, 1993)
681. *Siphlophis cervinus* (Laurenti, 1768)
682. *Siphlophis compressus* (Daudin, 1803)
683. *Siphlophis leucocephalus* (Günther, 1863)
684. *Siphlophis longicaudatus* (Andersson, 1901)
685. *Siphlophis pulcher* (Raddi, 1820)
686. *Siphlophis worontzowi* (Prado, 1940)

Psomophini Zaher, Grazziotin, Cadle, Murphy, Moura-Leite & Bonatto, 2009 (3 / 3)

687. *Psomophis genimaculatus* (Boettger, 1885)
688. *Psomophis joberti* (Sauvage, 1884)
689. *Psomophis obtusus* (Cope, 1864)

Tachymenini Bailey, 1967 (18 / 18)

690. *Calamodontophis paucidens* (Amaral, 1935)
691. *Calamodontophis ronaldoi* Franco, Cintra & Lema, 2006
692. *Gomesophis brasiliensis* (Gomes, 1918)
693. *Ptychophis flavovirgatus* Gomes, 1915
694. *Thamnodynastes almae* Franco & Ferreira, 2003
695. *Thamnodynastes chaquensis* Bergna & Alvarez, 1993
696. *Thamnodynastes hypoconia* (Cope, 1860)
697. *Thamnodynastes lanei* Bailey, Thomas & Silva-Jr, 2005
698. *Thamnodynastes longicaudus* Franco, Ferreira. Marques & Sazima, 2003
699. *Thamnodynastes nattereri* (Mikan, 1828)
700. *Thamnodynastes pallidus* (Linnaeus, 1758)
701. *Thamnodynastes phoenix* Franco, Trevine, Montingelli & Zaher, 2017
702. *Thamnodynastes ramonriveroi* Manzanilla & Sánchez, 2005
703. *Thamnodynastes rutilus* (Prado, 1942)
704. *Thamnodynastes sertanejo* Bailey, Thomas & Silva-Jr, 2005
705. *Thamnodynastes strigatus* (Günther, 1858)
706. *Tomodon dorsatus* Duméril, Bibron & Duméril, 1854
707. *Tomodon ocellatus* Duméril, Bibron & Duméril, 1854

Tropidodryadini Zaher, Grazziotin, Cadle, Murphy, Moura-Leite & Bonatto, 2009 (2 / 2)

708. *Tropidodryas serra* (Schlegel, 1837)
709. *Tropidodryas striaticeps* (Cope, 1870)

Xenodontini Bonaparte, 1845 (38 / 51)

710. *Erythrolamprus aesculapii aesculapii* (Linnaeus, 1766)
711. *Erythrolamprus aesculapii venustissimus* (Wied, 1821)
712. *Erythrolamprus almadensis* (Wagler *in* Spix, 1824)
713. *Erythrolamprus atraventer* (Dixon & Thomas, 1985)
714. *Erythrolamprus breviceps* (Cope, 1860)
715. *Erythrolamprus carajasensis* (Cunha, Nascimento & Avila-Pires, 1985)
716. *Erythrolamprus cobella* (Linnaeus, 1758)
717. *Erythrolamprus dorsocorallinus* (Esqueda, Natera, La Marca & Ilija-Fistar, 2007)
718. *Erythrolamprus frenatus* (Werner, 1909)
719. *Erythrolamprus jaegeri jaegeri* (Günther, 1858)
720. *Erythrolamprus jaegeri coralliventris* (Boulenger, 1894)
721. *Erythrolamprus maryellenae* (Dixon, 1985)
722. *Erythrolamprus miliaris miliaris* (Linnaeus, 1758)
723. *Erythrolamprus miliaris amazonicus* (Dunn, 1922)
724. *Erythrolamprus miliaris chrysostomus* (Griffin, 1916)
725. *Erythrolamprus miliaris merremii* (Wied, 1821)
726. *Erythrolamprus miliaris orinus* (Cope, 1868)
727. *Erythrolamprus mossoroensis* (Hoge & Lima-Verde, 1973)
728. *Erythrolamprus oligolepis* (Boulenger, 1905)
729. *Erythrolamprus poecilogyrus poecilogyrus* (Wied, 1824)
730. *Erythrolamprus poecilogyrus caesius* (Cope, 1862)
731. *Erythrolamprus poecilogyrus schotti* (Schlegel, 1837)
732. *Erythrolamprus poecilogyrus sublineatus* (Cope, 1860)
733. *Erythrolamprus pygmaeus* (Cope, 1868)
734. *Erythrolamprus reginae macrosoma* (Amaral, 1935)*
735. *Erythrolamprus reginae semilineatus* (Wagler *in* Spix, 1824)
736. *Erythrolamprus semiaureus* (Cope, 1862)
737. *Erythrolamprus taeniogaster* (Jan, 1863)
738. *Erythropamprus trebbaui* (Roze, 1958)
739. *Erythrolamprus typhlus typhlus* (Linnaeus, 1758)
740. *Erythrolamprus typhlus brachyurus* (Cope, 1887)
741. *Erythrolamprus typhlus elaeoides* (Griffin, 1916)
742. *Erythrolamprus viridis viridis* (Günther, 1862)
743. *Erythrolamprus viridis praesinus* (Jan & Sordelli, 1866)
744. *Lygophis anomalus* (Günther, 1858)
745. *Lygophis dilepis* (Cope, 1862)
746. *Lygophis flavifrenatus* (Cope, 1862)
747. *Lygophis lineatus* (Linnaeus, 1758)
748. *Lygophis meridionalis* (Schenkel, 1901)
749. *Lygophis paucidens* Hoge, 1953
750. *Xenodon dorbignyi* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
751. *Xenodon guentheri* Boulenger, 1894
752. *Xenodon histricus* (Jan, 1863)
753. *Xenodon matogrossensis* (Scrocchi & Cruz, 1993)
754. *Xenodon merremii* (Wagler *in* Spix, 1824)
755. *Xenodon nattereri* (Steindachner, 1867)
756. *Xenodon neuwiedii* Günther, 1863
757. *Xenodon pulcher* (Jan, 1863)
758. *Xenodon rabdocephalus rabdocephalus* (Wied, 1824)
759. *Xenodon severus* (Linnaeus, 1758)
760. *Xenodon werneri* Eiselt, 1963

Xenodontinae *Incertae sedis* (3 / 3)

761. *Xenopholis scalaris* (Wucherer, 1861)
762. *Xenopholis undulatus* (Jensen, 1900)
763. *Xenopholis werdingorum* Jansen, Álvarez & Köhler, 2009

Dipsadidae *Incertae sedis* (3 / 3)

764. *Cercophis auratus* (Schlegel, 1837)
765. *Lioheterophis iheringi* Amaral, 1935
766. *Uromacerina ricardinii* (Peracca, 1897)

Elapidae Boie, 1827 (33 / 39)

Elapinae Boie, 1827 (33 / 39)

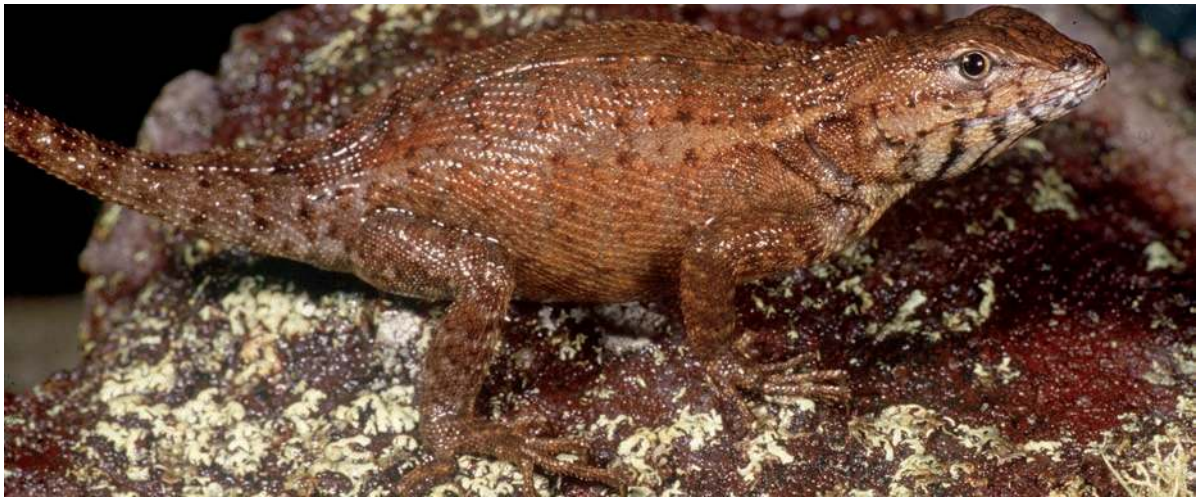
767. *Leptomicrurus collaris collaris* (Schlegel, 1837)
768. *Leptomicrurus narduccii melanotus* Roze & Bernal-Carlo, 1988
769. *Leptomicrurus scutiventris* (Cope, 1870)
770. *Micrurus albicinctus* Amaral, 1926
771. *Micrurus altirostris* (Cope, 1859)

772. *Micrurus annellatus annellatus* (Peters, 1871)
773. *Micrurus annellatus bolivianus* Roze, 1967
774. *Micrurus averyi* Schmidt, 1939
775. *Micrurus brasiliensis* Roze, 1967
776. *Micrurus corallinus* (Merrem, 1820)
777. *Micrurus decoratus* (Jan, 1858)
778. *Micrurus diana* Roze, 1983
779. *Micrurus diutius* Burger, 1955*
780. *Micrurus filiformis* (Günther, 1859)
781. *Micrurus frontalis* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
782. *Micrurus hemprichii hemprichii* (Jan, 1858)
783. *Micrurus hemprichii ortoni* Schmidt, 1953
784. *Micrurus ibiboboca* (Merrem, 1820)
785. *Micrurus isozonus* (Cope, 1860)
786. *Micrurus langsdorffi* Wagler *in* Spix, 1824
787. *Micrurus lemniscatus lemniscatus* (Linnaeus, 1758)
788. *Micrurus lemniscatus carvalhoi* Roze, 1967
789. *Micrurus lemniscatus helleri* Roze, 1967
790. *Micrurus mipartitus* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
791. *Micrurus nattereri* Schmidt, 1952
792. *Micrurus pacaraimae* Carvalho, 2002
793. *Micrurus paraensis* Cunha & Nascimento, 1973
794. *Micrurus potyguara* Pires, Silva, Feitosa, Prudente, Pereira Filho & Zaher, 2014
795. *Micrurus psyches* (Daudin, 1803)
796. *Micrurus putumayensis* Lancini, 1962
797. *Micrurus pyrrhocryptus* (Cope, 1862)
798. *Micrurus remotus* Roze, 1987
799. *Micrurus silviae* Di-Bernardo, Borges-Martins & Silva, 2007
800. *Micrurus spixii spixii* Wagler *in* Spix, 1824
801. *Micrurus spixii martiusi* Schmidt, 1953
802. *Micrurus spixii obscurus* Harvey, Aparicio & González, 2003
803. *Micrurus surinamensis* (Cuvier, 1817)
804. *Micrurus tikuna* Feitosa, Silva Jr., Pires, Zaher & Prudente, 2015
805. *Micrurus tricolor* Hoge, 1956

Viperidae Oppel, 1811 (31 / 37)

Crotalinae Oppel, 1811 (31 / 37)

806. *Bothrocophias hyoprora* (Amaral, 1935)
807. *Bothrocophias microphthalmus* (Cope, 1875)
808. *Bothrops alcatraz* Marques, Martins & Sazima, 2002
809. *Bothrops alternatus* Duméril, Bibron & Duméril, 1854
810. *Bothrops atrox* (Linnaeus, 1758)
811. *Bothrops bilineatus bilineatus* (Wied, 1821)
812. *Bothrops bilineatus smaragdinus* Hoge, 1966
813. *Bothrops brazili* Hoge, 1954
814. *Bothrops cotiara* (Gomes, 1913)
815. *Bothrops diporus* Cope, 1862
816. *Bothrops erythromelas* Amaral, 1923
817. *Bothrops fonsecai* Hoge & Belluomini, 1959
818. *Bothrops insularis* (Amaral, 1922)
819. *Bothrops itapetiningae* (Boulenger, 1907)
820. *Bothrops jararaca* (Wied, 1824)
821. *Bothrops jararacussu* Lacerda, 1884
822. *Bothrops leucurus* Wagler *in* Spix, 1824
823. *Bothrops lutzi* (Miranda-Ribeiro, 1915)
824. *Bothrops marajoensis* Hoge, 1966
825. *Bothrops marmoratus* Silva & Rodrigues, 2008
826. *Bothrops mattogrossensis* Amaral, 1925
827. *Bothrops moojeni* Hoge, 1966
828. *Bothrops muriciensis* Ferrarezzi & Freire, 2001
829. *Bothrops neuwiedi* Wagler *in* Spix, 1824
830. *Bothrops otavioi* Barbo, Grazziotin, Sazima, Martins & Sawaya, 2012
831. *Bothrops pauloensis* Amaral, 1925
832. *Bothrops pirajai* Amaral, 1923
833. *Bothrops pubescens* (Cope, 1870)
834. *Bothrops sazimai* Barbo, Gasparini, Almeida, Zaher, Grazziotin, Gusmão, Ferrarini & Sawaya, 2016
835. *Bothrops taeniatus* Wagler *in* Spix, 1824
836. *Crotalus durissus durissus* Linnaeus, 1758*
837. *Crotalus durissus cascavella* Wagler *in* Spix, 1824
838. *Crotalus durissus collilineatus* Amaral, 1926
839. *Crotalus durissus marajoensis* Hoge, 1966
840. *Crotalus durissus ruruima* Hoge, 1966
841. *Crotalus durissus terrificus* (Laurenti, 1768)
842. *Lachesis muta* (Linnaeus, 1766)



Eurolophosaurus nanuzae, Diamantina, MG. Foto: Magno Segalla.

George B. Rabb (1930-2017)

Phillip J. Bishop
Co-Chair IUCN SSC Amphibian Specialist Group/
Chief Scientist Amphibian Survival Alliance
Department of Zoology, University of Otago,
Dunedin, New Zealand

The amphibian conservation community is deeply saddened by the loss of one of its greatest and most supportive pioneers. George B. Rabb, President Emeritus of the Chicago Zoological Society, Brookfield Zoo's Director from 1976 to 2003 and one of the most influential leaders of amphibian conservation, died on 27 July 2017, aged 87. Dr. George Rabb, with his focus on amphibians, stands equal in our conservation world among other "giants" such as Jane Goodall and David Attenborough.

George was an intensely private person and when asked in an interview what his favourite animal was, he evaded the question by stating that there are three animals that are commonly associated with his name; the wolf, the okapi and the Surinam toad (*Pipa pipa*). It is with this latter species that I first came to know the name George B. Rabb. As a passionate student studying amphibian behavioural ecology for my PhD, it was with great delight that I read George's articles on the very interesting and unusual breeding behaviour of *Pipa pipa*.

George first described the development of the young *Pipa pipa* on the mother's back from some captive animals held at Brookfield Zoo in the late 1950s (Rabb and Snedigar, 1960). Perhaps the most interesting observations they made were the feeding of the young frogs while still in the maternal pouches and the apparent recognition of the young by the mother, who allowed the young to swim close to her mouth and forearms without attempting to eat them – usually a fatal manoeuvre for any similarly sized prey item. Early in 1960 this same pair of Surinam toads bred again and this time George and his wife camped out in front of the tank and managed to observe and film the whole oviposition procedure. During these observations the Rabbs described, for the first time, the unusual and unique upside-down egg-laying process in this fairly common species (a fascinatingly detailed account, with photographs and diagrams, can be found in Rabb and Rabb, 1960). George also went on to reveal the mechanism for the unusual sound production technique used by *Pipa pipa* (Rabb, 1960) and the first record of chemical attraction in amphibians (Rabb and Rabb, 1963). I can clearly remember reading these papers for the first time and feeling a sense of awe, not only for the amazingly complex and unusual behaviour of these fascinating toads but also with respect to the classical detailed description and interpretation by a world class naturalist. From that moment onwards George Rabb was one of my heros!

Two species of amphibians have been named after George.

1. The Guatemalan Bromeliad Salamander (*Chiropterotriton rabbi*) from western Guatemala was described by Lynch and Wake (1975) and reclassified as *Dendrotriton rabbi* by Wake and Elias (1983). Although locally common, it is described as an Endangered species and breeds by direct development in the subtropical-temperate forest transition zone.
2. Rabbs' Fringelimbed Treefrog (*Ecnomiohyla rabborum*) was described by Mendelson *et al.* (2008) for George and his wife Mary, in respect of all the efforts that the pair had made to conserve the thousands of species of frogs and salamanders threatened mainly by the active negligence of our own species. This species is a spectacular large gliding frog from the Panamanian forests of El Valle where it is believed to be endemic. George felt very honoured to have such an amazing species of frog named after him and his late wife. Unfortunately, this species is listed as Critically Endangered and is probably Extinct, and George was very dismayed when the last remaining specimen (named 'Toughie') died in 2016 in captivity-it was most likely the last one of the species-just as George was the last one of a kind. On hearing about the frog's death, George ensured me that the body was quickly transferred to the Frozen Zoo at San Diego Zoo and asked me to convey his thanks to Joe Mendelson and his co-authors Jay Savage, Edgardo Griffith, Heidi Ross, Brian Kubicki and Ron Gagliardo for naming this species in his

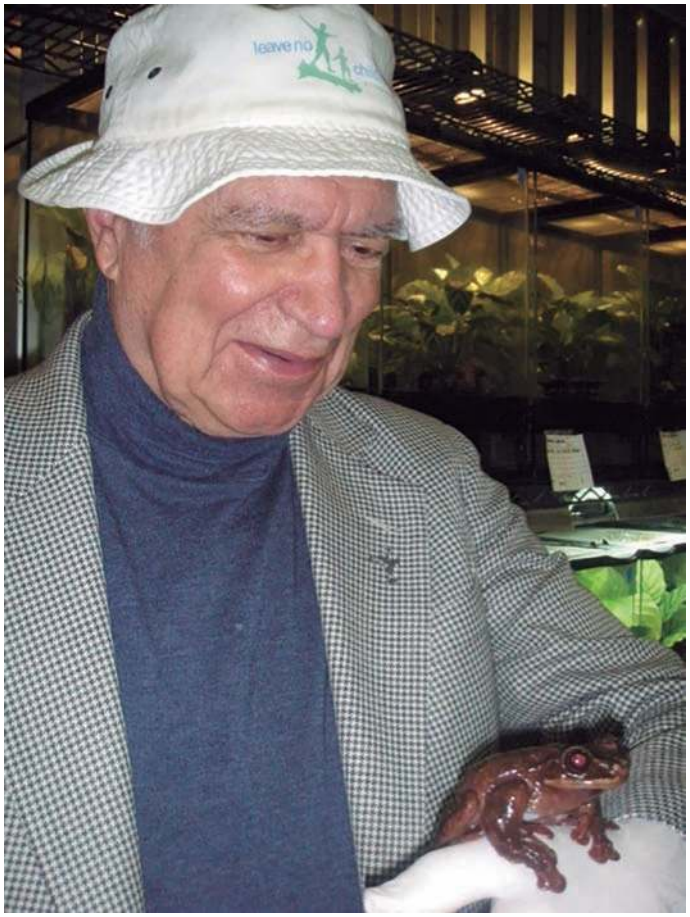


Figure 1: George Rabb and the frog *Ecnomiohyla rabborum* that was named in honour of him and his wife. Photo: Lara Long.

honour in their wonderfully illustrated description in the Journal of Herpetology.

"George was the first person in the conservation movement to draw attention to the global phenomenon of amphibian declines and was instrumental in establishing the SSC DAPTF. Now, amphibian extinctions are widely seen as the most serious and visible expression of the worldwide extinction crisis".
David Brackett (Chair IUCN SSC, 1996-2004)

Many of us will know George's name in relation to amphibian conservation where he made his largest contribution. George was extremely passionate about saving amphibians from extinction, and despite being quite shy and reserved, he managed to play a significant leadership role in amphibian conservation. George was involved with amphibian conservation from the very beginning – he was one of the first herpetologists to respond to the crisis when it was first mooted at the First World Congress of Herpetology in 1989. While the news about dramatic global amphibian declines might have shocked or paralysed many amphibian biologists, George quietly went into action and working closely with David Wake, they formed the Declining Amphibian Populations Task Force (DAPTF) in 1990 to determine if the amphibian declines were a real phenomenon and, if so, what were the main drivers. George has subsequently been actively involved (many times by supporting these efforts with generous funding from his own pocket) in every aspect of amphibian conservation. He was involved in the Global Amphibian Assessment, the founding of the Amphibian Ark, the transformation of the DAPTF into the IUCN SSC Amphibian Specialist Group, numerous Amphibian Conservation Summits, the production of the Amphibian Conservation Action Plan (ACAP), the formation of the Amphibian Survival Alliance (ASA) and shortly before his death the updating of the latest ACAP.

From an email George sent to me a couple of years ago……



Figure 2: George Rabb with members of the ASA/ASG team. From left to right Phil Bishop, George Rabb, Ariadne Angulo and Helen Meredith. Photo: Debbie Bishop.

"Thanks Phil. As I recall, we all agreed the ACAP itself needs revamping, especially in terms of fundable programs and projects and the new knowledge that has been gained in the last 7 years. And my great appreciation of your own commitment of time and energy to the cause for which ASA was created! THANKS! – George"

George was also particularly worried about the amphibian chytrid fungus and it was remarkable that even in his final years he would stay on top of the scientific literature and would often send me subtle reminders, asking me if I had seen the latest chytrid paper and attaching it 'just in case' I had missed it! After I sent him the proposal I had prepared for a brainstorming session on Amphibian Conservation to be held at the IUCN World Conservation Congress in Hawai'i in 2016 George simply replied *"Thanks, Phil. I still feel we need to get disease organisms in there. – George"!* We continue to encourage research on emerging infectious amphibian diseases and this important aspect is recognised in the ASA Strategic Plan as one of the five key priorities for amphibian conservation.

There is no doubt that George Rabb was the founding father, and greatest supporter, of the Amphibian Conservation movement. To recognise the huge impact that George had on amphibian conservation, Synchronicity Earth has set up an Amphibian Fund in George's name (with his blessing shortly before he died) and will use this money to continue with George's dreams *"for the conservation of a wonderful class of animals"* (see www.synchronicityearth.org/our-work/funding/expendable-endowments/the-amphibian-fund for more details).

George was always ahead of his time and during his career he worked hard to change zoos from natural history collections to holistically engaged conservation centres. He felt that zoos had an important role to play in ex situ conservation and in engaging young people to care for the natural world. At Brookfield Zoo he established the Hamill Family Play Zoo which was designed to engage children in a playful setting to find out about the natural world and how they relate to it – this has been emulated by other zoos around the world like London Zoo. In an unusually entitled paper 'God, Unicorns, and Toilets: Mission Inspired evaluation' George says *"lf one cares enough to provide clean restrooms for the zoo's guests, welcoming them to return, should we not also care enough to really serve our conservation mission by examining how to manifest it throughout our strategic thinking and operations? lf not we may be flushing both our energies and ideals down the toilet. And, in that case, whatever feelings He may have held on evaluation of His works, God help us!"* (Rabb and Saunders, 1999 p. 359).

In an interview with George he was asked about what he would like to be remembered for and he replied that he wanted to be "remembered fondly, and as a mentor, in particular he was proud of Richard Bodmer and his remarkable efforts in South America…". I contacted Bodmer and asked him to say a few words about George – *"In my early career he was the greatest influence to me and he was my most important mentor who guided me to focus on tropical conservation"* (Dr. Richard Bodmer, Honorary Professor in Conservation Ecology, DICE, University of Kent). I feel that for those of us who were lucky enough to know George he is always remembered fondly and always as a

great mentor; George inspired me and challenged me to do better, and I know this is true for so many other people.

On a personal note, while I read a lot of George's papers during my PhD studies, unfortunately, I only got to know him in the last 10 years. When I visited him in Chicago in 2011 I was very impressed that at the age of 81 he collected me from the airport in his own car, lined up the large American beast of a car so that the centre line was in the middle of the hood (bonnet), and off we went through the Chicago traffic! George had a very quiet, unassuming personality but he was incredibly sharp and always knew the exact time to make the most significant point during a meeting.

The amphibians have lost a champion, the greatest and most passionate champion they have ever had, and it's up to us to carry on in the legacy of the Great Dr. George Rabb.

Post-script:

A detailed account of George's life can be found in the excellent Historical Perspective written by Mitchell *et al.* (2015).

REFERENCES

Lynch, J.F. & Wake, D.B. 1975. Systematics of the *Chiropterotriton bromeliacia* group (Amphbia: Caudata), with description of two new species from Guatemala. *Contributions in Science, Natural History Museum of Los Angeles County* 265:1-45.

Mendelson III, J.R.; Savage, J.M.; Griffith, E.J.; Ross, H.; Kubicki, B. & Gagliardo, R. 2008. Spectacular new gliding species of *Ecnomiohyla* (Anura: Hylidae) from central Panama. *Journal of Herpetology* 42:750-759.

Mitchell, J.C.; Mendelson III, J.R. & Stewart, M.M. 2015. Historical Perspectives: George Bernard Rabb. Copeia, 2015(4):1086-1092.

Rabb, G.B. 1960. On the unique sound production of the Surinam toad, *Pipa pipa. Copeia,* 1960(4):368-369.

Rabb, G.B. & Rabb, M.S. 1960. On the Mating and Egg-Laying Behavior of the Surinam Toad, *Pipa pipa. Copeia,* 1960(4):271-276.

Rabb, G.B. & Rabb, M.S. 1963. Additional Observations on Breeding Behavior of the Surinam Toad, *Pipa pipa. Copeia,* 1963(4):636-642.

Rabb, G.B. & Saunders, C.D. 1999. God, Unicorns, and Toilets: Mission-inspired evaluation. *AZA Ann. Conf. Proc.* 1999:354-59.

Rabb, G.B. & Snedigar, R. 1960. Observations on Breeding and Development of the Surinam Toad, *Pipa pipa. Copeia,* 1960(1):40-44.

Wake, D.B. & Elias, P. 1983. New genera and new species of Central American salamanders, with a review of the tropical genera (Amphibia, Caudata, Plethodontidae). *Contributions in Science, Natural History Museum of Los Angeles County* 345:1-19.



Scinax perpusillus, Mogi das Cruzes, SP. Foto: Magno Segalla.

HERPETOLOGIA BRASILEIRA

Uma Publicação da Sociedade Brasileira de Herpetologia

Instruções para Autores

INSTRUÇÕES GERAIS

Para sugerir informação ou temas a serem incluídos nas seções de Notícias, Trabalhos Recentes e Mudanças Taxonômicas, entre em contato com os Editores responsáveis da seção correspondente.

Para todas as outras seções, os manuscritos devem ser submetidos via correio eletrônico para os Editores indicados para cada seção (*ver Corpo Editorial*). Os artigos devem ser escritos somente em português, exceto para as seções de História Natural e Métodos, que também publicarão contribuições em inglês. Todos os artigos devem incluir o título, os autores com filiação, o corpo do texto, os agradecimentos e a lista de referências bibliográficas. **Os manuscritos em inglês que não atingirem o nível de gramática e ortografia semelhante ao de uma pessoa nativa de pais de língua inglesa serão devolvidos para correção ou tradução para português.**

Referências Bibliográficas

As citações no texto devem ser organizadas primeiro em ordem cronológica e segundo em ordem alfabética, de acordo com o seguinte formato: Silva (1998)..., Silva (1999: 14-20)..., Silva (1998: figs. 1, 2)..., Silva (1998a, b)..., Silva e Oliveira (1998)..., (Silva e Oliveira, 1998a, b; Adams, 2000)..., (H. R. Silva, com. pess.)..., e Silva *et al.* (1998) para mais de dois autores.

A seção de Referências Bibliográficas deve ser organizada primeiro em ordem alfabética e, em seguida, em ordem cronológica, de acordo com o seguinte formato:

Artigo de revista:
Silva, H. R., H. Oliveira e S. Rangel. Ano. Título. *Nome completo da revista,* 00:000-000.

Livro:
Silva, H. R. Ano. Título. Editora, Lugar, 000 pp.

Capítulo em livro:
Silva, H. R. Ano. Título do capítulo; pp. 000-000. *In:* H. Oliveira, e S. Rangel (Eds.), Título do Livro. Editora, local.

Dissertações e teses:
Silva, H. R. Ano. Título. Tese de doutorado ou Dissertação de mestrado, Universidade, local, 000 pp.

Página de Internet:
Silva, H. R. Data da página. Título da seção ou página particular. Título da página geral. Data da consulta, URL.

Apêndices, tabelas, legendas das figuras

Esses itens devem ser organizados em sequência, depois das Referências Bibliografias.

Apêndices

Os apêndices devem ser numerados usando números romanos na mesma sequência em que aparecem no texto. Por exemplo, Apêndice I: Espécimes Examinados.

Tabelas

As tabelas devem ser numeradas na mesma sequência em que aparecem no texto. Devem ser formatadas com linhas horizontais e sem linhas verticais.

Figuras

As figuras devem ser numeradas na mesma sequência em que aparecem no texto. As legendas devem incluir informação suficiente para que sejam entendidas sem que seja necessária a leitura do corpo do texto. Figuras compostas devem ser submetidas como um arquivo único. Cada parte de uma figura composta deve ser identificada (preferencialmente com letra maiúscula Arial de tamanho 8-12 pontos) e descrita na legenda. As figuras devem ser submetidas em arquivos separados de alta resolução (300 dpi e tamanho de impressão de pelo menos 18 cm de largura) em formato JPG ou EPS.

Instruções especiais para Notas de História Natural

No corpo do texto, os autores devem indicar claramente a relevância da observação descrita. O uso de figuras deve ser encorajado. O título deve iniciar com a espécie alvo da nota, seguida pela posição taxonômica e pelo assunto (incluindo a identidade do predador, parasita etc., ao menor nível taxonômico possível). Veja exemplos neste número.



SBH
SOCIEDADE BRASILEIRA DE HERPETOLOGIA